

O Vampirismo

da lenda ao real



Roberto Ambelain

Título original: **Le vampirisme**

© 1977, Éditions Roberto Laffont, S.A., Paris

Senão farei ressuscitar os mortos pra que tomem a vida dos vivos e sobre os vivos multiplicar-se-ão esses mortos...

A descida de Istar aos infernos

Texto iniciático assírio

Sensacionais e recentes operações cirúrgicas levaram as mais altas autoridades médicas a admitir que a definição oficial de *morte legal*, que se apoiava, até então, na confirmação da parada absoluta do coração e da respiração, seria de rever, tendo em consideração a conclusão resultantes das referidas operações.

Que dizer da imputrescibilidade absoluta do corpo e do sangue, dos órgãos essenciais, derivada da secreção de óleos necessários a uma espécie de auto-embalsamamento. Que dizer da manutenção duma temperatura muitas vezes próxima da dos vivos, da flexibilidade dos membros, e isso muitos anos após o sepultamento (alguns casos remontam a cerca de 1800 anos)?

Todos os organismos colhem sua sobrevivência no meio ambiente. Não manterá ele uma atividade psíquica inconsciente e instintiva? Não se verificarão *saídas* do *duplo* análogas ao desdobramento dos vivos e talvez a fora e a longe do túmulo? É aqui que começa o grande mistério dessa hinterlândia...

É por isso que, nestas páginas, Roberto Ambelain aborda o problema de coma prolongado e também este, ao mesmo tempo fascinante e terrível, do vampirismo póstumo.

Introdução

Viverás! Viverás doravante sobre essa estranha ponte que começa onde acaba a vida e termina onde começa a morte...

As presas do vampiro

Argumento de Fernando Mendez

Narrativas autênticas atestam a surpreendente conservação de numerosos santos e santas que apresentam, além da morte, certas características inexplicadas da vida.

Mas não menos autênticos são os testemunhos que atestam o mesmo fenômeno em corpos de pessoas que nada nos permite colocar nessa categoria. Mais ainda: Algumas narrativas do século 18, com base jurídica e médicas tendem a afirmar e assegurar a crença no caráter eminentemente maléfico e perigoso aos seres vivos (homens e animais) dalgumas dessas *conservações* anormais, crença que geralmente se supõe supersticiosa e resultante, simplesmente, da lenda universal.

Finalmente, sensacionais e recentes operações cirúrgicas levaram as mais altas autoridades médicas a admitir que a definição oficial de *morte legal*, que se apoiava, até então, na confirmação da parada absoluta do coração e da respiração, seria de rever, tendo em consideração as conclusões resultantes das referidas operações.

Que dizer da imputrescibilidade absoluta do corpo e do sangue, dos órgãos essenciais, derivada da secreção de óleos necessários a uma espécie de auto-embalsamamento. Da manutenção duma temperatura muitas vezes próxima da dos vivos, da flexibilidade dos membros, e isso muitos anos após o sepultamento (alguns casos remontam a cerca de 1800 anos)? Tudo isso põe problemas estranhos. Se se acrescentar a exsudação sanguínea, que implica uma renovação anormal do sangue, se se acrescentar uma certa e misteriosa circulação sanguínea (*hemorragia ininterrupta* no túmulo). Todas essas coisas surpreendentes, observadas tanto em santos como, às vezes, em seus opositores conscientes, implicam a presença dum elemento psíquico análogo ao *duplo* do antigo Egito.

A atividade desse duplo se limitará apenas ao plano fisiológico? Não haverá, mais obscura (e por isso também mais terrível!) uma atividade psíquica inconsciente e instintiva? *Saídas* desse *duplo* análogas às dos vivos e talvez até fora e longe do túmulo? É aqui que começa o grande mistério dessa hinterlândia. Como se conserva e, sobretudo, como se mantém essa vida ao relento? Todo organismo extrai sua sobrevivência do meio ambiente...

Em conclusão de tudo isso a existência ocasional (ou acidental) dum estado intermédio entre a vida e a morte, como aurora e crepúsculo não são dia nem noite, parece bem demonstrada.

O presente estudo aborda, em primeira vez na França, esse angustiante problema à luz das mais antigas tradições e das experiências metafísicas mais recentes e mais convincentes deste

século. Algumas delas têm como autores ou confirmadores os maiores nomes da ciência moderna: Pedro Curri, Eduardo Branli, Marcone, Camilo Flamarião, sem esquecer os nomes de professores e doutores como Richê, Lancelã, Rochas, Osti. O próprio Lênin se debruçaria em Paris, durante anos, sobre o mistério do fenômeno da mediunidade e da comunicação espírita.

Como tal, nosso estudo não tem outra ambição além de trazer um pouco de luz a essa tradição fascinante e terrível, contendo verossimilmente alguns dos mais profundos segredos de nossa dupla existência e de sua interferência em diferentes planos ou mundos e reunindo aqui tudo o que se refere aos vampiros.

1

Os vampiros e sua lenda

Se há no mundo uma história provada, é a dos vampiros...

Carta ao arcebispo de Paris

J.-J. Russô

O que há de mais notável na história dos vampiros é que partilharam com os filósofos, esses outros demônios, a honra de espantarem e perturbarem o século 18. Foram eles que assustaram a Lorena, a Prússia, a Silésia, a Polônia, a Morávia, a Áustria, a Rússia, a Boêmia e todo o norte da Europa, enquanto os demolidores de Inglaterra e de França derrubavam crenças dando a impressão de que só atacavam os enganos populares....

Esta é a curiosa nota que encontramos no **Dicionário de teologia católica** do abade Migne (Paris, 1852), na rubrica Vampiros, tomo 49, página 785.

Segundo dom Calmet, abade da abadia beneditina de Senones, cada século teve sua moda, cada terra seu preconceito e doença. Mas o terrível vampirismo não apareceu com o máximo de clareza nos séculos bárbaros ou aos povos ainda semi-selvagens. Os vampiros se revelaram no século de Diderô e de Volter, numa Europa que já se reclamava civilizada. Os escárnios dalguns rapidamente desapareceram perante os testemunhos e os fatos. Então os filósofos tentaram dar simplesmente uma explicação plausível. João-Jaques Russô, reconhecendo a importância do processo e o valor inatacável dos testemunhos, parece confessar que, apesar de tudo, a coisa permanece inacreditável, sendo, ao mesmo tempo, verídica.

Deram, na Europa ocidental, o nome de **upiers**, **oupires** ou, mais geralmente, **vampires** e **vanpirs** e, na Grécia e nas ilhas do mar Egeu, o de **broucolaques** ou **vroucolacas** àqueles que foram considerados um dos mais terríveis espectros, mortos que se dizia saírem misteriosamente, na noite, de sua sepultura pra irem às povoações vizinhas buscar uma certa quantidade de sangue fresco dos vivos mergulhados no sono. Atacavam alguns de seus próximos, de preferência os jovens.

No fim dum certo tempo, se esses ataques continuavam, a vítima morria de fraqueza e torpor. Era sepultada e se tornaria vampiro por efeito duma mistura de seu sangue com o do agressor de além-túmulo. E assim a cadeia de vampiro ia aumentando.

Ignorava-se como é que o vampiro podia abandonar seu túmulo sem deixar vestígio. Contudo, se pensava que seu fantasma se libertava, como um vapor, por uma fenda ou interstício imperceptível. Depois se condensava e corporizava o suficiente pra dar a ilusão dum ser vivo, denso e tridimensional. O vampiro não se podia exalar da sepultura em pleno dia, pois a luz dissolveria o corpo artificial ou o impediria de se condensar. Devia ainda, pela mesma razão, voltar ao túmulo antes do romper do dia. Tornando-se, desse modo, cada vez mais imaterial, podia voltar ao estado fluido e se reintegrar em seu cadáver. Assegurava-se, por outro lado, que só podia dormir sobre a terra onde estava depositado o espólio carnal, necessariamente paralisado, intato e incorruptível.

Enquanto durava essa incorruptibilidade o flagelo continuava a se espalhar e a cadeia de vampiro a aumentar. Assim, podia o vampiro transpor os séculos.

Se, durante os primeiros pesadelos que acompanhavam os ataques, a vítima tomava consciência de que se tratava duma alma doutro mundo e falasse disso a seus familiares, poderia ser salva. Se guardasse silêncio os pesadelos diminuiriam e desapareceriam pouco a pouco. Uma espécie de torpor mórbido de aparência neurastênica e uma atração pela morte os substituiria. A vítima estava, então, perdida sem remissão.

Os que falavam nisso mencionavam, às vezes, sua impossibilidade pra discernir uma forma humana ou um rosto preciso. Tratava-se, muitas vezes, duma forma animal, escura, na qual brilhavam dois olhos. Nos sonhos que acompanhavam os ataques parecia à vítima que o quarto no qual dormia ficava cada vez mais tenebroso. Vinha, então, a impressão súbita e dolorosa de duas picadas de agulha penetrantes na garganta, geralmente na veia jugular. Provém, provavelmente, dessa opinião o uso duma cruz ou duma medalha presas a um cordão e previamente abençoadas. Era, igualmente, opinião comum que os vampiros podiam ser identificados por dois caninos extremamente longos e pontiagudos, que se esforçavam por dissimular nunca sorrindo. Finalmente, se assegurava que espelho não os refletia.

Aqueles que diziam ter visto os vampiros chegar ao túmulo antes da aurora afirmavam que não andavam: Deslizavam suavemente sobre a terra. Assim que o vampiro era identificado, graças ao sobressalto da vítima, que tomava finalmente consciência do perigo mortal que a ameaçava, seu cadáver era desenterrado. Se o corpo era encontrado intato, flexível e a mortalha ensopada em sangue, a comissão jurídica proferia a sentença. O vampiro era, então, condenado ao fogo. Mas, previamente, o coração era perfurado por uma estaca de madeira semelhante a punhal de caça. Cortavam sua cabeça. A lenda conta que ao primeiro golpe o vampiro soltava um grito agudo. Um esguicho de sangue vermelho e vivo lhe escapava, então, do peito e do pescoço. Colocavam seu corpo e cabeça sobre uma pequena fogueira, sendo totalmente incinerado.

Em certas regiões a lenda diz, também, que o vampiro não podia sair do túmulo em primeira vez senão na noite de santo André, noite precedente a 30 de novembro. Essa crença provém de citações de tradições iniciáticas mal compreendidas e mal interpretadas. O leitor encontrará em nossa obra *O dragão de ouro* a explicação da origem dessa crença relativa à noite de santo André¹.

¹ Roberto Ambelain, *O dragão de ouro, ritos e aspectos ocultos da busca de tesouros*, Niclus, Paris, 1959, p. 35–49.

Na opinião comum, os mais suscetíveis de virem a ser vampiro eram sempre feiticeiros de magia negra, suicidas, excomungados, sacrílegos. O príncipe da Treva lhes assegurava, através duma espécie de santificação ao avesso, privilégios de incorruptibilidade que Deus reservava a seus santos. Assim como o corpo místico de Cristo se constituiu, pouco a pouco, com a alma dos santos, também essa espécie de pleroma demoníaco se formou de espíritos de mortos que incorreram na condenação eterna.

Certas tradições afirmavam que o vampirismo era hereditário, havendo famílias de vampiro.

Mas também se pretendia que o vampiro era, simplesmente, um ser humano que havia morrido de modo violento, que não tinha recebido os sacramentos destinados a lhe assegurar o repouso eterno ou que, não tendo sido sepultado, errava no mundo vítima duma egoísta sede de viver.

Isso provém de crenças muito antigas, não só pagãs mas também judaico-cristãs. na *Eneida* Virgílio nos diz, com efeito:

Virgem sagrada, diz Enéias à sibila, me dê a conhecer donde vem essa multidão à beira do rio! Que pedem essas almas? E qual a razão por que são elas obrigadas a se afastar do rio enquanto aquelas sulcam com os remos as águas lívidas?

Filho de Anquises, verdadeiro sangue dos deuses, respondeu a sacerdotisa, essa multidão que vês são os desgraçados, os indigentes que permanecem sem sepultura. Esse timoneiro é Caronte. Faz vaguar sobre esses rios os cujas cinzas repousam no túmulo, pois não lhe é permitido os passar sobre esse rio terrível sem que seu corpo seja anteriormente restituído à terra. Sem essa última honra, sempre errantes, essas almas esvoaçam um século em volta desses rios. E somente depois desse longo espaço de tempo, admitidas finalmente na barca, tornam a ver a onda fatal...

Virgílio

A Eneida

canto 5

Pausânias, escritor do século 2, em sua obra *Viagens através da Grécia*, nos dizia que um artigo da legislação da ilha de Creta ordenava que se queimassem os cadáveres que saíssem dos túmulos pra ir visitar a família, ou que lhes perfurasse a cabeça com um grande prego de carpinteiro...

Sabe-se que as pontas bicudas, tal como as do pára-raio, têm o poder de dissipar a materialização psíquica.

Esse fato nos é confirmado por Henrique Cornélio Agripa, médico de Carlos 5, em sua célebre obra *Filosofia oculta* (livro 3, capítulo 41):

Lê-se igualmente nos anais cretenses que os manes, chamados catecanos, tinham o costume de permanecer nos corpos e de voltar a ver as mulheres que deixavam ao morrer, a fim de se satisfazerem com elas, e

que, pra evitar isso e impedir que incomodassem mais as mulheres, foi decretado pelas leis da polícia que o coração dos que regressassem da morte fosse perfurado de lado a lado com um prego e que seu cadáver fosse inteiramente consumido pelo fogo...

Na China, logo que se suspeita de que um morto regressa ao seio de seus ou a sua residência, se enterra na cabeça do cadáver um enorme prego, especialmente forjado pra circunstância (o ferreiro reza magia durante a forja e a têmpera do prego), e é o ta-tché, padre taoísta, que se encarrega desse ritual, bastante próximo dos exorcismos cristãos.

Na mesma ordem de idéia, Turnefor, ilustre botânico do século 17, relata em **Viagem ao levante**, que fora testemunha (aliás muito incrédulo) em Mícone, uma das Cíclades, do seguinte fato: Os habitantes, convencidos de que um morto vinha na noite atacar os vivos, perfuraram o coração do cadáver com um punhal, o decapitaram e depois o colocaram no túmulo, tendo, contudo, o cuidado de aí espetarem espadas com o punho na terra e a ponta ao ar. Esse dispositivo das pontas, se a um lado não permite ao vampiro se reincorporar ao cadáver na madrugada, quando do regresso, não o impede, todavia, de sair do túmulo no cair da noite!

Já Plutarco dizia (*De facie*, 943):

Fomos, geralmente, induzidos a ver no homem um composto, e isso é verdade. Não se fez entrar nesse composto mais que dois elementos, e isso é falso. A inteligência é superior, na medida em que é do corpo, pois é coisa mais divina. A alma unida ao corpo dá origem ao instinto. A inteligência unida ao corpo dá origem à razão. Os primeiros são fonte de prazer e de dor, os segundos de virtude e de vício.

A primeira morte acontece cá embaixo, no domínio de Deméter.

A segunda morte tem lugar no Além, no domínio de Perséfone. A primeira é violenta e brutal. A segunda é lenta e suave.

Santo Agostinho abordou também esses problemas. Citando Apuleio, bispo de Hipona, declarou, com efeito (santo Agostinho, *A cidade de Deus*, 9, capítulo 11):

Diz ainda, sei, que as almas dos homens são demônios que, ao deixá-los, se são benfeitoras se tornam lares, se malfeitoras lêmures ou espectros. E se ignora a qual categoria pertencem, simplesmente, deuses-manes. Quem não vê, mesmo aqui, por pouco que esteja refletindo, as fascinantes perspectivas que essa crença abre à perdição moral! Por muito maus que tenham sido os homens, eis que partem com a idéia de se tornarem espectro ou deus-mane, e tanto pior quanto maior for seu desejo de fazer mal. Acreditarão mesmo que depois da morte certos sacrifícios comparáveis às oferendas divinas lhes serão oferecidos pra os incitar a fazer mal a outros. Porque, segundo ele, os espectros não são mais do que homens tornados demônios malfeitores. E isso levanta outra questão...

Efetivamente, na Idade Média, os feiticeiros de magia negra, os bruxos e as bruxas afirmavam que o mal que fizessem não tinha outro fim além de obter o privilégio da assistência de Satanás. Santidade ao revés!

Como já dissemos, a crença nos vampiros é muito antiga. Parece que em certos textos das escrituras judaico-cristãs se fazem alusões dum modo muito preciso. Citaremos aqui, ao acaso, alguns versículos dos *Salmos* de Davi:

Os laços da morte me cercaram e a agonia do sepulcro me agarrarou... (116, 2)

Porque tua bondade é grande pra comigo e libertas minha alma da profunda morada dos mortos... (86, 13)

Os fez sair da treva e da sombra da morte e rompeu seus laços... (107, 14)

Atacaram em Baal-Peor e comeram as vítimas sacrificadas aos mortos... E uma fenda se abriu entre eles... (106,28)

Não acreditarás no terror da noite nem na flecha que voa no dia... (91, 5)

Salvem-nos dos seres do sangue, que nos espreitam pra nos tirar a vida... Eles voltam todas as noites uivando como cães... (59, 3—6)

Dão a volta à cidade. De sua boca fazem botar a morte e os poderes estão em seus lábios... (59, 7)

Andam aqui e ali procurando comida e passam a noite sem se saciar... (59, 16)

Tinham montado uma armadilha em meu caminho. Minha alma se curvou, tinham cavado um fosso em minha frente... Caíram ali... (57, 7)

Que desçam vivos à morada dos mortos, pois a maldade está lá... (55, 16)

Seu sopro se afasta. Voltam à Terra... (146, 4)

Como o fumo se dissipa. Tu os dissipas como a cera funde ante o fogo... (68, 3)

O mesmo tema é tratado no célebre **Livro de Henoque**:

Quando os filhos dos homens se multiplicaram lhes nasceram nesses dias belas e alegres filhas. E os veladores do céu² as viram e as desejaram... E cada um escolheu mulher e começaram a ir ter com elas e com elas a se sujarem... E elas deram à luz três raças. Primeiro os gigantes. E estes engendraram os nafelim. E dos nafelim nasceram os eliúde. E tendo crescido em poder descobriram e ensinaram a suas mulheres os filtros e a arte de encantamento... devoraram todo o fruto do trabalho dos homens a ponto destes não mais o poderem alimentar. Então se voltaram os gigantes contra os homens pra os devorar. E lhes beberam o sangue. Em seu aniquilamento os homens gritaram e seu clamor chegou ao Céu...

² Os veladores do céu são espíritos planetários da magia.

Essa crença nos vampiros procedentes dos demônios no seio da raça humana passou à teoria cristã com o dogma dos incubos e súcubos, demônios que se corporizam suficientemente pra ter relação sexual noturna com os que dormem. Essa lembrança irá, certamente, aborrecer nosso moderno clero! Contudo, como não temos motivo pra não fazer um trabalho completo, citaremos nomes de teólogos que afirmaram tal coisa: Santo Agostinho, Guilherme de Paris, são Tomás de Aquino, são Boaventura, Suarez, os doutores de Salamanca, santo Afonso de Liguori, Billuart, os papas Inocêncio 8 e Benedito 14.

Além dos teólogos que em nome da Igreja discutiram e decidiram sobre esses problemas, houve santos e santas que se limitaram a trazer aos primeiros os relatos de seus *ataques* nesse domínio. Citaremos, pois, santo Antônio (o de Tebaida), santo Hilário, são Pacômio, são Vitorino, são João de Deus, santa Colete, santa Catarina de Sena, a bem-aventurada Cristina de Stommeln e todos os eremitas do deserto, geralmente dos primeiros séculos.

Essa opinião da Igreja aparece em ata nos diversos textos da liturgia e respectivos exorcismos. Encontraremos esses textos num outro capítulo. Citamos simplesmente aqui *O hino de domingo em Completas*:

Antes do fim do dia a ti rezamos, ó criador de todas as coisas, pra que nos veles e nos guardes em tua misericórdia. Longe de nós os sonhos importunos, longe de nós os fantasmas da noite. Acorrentes nosso inimigo a fim de que nada manche a pureza de nosso corpo. Nos dê essa graça, ó pai misericordioso, e tu, filho único igual ao pai, que com o espírito consolador reinas nos séculos dos séculos. Amém.

É de notar desde já que o exorcismo dum sítio freqüentado por maus espíritos ou por vampiros se dirige a demônios e não apenas a mortos. É dito explicitamente que pra Igreja o vampiro se transforma em demônio ou que o demônio se transforma em vampiro utilizando então o cadáver dum ser humano recentemente morto que ele conserva e cuida³.

Seria lamentável que a lenda do vampiro não fosse completada por um breve resumo daquilo a que a arte, particularmente a iconografia cristã, lhe é devedora. Citaremos uma obra capital, **O bestiário de Cristo**, graças à grande erudição de L. Charbonneau-Lessay. Nos conta o seguinte na página 568 de seu enorme estudo:

A arte da idade média representara esses noctívagos malfeitores de diabólica obediência quer seja sob a (mais simples) de morcego. A iconografia do campo santo de Pisa compreende assim um monstro infernal que não teve igual em fealdade senão através dos buris de Dürer e de Calot. Esse ser de pesadelo, felpudo e cornudo, aspira e devora, com a ajuda duma serpente que lhe serve de sifão, o sangue dum decapitado.

O grande morcego das cadeiras de coro da catedral de São Pedro, em Poatiê, no século 13, não se pode relacionar com o mesmo assunto, ainda que Orígenes tenha designado o morcego como o emblema dos heréticos,

³ O leitor que se interessa por textos sobre exorcismo ritual pode os encontrar nas obras *O livro secreto dos grandes exorcismos*, do abade Júlio (Edições Bussières) e *O sacramentário da rosa-cruz* (Edições da Difusão Científica)

porque se esconde durante as horas de luz e comparte as características específicas dos pássaros e dos mamíferos. Em França, pelo menos, a heráldica nobiliária se apoiou em Orígenes, tomando o morcego como a imagem da heresia.

A arte medieval, às vezes, enxertou as asas do morcego na sereia. É desse modo que o vemos sobre um capital do século 15 na velha igreja de São Germano, em Poatiê. Se tornou, então, a imagem de Asmodeu, demônio da luxúria, que esgota nos seres humanos a seiva, que é a vida natural de seu corpo, e seca a fonte da graça divina, que é a vida sobrenatural de sua alma.

Uma lenda de Poatu, muitas vezes secular, nos descreve Satanás, sob o aspecto dum enorme morcego, descendo no meio duma dança ímpia, caindo então, feridos de morte, dançarinos e dançarinas, um após outro, pelo simples tocar das asas infernais que rodopiavam com eles. (Cf. Mons. de Montault, *A madança*, em *Boletim da sociedade dos antiquários do poente*, 1872, 1^o fascículo).

As crenças da Europa ocidental, que põem em estreita relação os morcegos com os procedimentos dos espíritos maus da noite e de seus evocadores, são muito antigas, pois os nucterix já tinham má fama entre os gregos, e Plínio disse que em seu tempo os pregavam de cabeça a baixo na porta das casas pra afugentar os espíritos maus e os azares, portadores de desgraças.

Plínio, *História natural*, livro 29, 26

Em França se deitava fogo aos morcegos que se deixavam apanhar e isso ainda se faz nas zonas rurais mais atrasadas, a despeito dos serviços que prestam como insetívoros.

Charbonneau-Lassay, obra citada, página 569

Catarina Emmerich está de acordo com todo esse folclore, no texto duma de suas visões sobre a vida de Jesus Cristo. Falando, nessa passagem, duma aldeia da Palestina chamada Asache, se exprime do seguinte modo:

A gente daqui faz caça a uns animais horríveis, sarapintados, de asas membranosas com as quais voam muito rapidamente. São morcegos-demônio que sugam o sangue dos homens e do gado enquanto dormem. Vêm de lugares pantanosos e impenetráveis situados ao pé do mar e causam muito prejuízo...

Cf. *Vida de Jesus Cristo depois das visões*, de A. C. Emmerich, C. Brentano, tradução de Cazalis

Na realidade é necessário ir à América do Sul pra encontrar um morcego também horrendo. Se trata do grande *Vespertillon*, ao qual os naturalistas deram o nome de *Vampirus spectrum*, que têm o tamanho duma galinha e, geralmente, 75cm de envergadura. Tivemos ocasião de ver um casal preso pelas garras, e cabeça a baixo como deve ser. O aspecto era bastante repugnante, devido, sem dúvida, àquele bico sugador que lembrava logo o ataque noturno a um ser que

dorme. Esse animal, geralmente, se alimenta de grandes insetos e vermes mas quando a fome aperta sangra o pescoço de pequenos mamíferos, ratos, láparos, como fazem as doninhas. Na Argentina, durante o ano de 1958, morreram quase 25 mil cabeças de gado com uma espécie de raiva causada pelas sucções dos morcegos em questão. É certo que esses animais são portadores dum tipo de doença epidêmica, no estado endêmico transmissível de animal a animal por meio da mordedura. É perturbante encontrar essa contaminação misteriosa que faz duma vítima do vampirismo um agressor futuro pelo mesmo meio.

Na feitiçaria medieval (o *Grande Alberto* especialmente) era suficiente esfregar a cara com sangue de morcego pra ficar a saber ler sendo ignorante, ver na noite como no dia, decifrar livros misteriosos e secretos, etc.

Na iconografia simbólica do cristianismo, o pelicano, que dá seu sangue e sua vida pra assegurar a dos filhos, é tomado como símbolo de Cristo morto pra salvação dos homens.

É por essa razão que se fez do morcego e do vampiro a antítese do pelicano. Eles que tomam a vida e o sangue dos homens pra assegurar a sua.

Existirão ritos ocultos pra criar essa vida larvar que tem o nome de vampirismo? Parece que sim.

A biblioteca do Arsenal, em Paris, possui um estranho manuscrito intitulado *A magia sagrada de Abramelim, o mago*. Já o publicamos, anotado e comentado e precedido duma longa introdução⁴. Foi copiado dum original muito antigo, na biblioteca da Marciana, em Veneza, pelo secretário do marquês de Paulmy d'Argenson, embaixador de França junto à Sereníssima República. O autor terá sido Eleazar de Worms, célebre cabalista muito marcado pela magia judaica.

Disperso no texto do manuscrito se encontra todo um ritual que visa dar vida a um corpo morto. São ritos muito diferentes, aparentemente, do célebre rolange tibetano descrito por Alexandra David Neel, mas na realidade se assemelham muito quanto aos agentes motores. O autor do manuscrito original reconheceu ter utilizado esses processos em proveito do imperador Sigismundo, ao restituir uma aparência de vida a uma mulher que ele apaixonadamente amava⁵, assim como em benefício dos soberanos da Saxônia e do marquês de Magdeburgo, no respeitante a problemas de sucessão.

Na hipótese desses fatos confessados pelo misterioso autor do manuscrito constituírem uma verdade histórica, é possível que fossem a causa dos fenômenos que perturbaram a Europa central. Os que se aproximaram de Shéridan Le Fanu, autor de *Carmila*, afirmavam sempre que este último tinha disposto de documentos e de dados históricos relativos às fontes de sua novela. De fato, Mircala von Karnstein é nada mais que um elo duma longa cadeia de vítima. Essa cadeia vampírica é exclusivamente feminina. Reatamos aqui a mulher-vampiro suscitada pelo autor do

⁴ Cf. *A magia sagrada de Abramelim, o mago*, apresentado, anotado e comentado por Roberto Ambelain (Edições Bussières, Paris, 1975, 4ª edição). O leitor encontrará nas páginas 69, 138, 152, 153, 156, 157, 173, 191 e 219 os elementos do caso presente.

⁵ A mulher em questão é Barbe de Cilley (aliás Bárbara de Cilli), apelidada *a messalina alemã*. Nascida na Eslovênia, região de vampiros, viveu entre 1377 e 1451 e morreu em Gratz, na alta Estíria, onde se desenrola a ação de *Carmila*, de Shéridan Le Fanu.

manuscrito *A magia secreta de Abramelin, o mago* nessa mesma região. Talvez ela seja o ponto de partida dessa referida cadeia.

É na crença do vampirismo, fortemente instalada ainda nos dias de hoje na Europa central, que é necessário reencontrar esse costume que dura há séculos e de que fala o sábio dom Calmê em sua obra, e que era de pôr na boca do defunto, antes da inumação, uma hóstia consagrada. Isso pra evitar qualquer invasão demoníaca no cadáver ou sortilégio póstumo.

Do mesmo modo, na necrópole cristã de Hadrumite, no norte da África, foram descobertos no decurso de escavação textos conjuratórios gravados em placas de chumbo que foram colocadas nos túmulos de pessoas mortas por suicídio ou meio violento. Essas placas eram postas sobre a frente. Em certas escavações foram encontrados cadáveres decapitados, com placas postas sobre dois crânios. Isso, evidentemente, a fim de os ligar. Os textos começavam geralmente assim: Te adjuro, espírito demoníaco aqui jacente, etc. Se tratava, certamente, de criminosos executados por decapitação e por isso perigosos pós-morte, ou de mortes maléficas de seus seres vivos (bruxos, bruxas, feiticeiros de magia negra), que, por prudência, eram decapitados após a morte. É também possível que se tratasse de vampiros executados (segundo o costume, por perfuração do coração com uma estaca) e em seguida decapitados, não tendo sido queimados, fosse por interdição, fosse por última piedade. É evidente que um esqueleto com muitos séculos não permite reconhecer vestígios duma ferida feita com um punhal numa carne desaparecida.

O vampirismo é, com efeito, igualmente conhecido em certas regiões do norte da África. Henriqueta Willette, no livro *Superstições e diabruras árabes* (Faquelle, Paris, 1931) conta as crenças de seu criado Cassém, sobre os *Nyam-nyam* ou *Sefaf in dem*, que são nossos vampiros, mas dentro da categoria do vampirismo dos vivos. Em *Comedores da alma*, de Pedro Fromentin (A. Bonne, Paris, 1958) se encontra um longo estudo sobre vampirismo, dessa vez na África negra, ligado, aliás, a uma espécie de telecanibalismo, simultaneamente figurativo e simbólico no plano concreto mas belo, efetivo e real no abstrato. Contudo, o certo é que as vítimas morrem devido a isso.

2

O desdobramento dos vivos

Quando alegremente prosseguia seu caminho Felipe se encontrou, de repente, na cidade de Azote...

Atos dos apóstolos, 8, 40

Seguramente um episódio de exteriorização dos vivos que todos os cristãos conhecem, pelo menos de ouvir falar, é a passagem da segunda epístola à Igreja de Corinto, na qual o apóstolo Paulo evoca o mistério de sua iluminação:

Conheço um homem em Cristo que foi, já vão catorze anos, arrebatado ao terceiro céu (se foi corporeamente, não sei. Deus o sabe!), e sei que esse homem foi transportado ao Pleroma e que ali ouviu palavras inefáveis que não é permitido ao homem revelar...

Paulo, 2, Epístola aos coríntios, 12, 2-4

Apolônio de Tiana e Simão o Mago são as duas personagens mais célebres do mundo antigo vistas em dois lugares ao mesmo tempo. Mas se dirá que isso está bem longe e é muito suspeito. Passaremos diretamente a palavra a santo Agostinho. Eis o que ele analisa em sua obra *A cidade de Deus*:

Um homem chamado Prestantius contou que o pai, tendo comido em sua casa um queijo envenenado, se tinha ido deitar na cama, vítima dum sono profundo, do qual não foi possível sair por nenhum meio. Alguns dias depois, pareceu acordar e pôs-se a contar o que tinha experimentado, como num sonho. Tinha-se tornado cavalo, dizia ele, e no meio doutros cavalos tinha servido pra levar aos soldados, num posto afastado, as provisões que têm o nome de *rhétiques* porque são enviadas de Rhétie.

Ora, verificou-se que as coisas se tinham passado realmente como tinha dito, embora ele próprio tivesse a certeza que tinha simplesmente sonhado!...

E agora eis a explicação proposta por santo Agostinho:

Acredito que, em casa deste homem, o elemento da imaginação que se transforma em fantasma, tomando o aspecto infinitamente variado das coisas exteriores, sob a ação do pensamento ou de sonhos, e que, embora incorpóreo, apresenta com uma prontidão maravilhosa a

imagem dos corpos, acredito, digo eu, que esse elemento, assim que os sentidos estão adormecidos ou bloqueados, pode, numa forma que não se explica, apresentar-se aos sentidos doutrem sob forma corporal. Assim, enquanto o corpo repousa algures, ainda vivo, mas com os sentidos acorrentados mais fortemente que durante o sono, o fantasma de sua imaginação, incorporado, sob o aspecto de qualquer animal, aparece aos sentidos doutras pessoas e ele mesmo se vê num sonho, transportando fardos sob essa forma...

Santo Agostinho, **A Cidade de Deus**. 18, 23

Agostinho não era metafísico, era teólogo. Deixemos-lhe simplesmente o mérito do testemunho, sem que o sigamos nessa tentativa de explicação mal fundamentada, mas que podemos reter pra a explicação da licantropia.

Quando Vespasiano visitou o Egito, viveu alguns meses na cidade de Alexandria. Lá, como mais tarde fizeram os soberanos de França, de Espanha e de Inglaterra, curou, com um toque dos dedos, certos doentes, ao que parece um cego e um paralítico.

Esses prodígios, e o seguinte, relatados por Tácito em sua obra *História* (4, 82) e por Suetônio na **vida dos doze césores**, aumentaram nele o desejo de, em nome do império, ir ao templo de Serápis consultar esse deus. Fez afastar toda gente do templo. Mal entrou no serapeu, e quando concentrava no deus todos seus pensamentos, viu atrás de si um dos principais egípcios, chamado Basilides, e que ele julgava doente em sua casa, e mesmo de cama, a muitos dias de caminho de Alexandria.

Impressionado com tal prodígio, Vespasiano se informou junto dos padres no sentido de saber se fora excepcionalmente que naquele dia Basilides tinha ido ao serapeu. Mandou interrogar os transeuntes, na cidade, pra saber se Basilides tinha aparecido nas ruas de Alexandria. Por fim, enviou imediatamente um grupo de cavaleiros à localidade onde Basilides estava de cama. Estes asseguraram-lhe, na volta, que Basilides tinha passado todo o dia (assim como os precedentes) deitado por causa da doença, e à distância de vinte e quatro milhas dali.

Vespasiano viu, então, confirmado o presságio em resposta a sua pergunta a Serápis e não duvidou mais de que sua missão fora celeste, pois que em grego *basilikôs* significa *pequeno rei*, e Basilides dele deriva.

Era assim no mundo antigo. O cristianismo conheceu fenômenos semelhantes, com santos e bruxos, seus opositores conscientes.

Gorres, em sua obra **La mystique divine, naturelle et diabolique** (Poussielgue, 1885), e Ribê, em seu livro **La mystique divine distinguée des contrefaçons diaboliques et des analogies humaines**, deram-nos exemplos célebres e controladas dos desdobramentos que aconteceram involuntariamente a santos ou a santas. Eis alguns:

O papa são Clemente, um dos primeiros sucessores de são Paulo, celebrava missa em Roma quando pareceu de repente entrar numa espécie de letargia que durou três horas. Quando acordou, disse aos assistentes que tinha ido a Pisa, durante um sono estranho, a fim de aí consagrar um altar ao apóstolo são Pedro. Em consequência de verificações feitas, seus familiares tomaram conhecimento de que, em Pisa, os fiéis desta comunidade tinham-no visto durante toda a missa que se realizara no mesmo dia e à mesma hora do adormecimento em Roma.

Santo Afonso de Liguori estava em Arienzo, pequeno burgo de sua diocese, quando,

subitamente, caiu numa espécie de êxtase e ficou assim durante duas horas, estendido no cadeirão sem se movimentar. Logo que voltou a si disse a seus inquietos familiares: Acreditastes que dormia! Não podeis saber que fui acompanhar o papa, que acaba de morrer... Ora soube-se pouco tempo depois que o papa Clemente 14 tinha morrido precisamente no instante em que Afonso de Liguori tinha finalmente acordado.

São Francisco Xavier encontrava-se, em 1571, a bordo dum navio que se dirigia do Japão à China, quando se desencadeou uma violenta tempestade. Quinze homens que estavam nessa altura descendo a uma chalupa pra fazer manobra foram arrastados com ela, desaparecendo na escuridão. Quando a tempestade começou, a pouco e pouco, a amainar, a tripulação preocupou-se com os tripulantes da chalupa. Francisco Xavier, que estava rezando, recomendou calma e anunciou que os encontrariam num espaço de três dias. Ao terceiro dia, a chalupa abordou o navio e os quinze homens subiram pra bordo. Estes explicaram que durante a tempestade nenhum deles tinha tido um só momento de inquietação, pois, afirmavam, o bispo estava a bordo da chalupa e tiveram absoluta confiança nele. No navio toda a gente se esforçou por explicar-lhes que Francisco Xavier se mantivera a rezar fechado em seu camarote, que não tinha deixado o barco. Por fim, tanto uns como os outros foram obrigados a admitir que o bispo tivera durante três dias uma dupla existência, em dois lugares ao mesmo tempo.

A irmã Maria de Jesus, natural de Agreda, Espanha (seu nome verdadeiro é Maria Coronel), entrou mais de cem vezes em êxtase. Via-se constantemente transportada aos desertos do Novo México, até os índios que aí viviam então e dos quais ela desejava ardentemente a conversão. Via-se e sentia-se a atravessar os manes, sofrendo os efeitos duma temperatura muito mais elevada do que a de Espanha, e chegava às Índias Ocidentais, pra evangelizar os índios dessas regiões, na língua deles, que, acordada, ignorava totalmente. Uma vez anunciou que tinha encontrado monges da ordem de São Francisco, que se iam tornar apóstolos nessas regiões, e, em seu êxtase, conversou com eles.

Nessas peregrinações, que se sucederam sem que ela compreendesse o que se passava, quando se apresentou a seu confessor, o que mais a assustou é que elas decorreram na imobilidade absoluta do êxtase. Mas eis que as coisas se tornaram ainda mais espantosas.

Logo que penetraram mais profundamente no Novo México, os franciscanos depressa viram se aproximar muitos índios, que, antes de qualquer educação religiosa, lhes pediram o batismo. Interrogados por esses missionários, conheciam já os principais elementos da religião cristã. E, fato ainda mais espantoso, declararam que a religião tinha sido inculcada por uma mulher que tinha vindo, e ainda vinha de tempos a tempos, falar com eles. Esses fatos foram verificados, como se imagina, com grande cuidado por um franciscano, o padre Benavides, que em 1630 regressou do Novo México, pra até lá voltar imediatamente.

Falou primeiro com o padre Morzella, provincial de Burgos, e seguidamente com o padre Torre, que pouco depois foi confessor de Maria de Agreda. Perguntaram a este o que se tinha passado com ela. Benavides informou-se primeiramente dos lugares onde ela assegurava ter estado. Maria fez referência ao país e a seus habitantes, descrevendo tudo como se aí tivesse passado muitos anos. Contou ao padre Benavides que o tinha visto lá, na companhia doutros religiosos, referindo-lhe o lugar, o dia e a hora e designando cada um dos que estavam com ele, de tal maneira que o padre Benavildes foi obrigado a reconhecer o prodígio.

Ele e os outros dois padres, Morzella e Torre, escreveram em comum um relatório sobre este caso. Deixaram uma cópia ao confessor de Maria de Agreda, e o padre Benavides levou outra pro Novo México juntamente com uma carta de Maria. Essa cópia foi depositada na Casa dos Franciscanos, no Novo México, e o comissário-geral da Nova Espanha tirou uma cópia na qual o biógrafo se baseou pra escrever sua história.

Outra mulher viveu fenômenos análogos. Aquela que viria a ser santa Colomba de Rieti desejava ardentemente visitar os Lugares Santos e rezar em Jerusalém perante o Santo Túmulo. Sofreu também pequenas bilocações ou exteriorizações. Durante cinco dias, foi transportada em espírito e realizou seu desejo. Os pais e os amigos, que tinham perante os olhos um corpo inerte, julgaram-na morta. Muitos médicos a examinaram com todo o cuidado. Só um a reconheceu como viva. Ora, passados cinco dias, retomou os sentidos, com o funcionamento normal de todos os órgãos.

Sem dúvida, o crente vulgar não verá nestes casos extraordinários mais do que milagres. Parece-nos, no entanto, errado fazer intervir sempre Deus, perturbando ele próprio as leis que estabeleceu com tanta sabedoria. Iremos agora encontrar fatos que, por mais sórdidos que sejam, muitas vezes mesmo criminais, não apresentam menos relações evidentes colo aqueles outros.

John Glanville, filósofo inglês do século 17, em sua obra *The voyage to Cadix (1625)*, contou os seguintes fatos, e seu testemunho tem tanto mais valor quanto, nessa época, foi um dos autores que trataram com maior competência e, sobretudo, serenidade esses estranhos problemas.

Um dos filhos de Henri Jones, o pequeno Ricardo, foi um dia *tocado* por uma mulher de nome Jane Brooks. Passando os dedos de alto a baixo dum dos lados da criança, Jane, depois de lhe ter apertado a mão amigavelmente, lhe deu de presente uma maçã. A criança apressou-se a comê-la. Nesse instante ficou doente, e o mal agravou-se pouco a pouco. Ora, um certo domingo, por volta do meio-dia, estava a criança vigiada pelo pai e por um amigo dele, chamado Gibson, quando se pôs a gritar:

— Olhe a Jane Brooks! Olhe a Jane Brooks!...

— Mas onde?...

— Ali. sobre a parede. Vede? Na direção de meu dedo?...

Essa feiticeira, assim como aquela que será estudada no texto seguinte, também mencionada por Glanville, parecia, no dizer da criança, penetrar no quarto e de lá sair passando através da parede. Ninguém, diga-se, pra que fique lembrado, distinguia algo daquilo que o pequeno Ricardo dizia ver. Tinha, pois, febre! Sonhava! Todavia, Gibson lançou-se num salto ao local indicado pela criança e aí fez um golpe muito violento, com a faca. Ai, meu pai!, gritava a criança. Gibson fez um golpe na mão de Jane Brooks. Ficou toda cheia de sangue... O que fazer e dizer? Nalguns instantes o pai de Ricardo e Gibson se puseram em casa do *constable*.⁶ *O constable* é um desses homens bastante raros, e que nossas academias teriam grande interesse em recrutar, notou ironicamente Glanville, que sabem prestar atenção às pessoas de sentimento firme, por mais estranhas e singulares que possam ser suas palavras. Prestou-lhes de fato uma

⁶ *Constable*: chefe da polícia local. (N. da T.)

atenção magistral, quer dizer, não lhes fez qualquer objeção, e acompanhou-os imediatamente ao domicílio da acusada. Aí, entraram bruscamente. Jane estava sentada num banco e tinha uma mão pousada sobre a outra.

— Como vais passando? — Perguntou-lhe o *constable*.

— Não vou lá muito bem, Sir...

— Mas por que estás tão preocupada em cobrir uma mão com a outra?...

— Ó! É minha posição habitual...

— Não terás, por acaso, essa mão doente?...

— Claro que não! De modo nenhum...

— Vês algum mal em eu dar uma espreitadela? Deixe-me ver...

Como a velha se defendesse, o *constable*, tirando-a com força, descobriu aquela mão *toda ensangüentada*, tal como a criança tinha descrito.

— Foi um alfinete que me arranhou a mão... — Gritou a velha.

Foi provado, aliás, que uma quantidade de danos parecidos com este foram praticados pela miserável mulher, e à vista de numerosas testemunhas.⁷

Jane Brooks, citada pelo Tribunal de Charde, foi condenada ao fogo em 26 de março de 1658, e a partir de então cessaram as doenças do pequeno Ricardo.

Os senhores Rob, Hunt e John Cary, magistrados perante os quais Jane compareceu, afirmaram ter visto com os próprios olhos uma parte dos fenômenos com base nos quais a acusação havia sido feita. Sabe-se como, em Inglaterra, é alta a posição moral e religiosa dos magistrados. Por outro lado, todas as testemunhas tinham de prestar juramento de veracidade sobre o crucifixo e sobre o Evangelho. E isto quer dizer qualquer coisa!

O caso seguinte, que se parece estranhamente com o anterior, foi extraído por Astier dos *Arquivos Judiciários da Inglaterra*.

Uma mulher chamada Juliana Cox atingira já os setenta anos. Certo dia, mendigando, bateu à porta de determinada casa, onde teve mau acolhimento por parte da criada que a recebeu.

— Bem, bem, minha filha! Muito bem! Antes de chegar a noite te arrependers.

Ao cair da noite a criada torcia-se com horríveis convulsões. Assim que se sentia restabelecer, gritava socorro, implorando a ajuda das pessoas da casa.

— Vejam! Vejam! Aquela pedinte malvada persegue-me..

Com o braço estendido apontava qualquer coisa que nenhum olhar sem ser o seu conseguia descobrir! Estava alucinada, maníaca, histérica, nada mais evidente!

— Que nos deixe em paz! — Era o que repetiam à volta dela, na cozinha, os filósofos de saia... E as manifestações continuaram.

Contudo, num belo dia, nossa criada, perfeitamente certa de ver sua perseguidora voltar ao ataque, teve a idéia de se armar com uma faca. Com efeito, o fantasma de Juliana Cox não tardou

⁷ Os feiticeiros julgavam aumentar seu poder de nocividade praticando o mal o mais possível, igual a uma santidade ao invés.

a visitá-la. Empunhando a faca, a criada, num repente, feriu sua inimiga numa perna, e no mesmo instante a cama ficou-lhe inundada de sangue.

— Foi na perna que o fantasma foi atingido... Vamos ver, vamos ver... — Gritava.

Bem acompanhada, dirigiu-se rapidamente ao casebre de Juliana Cox. Tratava-se de verificar o ferimento. Bateram à porta, e depois resolveram abri-la. Mas teriam batido durante muito tempo se não tivessem optado pelo arrombamento. Entraram a força na casa de Juliana Cox. Depressa, depressa, a perna! A perna recentemente ferida tinha sido tratada há pouco. Mas os lábios duma ferida têm, muitas vezes, uma indiscreta e terrível linguagem. Aproximaram, pois, a faca da criada. O que dizer? A ferida adaptava-se à dele perfeitamente, como se tivesse sido feita pra suas dimensões. O golpe desferido no espectro da mendiga, numa casa onde tantos olhos que a podiam ter visto a não viram, estava agora repercutido naquela mulher, e num lugar que não era o da aparição. Todavia o golpe, que parecia ter se deslocado instantaneamente de seu duplo à pessoa física, era visível por toda a gente.

Contudo, as obsessões às quais estava presa a pobre criada não cessaram senão no dia em que Juliana Cox foi presa e em seguida julgada e condenada.

Doutor Teófilo Pascal, no livro *Les sept principes de l'homme* (Paris, 1895, Chamuel, editor), conta um episódio de bruxaria rural, *recolhido por ele próprio* junto de testemunhas e principalmente dos filhos da vítima:

Um moleiro chamado Bigô tinha fama de bruxo. Um dia, a mulher se levantou na manhã muito cedo pra ir lavar roupa, perto de casa, e ele começou a tentar a dissuadir, repetindo muitas vezes:

— Não vás até lá. Terás medo...

— Por que terei medo?

— Já te disse que terás medo...

A mulher não ligou às recomendações e partiu. Mal se tinha instalado no lavadouro, viu em sua frente um animal que andava de cá a lá. Como ainda não era dia não podia distinguir perfeitamente a forma mas pareceu ver uma espécie de cão. Incomodada por suas idas e vindas e como não conseguia o fazer fugir, lhe atirou o batedor, que o foi atingir num olho. *O animal desapareceu imediatamente*. Porém, no mesmo instante, os filhos de Bigô, que estavam na cama, ouviram o pai lançar um grito de dor e acrescentar:

— Á, velhaca! Arrebentou-me um olho...

Com efeito, a partir desse dia ficou cego. Esse fato me foi contado por muitas pessoas, entre as quais os filhos de Bigô. Aqui, não há dúvida acerca do autor da cena de licantropia. Foi, pois, *a personalidade fluida do moleiro que escapou enquanto dormia e que vagabundeou sob a forma dum animal* que exprimia a personalidade consciente do moleiro.

Nessa obra, que, não sendo absolutamente consagrada ao estudo do fenômeno que tem o nome de licantropia, no qual, contudo, em certos casos de vampirismo (que encontraremos no seguimento de nosso estudo), o duplo se manifesta sob a forma dum enorme gato preto, duma pantera, duma serpente, etc, não é inútil lembrar os fatos seguintes, os quais aconteceram dentro das normas habituais, com um controle rigorosamente científico e objetivo e, dessa forma, são convincentes.

Na obra *L'ame humaine*, doutor Charles Lancelin fala daquilo a que chama a alma sensitiva (corpo astral) e que, corresponde ao *Nephesch* da Cabala:

Substância - A substância que compõe a alma sensitiva provém do plano imediatamente superior ao plano físico. É material, embora a matéria seja muito sutil. A prova está em que ela emite raios N em quantidade suficientemente grande pra iluminar o sulfureto de cálcio previamente exposto ao sol. Não se daria conta desta ação sobre a matéria se a substância astral não fosse ela própria material.

Forma - A forma habitual da alma sensitiva (corpo astral) é a forma humana, mas aproximadamente mais pequena um terço do que o organismo total. Pode ser completamente alterada quer involuntariamente quer pela ação duma vontade, seja a do magnetizador, seja a do sujeito.⁸ Essa modificação de forma foi notada em primeira vez por Heitor Durville, em casa do qual, no decurso duma experiência, a alma sensitiva de determinado sujeito tomou a aparência dum urso. Pra realizar e controlar o fenômeno eis como procedo (advirto, contudo, o leitor de que os resultados são mais ou menos convincentes consoante os sujeitos utilizados). Primeiramente, convém perguntar ao sujeito (previamente desdobrado) qual é o animal que prefere, pois é a forma desse animal que tomará mais facilmente. Se responder que prefere o gato lhe será pedido que dê à alma sensitiva a forma dum gato.

Sobre uma mesa, perto do sujeito, põe-se uma espécie de écran vertical forrado a papel branco, à frente do qual se reserva um espaço suficientemente grande. Pede-se ao sujeito que faça sentar ou deitar aquela forma de gato no espaço livre, mas ao mesmo tempo perto do écran, e que se mantenha imóvel. Então, com a ajuda dum grande lápis, sempre perpendicularmente ao écran, traçam-se lentamente, partindo dos bordos superior esquerdo e direito do papel, linhas convergentes no centro. No momento em que o lápis toca a forma plástica da alma sensitiva, a extrema sensibilidade dela provoca um movimento reflexo no sujeito e se pára de traçar a linha. Quando todo o circuito está guarnecido de linha a extremidade delas dá a silhueta do gato.

A forma da alma sensitiva (corpo astral) parece também modificar-se logo que se põe em movimento, ou antes, completar-se pela formação duma espécie de auréola luminosa, que serve talvez pra a proteger dos choques dos objetos, e que parece ser composta duma série de forças circulares, constituindo um campo magnético e sobreposto a um campo eletrostático, composto, por seu lado, de linhas radiantes retas, segundo a teoria de G. le Bon relativa ao deslocamento no espaço dum corpo eletrizado.» (Ob. cit., pp.165-167.)

Eis agora a experiência, efetuada completamente ao acaso, por Heitor Durville, com madame François. Esse fato inesperado foi fonte de buscas efetuadas por Charles Lancelin acerca da plasticidade e da polimorfia do corpo astral. Desde a primeira sessão que fiz com Madame François, notei que, no início do desdobramento, ela desviava o olhar pra a direita com grande espanto. Isto aconteceu durante outras sessões. Na do dia 7 de janeiro de 1908, na presença do marido, no início do desdobramento, tinha ela o olhar dirigido na direção habitual, quando, desviando-se, gritou com surpresa:

⁸ Daqui provêm as lendas da fada má e do mágico que transformam em animal o príncipe ou a princesa

— Olhes! Um urso...

Pedi-lhe que desse atenção a esse estranho visitante.

— Ê! Que divertido... vem do duplo...

Surpreendido com esta resposta, perguntei-lhe como é que isso podia acontecer, quando o corpo que deve ser o centro duma inteligência maior do que aquela que se manifesta no nosso corpo físico se mostra sob a forma dum animal

— Nada sei mas tenho a certeza de que é ele! Acabo do ver entrar a dentro do duplo. Além disso, lhe facultou a alteração de forma e mostrar-se como quis...

Perguntei-lhe, ainda, se o outro corpo do fantasma, que, com suas cores, azul à direita e laranja à esquerda, é o mais superficial, podia também mudar de forma.

— Esse corpo — respondeu sem hesitação — não tem poder. Nunca muda de forma...

Parece, pois, ser bem evidente que esse corpo exterior é o corpo etéreo e que o interior é o corpo astral, que lhe toma a forma que ele quer ter, como parece provado pelos feitos da licanthropia... (Ob. cit., pp. 391-392.)

Portanto, o corpo etéreo dissolve-se (assim parece resultar de experiências e de numerosas verificações) alguns dias depois da morte física, mas é a alma sensitiva, ou corpo astral, o responsável pelos fenômenos de vampirismo.

Voltemos, entretanto, aos fenômenos involuntários do desdobramento, e em seguida retomaremos o estudo objetivo provocado desse estranho fenômeno.

Gorres, em *La mystique divine, naturelle et diabolique* (Paris, 1854-1855, tradução de Charles de Saint-Fey), conta os seguintes fatos, dos mais concisos e simples dos que ele escolheu e conservou entre tantos outros, absolutamente controlados e destinados a documentar sua obra.

Marton conheceu um jovem londrino que, segundo seu testemunho, era um homem sóbrio, religioso, instruído, sensível e com um caráter calmo e ponderado. Nunca foi notado nele nem o gosto pelo maravilhoso nem propensão pra a loucura, pros sonhos ou pra as ilusões, como acontecia muitas vezes àqueles que viam fantasmas! Entretanto, eis o que aconteceu. Era empregado dum comerciante de Londres e estava em vias de embarcar pra a América, onde o patrão tinha uma sucursal. O barco estava pronto. Sendo necessário fazer algumas cartas e outros preparativos urgentes, o patrão pediu-lhe que ficasse no escritório até que ele o viesse substituir, não podendo, por isso, estar à mesa na altura da refeição. Depois de ter comido, o patrão desceu, pro mandar, por sua vez, tomar a refeição, *e viu-o pela porta do escritório sentado à secretária, tal como o tinha deixado anteriormente.*

Obrigado, no mesmo instante, a subir à sala de jantar, donde tinha acabado de descer, deixou o rapaz sem lhe dizer palavra. *Mas quando chegou lá, acima, distinguiu-o sentado à mesa com as outras pessoas da casa. A sala onde estavam sentados dava pra a escada de tal modo que o podia ver bem e sem que nenhuma ilusão fosse possível...* O rapaz não tinha podido subir as escadas e passar a seu lado de modo natural, sem falar na inconveniência que teria cometido se se tivesse portado dessa maneira.

O patrão não lhe dirigiria palavra se ele não se desculpasse em seguida, mas, como estava perturbado, entrou na casa de jantar, que era à direita da das pessoas da casa. Mandou ao mesmo tempo alguém ver se o rapaz estava realmente à mesa com os outros. *E coní efeito encontraram-no...* De tal modo que o que ele tinha visto no escritório (no rés-do-chão) *não* devia ser senão sua imagem (seu fantasma).

Eis agora outro exemplo, extraído duma obra muito bem documentada de Gougenot des Mousseaux: *Les médiateurs et les moyens de la magie, le fantôme humain et le principe vital* (Paris, 1863, Plon, editores). É também recordado pelo já citado A. d'Astier.

Sir Roberto Dale Owen era embaixador de Estados Unidos em Nápoles. Em 1845, conta este diplomata em suas memórias, existia na Livônia o pensionato de Neuwelke, a doze léguas de Riga e a meia légua de Wolmar. Encontravam-se lá quarenta e duas internas, a maior parte delas de famílias nobres, entre as professoras figurava Emília Sagée, de origem francesa, trinta e dois anos de idade, de boa saúde mas nervosa, e de conduta merecedora de elogio de todos. Poucas semanas depois de sua chegada, foi notado que, *quando uma interna dizia tê-la visto num lugar, outra afirmava que ela estava num sítio diferente... Num dia as moças viram mesmo duas Emília Sagée, exatamente iguais, que faziam os mesmos gestos*. Todavia, uma tinha na mão um giz e a outra nada (*A jovem era desdobrável...*). Pouco tempo depois, Antonieta de Wrangel fazia sua *toalette*, enquanto Emília lhe apertava o vestido por trás.

Ao voltar-se pro espelho, a moça viu duas Emília apertando-lhe o vestido... e Antonieta de Wrangel desmaiou de medo...»

Abrirmos aqui um parêntese. Quando as lendas de vampiro nos dizem que sua imagem não se reflete no espelho, isso tende a demonstrar que há somente um duplo, o fantasma. Mas a experiência agora descrita tende a falsear isto, pois o fantasma de Emília Sagée, que está viva, reflete-se bem no espelho.

Algumas vezes, durante a refeição, a dupla figura aparecia em pé, atrás da cadeira da professora, imitando os movimentos que ela fazia a comer. *Mas as mãos (como no caso do giz) não agarravam o garfo nem a faca...*

Isto é precioso. Se se tratasse duma alucinação das alunas de Emília Sagée, todas teriam visto estes objetos nas mãos da segunda imagem. Teria havido simplesmente uma miragem, desdobramento da visão. *Não foi isso. Emília Sagée desdobrou-se por intermédio da ação psíquica, mas não o giz, a faca ou o garfo! E isto não foi inventado pelas moças!*

Todavia, a substância desdobrável não imitava a pessoa real senão acidentalmente, e algumas vezes, logo que Emília Sagée se levantava da cadeira, seu duplo parecia continuar sentado. Uma vez, estando Emília Sagée doente de cama, Antonieta de Wrangel lia pra ela. De repente, a professora ficou imóvel e pálida, parecendo prestes a desmaiar. A aluna perguntou se ela se encontrava pior, ao que a professora respondeu negativamente, mas com uma voz muito fraca. Alguns segundos depois, Mademoiselle Wrangel viu claramente o duplo de Emília Sagée passear pelo quarto, de cá pra lá...

Mas, eis agora o mais notável exemplo de bicorporalidade que foi observado com a

professora. Um dia, estavam as quarenta e duas alunas a bordar, todas na mesma sala, cujas quatro portas envidraçadas davam pro jardim. Todas elas viam nesse momento Emília Sagée colhendo flores no jardim, *quando, de repente, sua figura apareceu instalada no sofá, que estava vago. As internas olharam imediatamente o jardim e todas continuaram a ver aí Emília Sagée colhendo flores... Mas observaram então a lentidão de seus movimentos e seu ar de sofrimento. Estava como adormecida e esgotada.* Duas das mais atrevidas aproximaram-se do duplo e experimentaram tocar-lhe. Sentiram uma ligeira resistência, comparável à de qualquer peça de musselina ou de crepe-da-china. Uma delas passou mesmo através da figura. Depois da moça ter passado pela aparição, esta permaneceu inalterável ainda alguns instantes, e por fim desapareceu gradualmente...

Esse fenômeno reproduziu-se de diferentes maneiras, e durante todo o tempo em que Emília Sagée ocupou seu cargo, ou seja, de 1845 a 1846, num espaço dum ano e meio. Mas houve intermitência duma ou mais semanas. *Notou-se, algumas, vezes que quanto mais distinto era o duplo e quanto mais material era a aparição, mais a pessoa realmente material se mostrava incomodada, sofredora e débil.*

Ao contrário, assim que o duplo enfraquecia, via-se o doente retomar força. Emília, de resto, não tinha consciência deste desdobramento e apenas tinha conhecimento do acontecido pelo que ouvia dizer, nunca fazendo idéia do estado em que mergulhava. Esse fenômeno inquietou seus pais, que mandaram regressar a filha. Pouco depois, a instituição fechou as portas...

Eis agora dois fatos ainda mais materiais, os quais trazem seu testemunho à considerável corporização que o duplo pode adquirir. Foram transcritos dos mesmos autores dos textos anteriores.

Sir Roberto Bruce, proveniente duma ilustre família escocesa, estava então como imediato num navio. Um dia, navegando não longe de Terra Nova, enfronhado em seus cálculos, pareceu-lhe ver o capitão sentado a sua secretária. Contudo, olhando com atenção, verificou que quem se encontrava aí era um estranho, um desconhecido, cujo olhar estava fixo nele. Bruce foi ter ao capitão, o qual ficou admirado com seu espanto...

— Quem está a tua secretária? — Perguntou Bruce.

— Ninguém...

— Está sim. Está alguém. É um estranho! E como é que ele veio a bordo?...

— Estás sonhando, Bruce, ou gozando?...

— De modo nenhum, capitão, faça o favor de descer e de vir ver...

Desceram e não restava ninguém sentado à secretária. Procuraram por todo o navio, não encontrando nenhum estranho...

— Todavia, aquele que vi escreveu na ardósia. — disse Bruce — E o que escreveu deve estar lá...

Examinaram a ardósia, que tinha inscritas as seguintes palavras: *Steer to the north-west...* que quer dizer *Navegues em direção a noroeste.*

— Mas essa inscrição foi feita por ti ou por alguém do navio?...

— Não...

Pediu-se a toda a gente que escrevesse aquela mesma frase, e verificou-se que nenhuma letra era igual àquela!

— Pois bem, obedeceremos ao sentido dessas palavras. — Disse o capitão — Dirijas o barco a noroeste. O vento é favorável e permite empreender a experiência...

Três horas depois o vigia assinalou um aisbergue, e viu perto dele um barco desmastreado e cheio de gente. O barco vinha de Quebeque e se dirigia primitivamente a Liverpool. Os passageiros foram transportados nas lanchas do navio de Bruce.

Ora, no momento em que um dos homens do navio canadense subia penosamente ao barco salvador, Bruce estremeceu e recuou, muito emocionado. *Era o estranho a quem tinha visto escrever as palavras na ardósia.* Correu a contar o novo incidente ao capitão.

— Te importas em escrever *Steer to the north-west* nesta ardósia? — Disse o capitão ao novo passageiro, apresentando o lado que não estava escrito.

O estranho escreveu as palavras pedidas.

— Reconheces que esta é tua letra habitual? — Disse o capitão, espantado com a semelhança das duas escritas.

— Mas não me viste escrever?... — Respondeu o estranho — Como podes duvidar?...

Como resposta, o capitão voltou a ardósia, e o estranho ficou muito confundido ao ver sua letra dos dois lados...

— Imaginou alguma vez que tinha escrito nesta ardósia? — Perguntou o capitão.

— Não! Pelo menos que me lembre, não...

Em seguida, o capitão do navio canadense contou ao capitão de sir Roberto Bruce que, uns dias antes, aquele passageiro, muito cansado, se tinha deixado dormir profundamente. Uma hora depois ou mais, acordou e lhe disse:

— Capitão, seremos salvos hoje mesmo... *Sonhei que estive a bordo dum barco que vinha a nosso auxílio...*

Então descreveu exatamente o navio e sua aparelhagem, e quando os homens viram chegar o navio de Bruce ficaram muito surpreendidos ao ver que correspondia à descrição.

O fato seguinte foi contado por Jung Stilling, filósofo e místico cristão alemão, que o publicou em 1814 na Coleção Pocket Book. Foi-lhe contado pelo barão de Sulza, camarista do rei Carlos 13 da Suécia (que adotou Bernadotte), como sendo uma experiência pessoal.

O barão de Sulza contou que, tendo ido fazer uma visita a um vizinho, voltou até casa por volta da meia-noite, hora em que, no verão, se pode distinguir as impressões mais tênues. Estava chegando a minha propriedade, disse ele, quando meu pai veio a meu encontro, à entrada do parque. Estava vestido como habitualmente, e tinha na mão uma bengala que meu irmão havia entalhado. Saudei-o e conversamos durante muito tempo. Chegamos assim ao castelo e fomos até a entrada de seu quarto. Ao entrar, vi com, surpresa, meu pai despido, deitado na cama adormecido. *Ao mesmo tempo, extinguiu-se a aparição.* Pouco tempo depois, meu pai acordou e olhou-me com um ar espantado.

—Meu querido Eduardo. Deus seja louvado porque te vejo são e salvo, pois estava muito

preocupado por tua causa. Num sonho que tive, pareceu-me que tinhas caído à água e estavas em perigo de afogamento.

E o barão acrescentou:

Ora, naquele dia, fui com um de meus amigos à pesca de caranguejo, no rio e, tendo caído, fui arrebatado pela corrente. Conteí a meu pai que tinha visto sua aparição à entrada da propriedade, e que *havíamos tido uma grande conversa*. Respondeu-me que lhe aconteciam, às vezes, fatos semelhantes... Tais acontecimentos confirmam a teoria, defendida por muitas pessoas, que sustenta que, durante a vida corporal, o espírito, revestido dum organismo etéreo, pode escapar para o exterior e aparecer ou agir em diversos lugares, e que em seguida, quando volta ao corpo de carne e acorda, esquece tudo...

Cari von Prel, em seu livro *A morte e o Além*, conta que um católico alemão, o padre Steinmetz, via muitas vezes seu próprio fantasma (seu duplo) sentado no jardim, no lugar que ele próprio gostava de ocupar. Um dia, quando se encontrava no quarto com uns amigos, disse-lhes, apontando sucessivamente com o dedo a ele e depois a seu duplo: Esse o *Steinmetz* mortal e aquele o *Steinmetz* imortal...

Agora outro relato, que foi publicado no *Journal des missions* e figura na obra do doutor Paulo Joire, professor do Instituto Psicofisiológico de Paris, *Les phénomènes psychiques* (Paris, 1909, Vigot, editores). Não conseguimos encontrar nas nossas fichas a referência ao *Journal des missions* nem o nome do missionário que assistiu à experiência, mas garantimos ao leitor que já a tempo possuímos todos os dados em nosso arquivo. Deixemos falar o padre, que nos conta este apaixonante auto.

Certo homem, Ugema Uzago, que era, na altura, chefe da tribo dos Jabiku, além de feiticeiro muito conhecido e célebre na região, tinha sobre os indígenas um poder extraordinário, pois curava as doenças que os atormentavam ensinando-lhes o modo de fazer fortuna e também o de conhecer os inimigos, doces eufemismos que significam, no pensar da gente, que muito cedo ficariam livres deles..

Esse Ugema é amigo do missionário, ou pelo menos, como tinha muitas vezes necessidade do auxílio do reverendo padre, agradava-lhe passar por tal, e muitas noites vinha cuidar de seus assuntos e pedir-lhe tabaco.

Ora, uma noite disse ao missionário que o Mestre, *aquele que tem poderes pra tudo*, tinha convidado todos os discípulos a encontrarem-se na noite seguinte no planalto de Yemvi.

— Por isso não poderei vir aqui... — Acrescentou Ugema.

— Como? — Exclamou o reverendo padre. — No planalto de Yemvi? Mas são necessários quatro dias de marcha pra lá chegar!... Nunca além chegas!...

Orgulhosamente, Ugema endireitou se:

— Vem ter comigo amanhã na noite. Replicou. — Verás como nós, os feiticeiros da magia negra, o sabemos fazer...

O missionário achou que era 'uma ocasião propícia pra comprovar a sabedoria do célebre feiticeiro, e no outro dia, às seis horas, antes do cair da noite, tinha-se juntado a ele.

— Vou começar já os preparativos prà partida. — Disse-lhe Ugema. — Desde o momento em que eu me prepare, pela tua vida não me interrompas: Isso seria pra ti e, sobretudo, por mim, a morte certa.

Prometi-lhe solenemente, escreveu o missionário, não dizer nem uma palavra, não perturbar sua conjuração com qualquer gesto. Nada de grito, absolutamente nada.

Mudo como uma árvore morta! Mas disse-lhe ainda:

— Desculpes. Quero dizer mais uma coisa. Irás, mesmo, ao planalto de Yemvi, à velha cidade abandonada?

— Irei. Já não te disse que sim?...

—Tenho um pedido a fazer-te. Fazes-me um favor?...

— De boa vontade...

— Em teu caminho atravessarás a aldeia de Ushong, que fica na base do planalto. Não é assim?

— Exato...

—Nesse lugar, é muito conhecido o arrematante de imposto, que foi viver até lá comprar borracha.

— Chama-se Esaba, não é verdade?...

— Sim, esse mesmo...

E prosseguiu o padre:

Devo dizer que Esaba, o arrematante negro que lá vive, é um dos nossos cristãos, de nome de batismo Vincent, que, por necessidade, dá catequese, batiza os moribundos, ensina as crianças e além disso é-nos muito devoto. Quando vamos à aldeia, dá-nos hospitalidade e apresta-nos mil-e-um serviços.

— Pois bem, quando passares à porta dele, podes dizer-lhe que tenho absoluta necessidade do ver? Que venha imediatamente e que ao mesmo tempo me traga os cartuchos da espingarda de caça que lá deixei, dentro da caixinha de ferro. Que deixe todo o resto. Só os cartuchos. Percebeste. Não é verdade?...

— Teu pedido será satisfeito. Esaba receberá tua mensagem ainda esta noite e amanhã pôr-se-á a caminho. Agora, nem mais uma palavra. Está bem?

Perante tal segurança, compreende-se bem quanto aumentou meu espanto, como estava desejoso de ver como terminaria esta história de todo singular. Como iria Ugema juntar-se à festa? Quatro dias de marcha feitos em apenas alguns minutos! E depois, como lhe havia dito, tinha um modo fácil de controlar. Da missão até a casa de Esaba eram três dias de marcha e era preciso não perder tempo na estrada!»

O missionário descreveu em seguida o ritual seguido por Ugema pra entrar no sono destinado a obter o desdobramento. Menciona a presença duma serpente negra muito perigosa que desceu do teto da casa e foi se enrolar no pescoço do feiticeiro durante o cântico de encantamento. Depois, o padre continuou o relato:

Sem que o feiticeiro tivesse feito o menor gesto ou sinal pra me deter, pronunciasse qualquer palavra ou proibição, acendi uma tocha que me permitiu apreender todos os pormenores da cena.

O fogo lançava luz agonizante. Uma chama ainda brilhava mas ia-se extinguindo. Ugema estava estendido na cama. Um odor acre, muito especial, enchia a cabana, e passei por mil aflições pra resistir ao torpor que me invadia e sufocava por completo. Aproximei-me de Ugema. A serpente tinha desaparecido, *o feiticeiro dormia profundamente, mas num sono de morte, sem se mexer, num sono cataléptico*. Levantei-lhe as pálpebras. Os olhos estavam branco-vítreos e não acusavam nenhum movimento à luz da chama da tocha. Coloquei-me à sua frente e levantei-lhe um braço, que caiu inerte, rígido, numa rigidez cadavérica. Levantei-lhe uma perna: O mesmo resultado. Enterrei-lhe um alfinete na carne: nenhuma contração muscular, apenas na comissura dos lábios um pouco de espuma esbranquiçada. *As pulsações do coração eram quase imperceptíveis*. Ugema dormia...

Vigiando-o, fiquei toda a noite a seu lado. *Nado nele revelava vida. Nem um gesto nem um movimento*.

Só na manhã, em volta das oito horas, Ugema começou a agitar-se ligeiramente. Observei curiosamente. A pouco e pouco, a vida voltava, os movimentos, a principio espasmódicos, paravam. Erguendo-se da cama de madeira onde estava estendido, Ugema olhou-me com um ar idiota, parecendo interrogar-se sobre o que é que eu fazia ali. A consciência voltava.

— Á!, como estou fatigado...

— Então! Essa famosa viagem, vinte como a não podias fazer!

— Porque é que não a podia fazer? Que estás pra aí a dizer?...

— Estiveste nesta noite no planalto de Yemvi?...

— Claro! Não é bom faltar ao apelo do mestre...

— E o que fizeram?...

Ugema esticou-se. Depois retomou a conversa:

— Éramos muitos e divertimo-nos imensamente...

Era impossível fazê-lo falar.

—E meu pedido, cumpriste-o? Preveniste Esaba?...

— Claro.

— Falaste com ele nesta noite?...

— Sim, falei com ele nesta noite.

— Contudo, não saí desta cabana. Tu estiveste sempre na cama e estive continuamente a vigiar-te!...

— Não, não estive na cama. Meu corpo esteve lá, mas o que é meu corpo? Meu Eu não esteve lá, estive no planalto de Yemvi...

Não querendo, na altura, insistir mais, acabei a conversa e retornei pouco depois o caminho à missão, sonhador e pensando no caso. Perguntava a mim próprio se seria um sonho, uma fantasmagoria, uma ilusão, ou a realidade!

Três dias depois, ao anoitecer, o arrematante Esaba chegou à missão.

— Padre, — disse ele — aqui estão os cartuchos que me pediste no outro dia, através de Ugema. Em que mais te posso ser útil?

Foi-me fácil encontrar um motivo qualquer.

— E quando é que te preveniste Ugema?

— Há já três dias, na noite, por volta das nove horas. Justamente na hora em que Ugema tinha entrado no sonho cataléptico.

— Viste-o?

— Oh! Não! Bem sabes que nós, os negros, tememos os fantasmas da noite! Ugema bateu à porta e falou-me do lado de fora, mas eu não o vi.

— Ah!, está bem.

E foi tudo... Sem dúvida que Ugema tinha assistido a festa dos feiticeiros. Seu *Eu desdoblado* *agia, falava e ouvia*.

Este e o relato e a conclusão do missionário, que contou fielmente essa importante observação. Note-se que é preciso ter uma opinião pra não a julgar tão concludente como as anteriores.

Mas pra quem suponha que estes fatos admiráveis desapareceram em nossos dias, contaremos dois exemplos que se passaram há apenas vinte e cinco anos.

A senhora Louisa Rhine, da universidade de Dulse, em Eua, comunicou ao semanário *Télé Sept Jours* um fato extraído dum arquivo que comporta centenas de casos semelhantes. Vamos resumi-lo.

Uma jovem ianque, Patrícia N..., foi a Munique em 1947 pra se encontrar com o noivo, Alan, mobilizado nas tropas de ocupação. Antes de regressar a Eua, a moça ficou alguns dias em Londres, na companhia da mãe de Alan. Uma quarta-feira à tarde, por volta das três e meia, esta foi acometida duma angústia inexplicável por causa do filho. Contou a Patrícia, que não a conseguiu acalmar, partilhando rapidamente de sua inquietação, a ponto de ficar indisposta e de se ver obrigada a ir à cama pra se estender um pouco.

Alguns dias mais tarde, as duas mulheres receberam uma longa carta de Alan, na qual lhes explicava que na quarta-feira anterior, exatamente por volta das três e meia, tinha escapado por milagre a um grave acidente na estrada. Ia com outros dois soldados num jipe conduzido por um alemão. De repente, tinha-se atravessado na estrada uma moça, fazendo muitos gestos, de modo que eles parassem. O que fizeram, de fato. Nessa altura um camião surgira na frente deles, vindo duma estrada transversal e rodando a uma velocidade louca. Sem essa moça o camião teria nos arreventado como um chicote, declarou Alan. Mas o que mais me espantou foi que, depois do camião ter passado ela desapareceu como por encanto. Tenho certeza de ter reconhecido na moça Patrícia...

Por fim, um fato acontecido, em 1953, a uma parente muito chegada a nós: Liliana D...

Ela fazia nessa época seus estudos na escola oficial de enfermagem da cidade de Argentuil. Essa escola estava integrada no hospital da cidade. Na manhã as alunas do primeiro e do segundo ano executavam o ciclo de trabalho prático na sala, e na tarde tinham disciplinas escritas e orais com os patrões. Liliana D..., que era aluna do segundo ano, saiu numa manhã da sala hospitalar,

situada no segundo piso, onde prestava assistência a alguns doentes, ajudada por uma jovem ido primeiro ano, que lhe ia buscar alguma coisa que fosse necessária à parte escolar propriamente dita, que ficava no mesmo andar. No patamar da entrada, encontrou uma senhora de suas relações, madame P..., que morava habitualmente em Vichi, mas que vinha por vezes, durante o ano, residir pra casa do irmão, que morava em Cormeilles-en-Parisis. Madame P... saiu dum corredor que dava pro patamar, que se fechava por meio duma porta batente. Trocaram algumas palavras banais e madame P... disse à moça que ia, às vezes, às consultas e que sem dívida acabariam voltado a se encontrar. Depois se afastaram e Madame P... desceu a escada, abriu a porta envidraçada e desapareceu no corredor principal do hospital. Liliana D... ficou *alguns segundos no* patamar do primeiro andar, indecisa e admirada com aquele encontro. Depois, de súbito, como inspirada repentinamente, se precipitou nas escadas e abriu a porta do *corredor. Não havia ninguém.* Alguns meses mais tarde, madame P... que se encontrava em Paris, lhe assegurou, rindo incrédula, que nunca tinha deixado Vichi durante aquele período e que nada tinha que fazer no hospital de Argentuil...

3

A materialização do duplo

As portas da residência estavam fechadas.
Jesus veio e se apresentou no meio deles...

João, Evangelho, 20, 27

Nos fatos que agora examinaremos, tendo em conta os estudos experimentais realizados há setenta anos por homens de ciência absolutamente desprovidos de fantasia ou comportamento supersticioso,⁹ verás aparecer dois novos fenômenos. São os fenômenos de *materialização* e de *desmaterialização*.

Esses dois fenômenos, se bem que pareçam ainda muito difíceis de interpretar, foram observados, de forma rigorosa e científica, por testemunhas de autoridade e de competência tais que não podemos pôr em dúvida. O controle foi reforçado pelo uso de aparelhos simples mas precisos. Se em rigor podemos falar de alucinação coletiva pros homens de laboratório (o que é absolutamente impensável), não podemos admitir que os *aparelhos* sejam influenciáveis. Esses fenômenos parecem entregar-se a modificações do elemento material sob a influência do médium.

O conjunto de casos deste gênero, que foram observados com todo *o rigor e controle*, fizeram-nos tirar as seguintes conclusões, segundo doutor Paulo Joffre, professor no Instituto Psicofisiológico de Paris e presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos:¹⁰

1 - O médium pode provocar efeitos que parecem produzidos por um corpo material sólido, corpo este que não se manifesta senão pelo contacto ou por vestígios materiais que deixa noutros corpos. Atribuímos em muitos casos esses fenômenos a uma exteriorização da força do médium. Citemos como exemplo a experiência referida por doutor Allain com a célebre médium Eusápia Paladino, nos cursos de ciências que se realizaram na Sociedade Universal de Estudos Psíquicos de Paris. Foram produzidas marcas e moldagens de formas, tanto por Eusápia como por outros médiuns.

⁹ Citamos Camilo Flamarião, Branly, Marcone e Pedro Curie, que não eram, exatamente, brincalhões

¹⁰ Cf. *Les Phénomènes psychiques et supranormaux, leur observation, expérimentation*, Vigot Frères, Paris, 1909

2 - O médium provoca a aparição duma forma material visível e bem palpável. Essa materialização apresenta, na maioria das vezes, uma parte do corpo humano: Cabeça, mão, braço, etc. Note-se que, geralmente, os membros não têm o mesmo tamanho que os membros correspondentes do corpo do médium que ajudou a produzi-los.

3 - O médium provoca a formação duma forma material que representa uma parte importante do corpo humano: Busto, corpo incompletamente formado. O fenômeno reúne algumas lendas que representam as aparições, mas só parcialmente.

4 - Verificou-se que, em certos casos, o corpo do médium perde uma parte do peso à medida que a materialização se produz. Parece também que, nesses casos, a forma que se materializa utiliza, em parte, os elementos materiais do corpo do médium.

5 - O médium provoca a formação duma massa corporal que representa um corpo inteiro, idêntico ao corpo do médium. São os casos chamados *desdobramento* ou *bilocação*.

6 - O médium provoca a formação duma massa corporal de aparência humana, sendo esse corpo absolutamente diferente do médium.

7 - A aparição, dessa forma materializada, possui certos atributos dum corpo material vulgar. Pode tocar nos assistentes, falar-lhes, entreter-se com eles, apalpar e transportar objetos.

8 - A aparição pode ser fotografada. Durante estes últimos sessenta anos, foram feitos muitos clichês em condições que excluem qualquer possibilidade de fraude. Observemos que este último fenômeno retira qualquer plausibilidade à lenda que pretende que os vampiros não se refletem no espelho. Esta crença, sem dúvida nascida da imaginação popular, está, todavia, em contradição com a velha utilização dos espelhos ditos mágicos, com a ajuda dos quais o evocador entra em contacto visual com a entidade evocada.

9 - Essas aparições e materializações estão intimamente ligadas à presença e ação dum médium, que é sempre necessário à produção do fenômeno..., diz o doutor Joire, resumindo as experiências e os trabalhos de caráter e controle científicos. Observe-se ao leitor que, nos inúmeros casos de aparição, de visão, etc, a presença dum indivíduo dotado de certa mediunidade é efetivamente necessária, mas não é obrigatório que sua ação seja consciente. Ou, então, é preciso admitir que essa ação lhe seja sugerida, pela força que procura pra se manifestar, sem que, no entanto, desconfie disso.

10 - Na maioria das vezes a forma materializada manifesta-se no mesmo lugar onde se encontra o médium. Contudo, há casos em que a materialização se produz sob a influência dum médium que se encontra a uma distância maior ou menor da forma materializada. Notemos esse fato, pois é necessário pro estudo do vampirismo.

Faremos o relato duma experiência célebre, que mostrará ao leitor que as explicações tendentes a fazer entrar essas experiências no domínio do ilusionismo e da fraude não têm qualquer fundamento. Houve, sem dúvida, muitos casos em que os assistentes foram enganados através dum truque hábil. Mas nas sociedades dirigidas por homens de ciência, dotados de espírito crítico indiscutível, as fraudes são rapidamente descobertas.

No fim do ano de 1891, a Sociedade de Investigação Psíquica de Eua, presidida pelo reverendo M. J. Savage, de Bóston, realizou o seguinte. O auto dessa memorável sessão foi assinada pelos membros presentes da dita sociedade, que contava com homens como o doutor

Heber Newton, A. Livermore e muitos outros, tão conhecidos nas ciências como nas letras. Não se tratava dum público *mundano* ou *curioso* ou sequer de *espíritos ferventes*, mas sim de investigadores e de observadores.

O médium era a senhora Roberts, de Nova Iorque. A sessão realizou-se em Osnet, Massachusets, numa sala pública que nada tinha de invulgar e, em consequência, qualquer instalação especial. Tinha-se construído pra tal uma jaula de grade, sustentada por sólida armação de madeira. Na parte da frente da jaula havia-se feito uma porta susceptível de ser fechada com um cadeado. A jaula foi colocada ao longo da parede da sala, que é num segundo andar e na qual se podia entrar somente por uma porta. Antes do médium entrar na jaula, suas roupas foram examinadas por uma controladora como se se tratasse duma passagem alfandegária. A roupa era de tom sombrio. Veremos em seguida a importância desse pormenor.

Chegada a hora da sessão, estavam reunidas na sala umas sessenta pessoas. Nas primeiras filas viam-se os membros da Sociedade de Investigação Psíquica. Na assistência encontravam-se muitos médicos, que tinham vindo observar aqueles fenômenos realizados em condições novas. A senhora Roberts, uma mulher pequena e magra, estava pálida e ansiosa.

Às oito horas entrou na jaula, e imediatamente a comissão, composta pelo reverendo Savage e por um eminente médico, fechou a porta com o cadeado. Além disso, fez-se a ligação *com* um cordão entre o caixilho da porta e a armação de madeira e selou-se esta fechadura com cera, sobre a qual se imprimiu um selo especial. Isto evitaria, durante a experiência, qualquer entrada ou saída da jaula.

Seguidamente, baixou-se a luz, e o desdobramento do médium começou, assim como as manifestações que habitualmente daí resultam. *Durante uma hora, mais de trinta formas saíram da jaula onde estava o médium, passando através das grades sem qualquer dificuldade e materializando-se em sua frente à vista de todos os assistentes.* Essas formas eram umas vezes grandes outras pequenas. Algumas foram reconhecidas por diversas pessoas como sendo parentes mortos. Nalguns casos, as materializações realizaram-se fora da jaula. Cresceu a pouco e pouco, até que a massa nebulosa tomou a forma dum ser humano vestido de branco. Viam-se as mãos modelando o vapor branco, que se tornava cada vez mais consistente. Depois, uma forma humana completamente definida apareceu aos assistentes. Dissolveu-se ao voltar pro médium, como é regra, e depois desapareceu. Algumas formas eram de homens, silhuetas grandes e fortes, sendo o médium uma mulher pequena e magra. No fim da sessão, a senhora Roberts pareceu avançar subitamente em direção aos assistentes, a uma velocidade muito lenta, passar através das grades e da armação, perante a estupefação de todos. Aumentou-se a claridade da sala, que era reduzida, e se verificou que o cadeado estava bem fechado e ás cordas e os carimbos de cera absolutamente intactos. Entretanto, o médium estava do lado de fora, perante a comissão...

Perante isso sorrir-se-á e falar-se-á em prestidigitação, é claro. De qualquer modo os grandes prestidigitadores não se preocupam com a claridade. Quando estão num palco atuam com muita luz, por vezes mesmo com os projetores apontados pra eles. Nesta experiência, um ilusionista teria atuado às claras e não teria baixado a luz. Enfim, na assistência não havia prestidigitador, mas investigadores sérios, médicos, pastores.

Além disso, disse Heitor Durville em sua obra *Le fantome des vivants*, O fantasma dos mortos aparece encoberto, envolvido num tecido branco muito fino, análogo ao dos lençóis com o qual o

corpo foi sepultado. Por outro lado, se interrogarmos os camponeses acerca dos espectros, alguns afirmam muito seriamente ter visto, ou ter ouvido dizer, que Fulano ou Fulana, pessoa incapaz de mentir, tinha tornado a ver a mãe ou o pai, mortos há pouco (que apareceram porque tinham recomendações ou revelações importantes a fazer), e que os viu tal como em vida, levando objetos que lhe eram familiares e trajando as roupas habituais. Nas casas freqüentadas pelo fantasma dum avarento que guardava seu tesouro e pelo dum homem considerado autor dum crime cometido há anos, um e outro foram vistos por certas pessoas vestidos como andavam, ou melhor, como eram em vida. Por outro lado, os espíritos dos mortos que os espíritas evocaram são descritos pelos médiuns tanto cobertos de panos como vestidos...

Eis agora a explicação dada por Heitor Durville.

O duplo dos vivos *espontaneamente desdobrados*, sem que estes tenham sido consciente e voluntariamente os autores deste fenômeno, está quase sempre vestido como o próprio sujeito.

No desdobramento experimental, ao contrário, aparece quase sempre coberto de panos.

Sem algo lhes perguntar alguns sujeitos afirmaram que o duplo não estava vestido como eles mas que parecia envolto numa espécie de gaze fluida que o cobria de cima a baixo, deixando a cara a descoberto. Outros terão dito, à primeira impressão, que o duplo não estava coberto com nenhuma roupa, parecendo-lhes nu. Porém, contemplando-o com mais atenção, distinguiram, mais ou menos claramente, uma espécie de gaze que o cobria.

Mas porque é que o fantasma dos mortos e o dos vivos desdobrados não aparece sempre vestido da mesma maneira?, perguntou Heitor Durville. Eis uma questão à qual me é impossível responder de forma precisa. Apenas posso colocar a seguinte hipótese:

O fantasma está coberto quando não tem um motivo sério pra se manifestar, e por isso paira indeciso num estado de materialização pouco avançado. Ao contrário, está vestido quando, por qualquer razão, está mais pesado e mais material.

Assim, essa substância misteriosa na qual, ou através da qual, o duplo se manifesta e que tem o aspecto duma gaze esbranquiçada e brilhante é o primeiro estado de condensação do duplo, ou seja, o estado de inconsciência e de indecisão. Quando a vontade de se manifestar chega ao paroxismo, a misteriosa substância modela-se e condensa-se mais, pra atingir, finalmente, uma imagem tão exata quanto possível do próprio sujeito, chegando à minúcia, talvez inconscientemente, de simular todos os pormenores do vestuário. No caso do vampirismo, depende do estado de conservação do vestuário no túmulo. Conservação que não deixa de ser surpreendente e que implica a ação oculta do pseudo-morto. Veremos alguns exemplos.

Vamos agora abordar as experiências de doutor Paulo Gibier, que esteve ligado a Pasteur e beneficiou de sua amizade, tendo fundado em Nova Iorque o Instituto Pasteur, réplica do de Paris. Foi muito justamente considerado pelo governo francês, por seu alto valor moral e conhecimentos científicos. Quando se virou pros estudos metafísicos e ousou publicar o resultado de suas experiências, seus adversários, tão materialistas como ultramontanos, lançaram de todos os lados altos gritos e acusaram-no de se ter deixado enganar ou de ter sido ele próprio mistificado. A justificar-se, publicou a seguinte carta de Louis Pasteur:

Caro Senhor Gibier,

Conhecendo os novos métodos aplicados ao estudo das doenças contagiosas, poderias abordar

as difíceis investigações que empreenderás. Desafies, sobretudo, uma coisa: A precipitação no desejo de concluir. Sejas de ti mesmo um inimigo vigilante e tenaz. Penses sempre que estás sendo apanhado em falta... Minhas felicitações e um cordial abraço... Assinado: *L. Pasteur*.

Doutor Gibier seguiu o conselho de Pasteur, e em suas investigações, como nas experiências que se seguiram, mostrou aquela objetividade e aquela contínua desconfiança que lhe aconselhou o grande sábio. O que a seguir vamos contar foi tirado de seus relatórios, apresentados ao Congresso em 1900 e publicados por Durville sob o título *Les matérialisations de fantômes, la pénétration de la matière et autres phénomènes psychiques*.

Assim, diz o seguinte na página 19: Na obra acima citada (*Spiritisme ou Fakirisme occidental*, Paris, 1886), descrevi a materialização parcial duma mão, que observei naquele importante dia.

Mais adiante afirma: Tomei somente nota dos fatos que pude observar e verificar pessoalmente, e dos quais provoquei a confirmação *em meu laboratório*, na presença:

- 1 - de preparadores que me assistiram em meus trabalhos de biologia e cuja acuidade de observação me era familiar;
- 2 - em certos casos, dum pequeno número de pessoas estranhas à ciência, mas de reconhecida seriedade, as quais me eram conhecidas.

Acrescente-se, contudo, e disso estamos persuadidos, que uma única experiência, se for considerada verídica e real, justificará todas as outras. O médium estava encerrado numa jaula de madeira com três lados, estando o quarto tapado com um pano. Doutor Gibier chama a essa jaula Cabinet. Estava geralmente dentro da jaula com o médium e segurava suas mãos dele entre as suas e as pernas entre seus joelhos.

Um ponto branco aparece sobre o pavimento, perto da jaula. Do sítio onde estou colocado, vejo que esse objeto está fixo, mais ou menos a vinte e cinco centímetros de distância do reposteiro, do lado de fora. Em dois ou três segundos começa a ficar grande como um ovo e a agitar-se, fazendo lembrar as conchas vazias que, nas salas de tiro, dançam no cimo dum jacto de água. Então, rapidamente, o objeto prolonga-se, tomando a forma duma coluna com um metro de altura e dez centímetros de diâmetro. Depois sobe a um metro e cinquenta, e no cimo aparecem dois prolongamentos transversais que lhe dão a forma dum T. Faz lembrar a neve ou uma nuvem espessa de vapor de água. Os dois braços do T agitam-se, uma espécie de véu emana de sua substância. O objeto alarga-se e toma vagamente, e depois distintamente, a forma esbranquiçada duma mulher velada. Dois braços brancos saem debaixo do véu, atirando-o pra trás. O véu desaparece e vemos uma linda moça, magra, delicada, de porte esbelto, um metro e sessenta de altura, que com uma voz perceptível nos diz um nome: *Lúcia*. Ficou um instante em nossa frente, como pra permitir que a observemos. O vestido era completamente branco, e as mangas, largas e curtas, não iam além dos cotovelos. Os braços finos. A figura tem cabelo negro, armado, com grandes tufo de lado (o médium tem cabelo louro, curto e frisado). A forma avança até a extremidade esquerda do círculo dos assistentes, até a senhora D... e inclina-se por cima dela. Toma-lhe as mãos e volta as palmas pra cima, soprando a dentro. No mesmo instante, como que sob a influência deste corpo, uma onda de renda e de tule¹¹ eleva-se acima de nossas cabeças

¹¹ Embora doutor Gibier houvesse tido um bocado do tecido nas mãos, não pôde ver exatamente o que era. Ao tocar, julgou que era algodão com muita goma

vinda das mãos da senhora D..., estendendo-se, enquanto ouvimos um sopro forte, regular, contínuo e com ligeiros aumentos, o qual dá a impressão de vir duma máquina ou dum fole de forja, durando, sem interrupção, pelo menos trinta segundos. A senhora D... disse sentir o sopro sobre as mãos e a cara. A forma toma o véu nas mãos e põe-no por cima da cabeça, posição onde parece condensar-se. Depois, desenrola-o e cobre-nos literalmente com esta nuvem ondulante de tecido leve. Neste momento, levanto-me e coloco-me na direção da face anterior da jaula, enquanto o doutor L... e M. T. S... se levantam ao mesmo tempo e avançam direito à aparição, quando ela, puxando bruscamente a si o tecido espalhado sobre os joelhos dos assistentes, e no momento em que me dirigia pra lhe tocar, se desmorona aos nossos pés, como um castelo de cartas, desaparecendo progressivamente. Em apenas dois segundos, partiu, tal como veio, mas dessa vez a uma distância de cinquenta centímetros dos reposteiros, que continuaram imóveis, e próximo aos quais me encontro. De fato, estou plantado à porta da jaula, e ela não pode aí entrar sem me encontrar no caminho. No momento em que o último ponto branco se vai apagar do tapete que cobre o soalho, me abaixo pra lhe pôr as mãos por cima, mas não tenho qualquer sensação, já não há nada. Dirijo-me imediatamente pra a jaula, agarro no laço que ata o médium e puxo a cima. Está em seu lugar e bem atado! Nesse momento a luz se apagou.

Acendo imediatamente o gás. Em menos tempo do que o necessário pro dizer, estou na jaula, onde encontro o médium em seu lugar, imóvel, salivando da boca e cobrindo o queixo. Parece ter acordado duma espécie de transe.

Os nós que atavam o médium foram examinados com cuidado pelo doutor L... e M. T. S..., que tiveram sérias dificuldades pros desfazer, gastando nessa tarefa alguns minutos. Qualquer possibilidade de truque não tem a menor viabilidade. Mas que explicação dar a esta experiência e a todas as que figuram nos relatórios de doutor Gibier? Posta essa questão, a única coisa que se poderá dizer é *que elas nunca poderão enfraquecer a possibilidade da materialização dum vampiro.*

As *materializações* são sempre obtidas, e quantas vezes penosamente, à custa da substância psíquica dum médium, que fornece a primeira matéria a um duplo atraído ou chamado. Às vezes se acha que uma *materialização* é realizada sem que explicação metafísica lhe possa achar a razão. Eis algumas:

Certos jornais franceses deram, em maio de 1959, embora com algum atraso, uma notícia que já tinha sido publicada por seus colegas italianos, nomeadamente *o Momento Sera*, de 29 de abril de 1959, e a revista *Aurora*, # 42 de 1959. Eis o alucinante relato.

O correspondente do *Momento Sera* de Nápoles enviou apressadamente sua redação os fatos seguintes e que ocorreram na noite de 26 a 27 de abril de 1959, em Castellamare-di-Stabia, cidade com trinta e cinco mil habitantes, situada no canto sudoeste do golfo de Nápoles, em frente do Vesúvio, precisamente a vinte e oito quilômetros de Nápoles.

Um rapaz, A. M., chegou a Castellamare vindo de Nápoles, depois da meia-noite, sob muita chuva, em sua moto. Num carreiro na beira da estrada, viu uma moça loura que lhe fazia sinal pra parar. A moça, que ostentava grande beleza, pediu que a levasse até casa, em Castellamare. O rapaz aceitou sem hesitar, convidou-a a sentar-se no lugar de trás e, cortesmente, tirou o casaco e o pôs sobre os ombros da moça. Chegados a determinado ponto do caminho, a moça o fez parar, desceu da moto, indicou ao rapaz onde morava e disse-lhe que voltasse no outro dia na manhã pra

reaver o casaco. Dirigiu-se até casa e entrou por uma porta que estava completamente aberta. O rapaz retomou a estrada e, no outro dia, bateu à porta do rés-do-chão daquela casa, pedindo pra ver a moça, que descreveu. Com espanto, as pessoas responderam que a moça morrera há dois anos. O jovem insistiu. Lhe mostraram, então, um retrato, que reconheceu perfeitamente. Disseram, de novo, que ela tinha morrido e que estava enterrada no cemitério de Castellamare há já dois anos. Perante o rumo que as coisas estavam tomando o levaram ao dito cemitério. Foi um horror geral quando viram o casaco do rapaz sobre o túmulo.¹²

Os grupos de pesquisa espíritas, o Instituto de Pesquisas Metafísicas Italiano e a imprensa se ocuparam do caso. Numerosos inquiridores tomaram a investigação a seu cargo. Todos os fatos foram reconhecidos como exatos, sem que, no entanto, pudessem ser explicados. Soube-se, por outro lado, que a moça já tinha sido vista nas imediações dalguns bailes no arredor mas sempre na noite.

Aqui notaremos a proximidade dum vulcão, o Vesúvio. Mesmo não sendo geólogo o leitor já observou há muito tempo que as regiões castigadas pelos vampiros, como o Balcãs, são também regiões situadas sobre a famosa cintura vulcânica da Terra.

Eis outro exemplo.

O conde Paulo Biver escreveu um livro sobre o padre Lamy, que Maurice Magre diz ter sido um homem de bem, que levou uma vida santa em La Courneuve, perto de Paris, e morreu em 1931. Essa obra tem por título *A pôtre et mystique, le père Lamy*. Paulo Biver é licenciado em Ciências e não é ingênuo, como infelizmente se encontra tanto em certos meios alucinados por pseudo-místicos sem nível. Um dia Biver foi ver um velho padre, ficando na casa dele pra passar a noite:

As dez horas e um quarto, Fui pra a cama e apaguei a luz. Tinham-se passado dois ou três minutos, e através das portas, que são leves, começo a ouvir uma conversa animada no quarto do padre. Três vozes masculinas, claras e distintas, é que ouço no silêncio da noite. *Ninguém tinha subido a escada depois de eu ali ter passado. Por outro lado, ao deixar o velhote na soleira do quarto, vi que mais ninguém estava.* Padre Lamy falou, de vez em quando, respondendo a um interlocutor cuja voz era clara, quente e com um timbre viril e muito agradável. Ouvi algumas sílabas, mas não cheguei a perceber alguma das palavras pronunciadas. O terceiro interlocutor tem uma voz um pouco mais surda, fala com muito mais moderação. Suas palavras eram raras e ditas num tom peremptório ...

Interrogado por Paulo Biver, o velho padre acabou por confessar que freqüentemente ouvia as vozes do Anjo da Guarda e dum outro, que diz ser Gabriel, os quais vinham falar-lhe.

Deixemos essa explicação, que interessa ao leitor místico e católico, e verifiquemos simplesmente que o velho padre, nalgumas noites, tinha em seu quarto *materializações* suficientemente densas pra fazer ressoar o ar por meio da palavra.

Charles-Eberhard von Wachter (1746-1825), advogado em Estugarda, que foi membro do célebre *Stricte Observance Templière*, sob o nome de ordem de Eques a Ceraso, e um de seus dirigentes mais influentes, contou, num relato que fez ao príncipe herdeiro da Prússia (Frederico

¹² Quando a aparição se *desmaterializa*, fica somente a roupa, que cai ao chão

Guilherme 2), ao duque de Brunswick-Luneburg e ao príncipe Charles de Hesse-Cassel, membros, como ele, do *Stricte Observance Templière*, as evocações nas quais participou como discípulo e espectador e que tiveram por autor o filho de Theodorico Gualdo, segundo um ritual e ensinamentos que tinham sido transmitidos ao dito Gualdo por um monge florentino da Ordem dos Servitas, cujo mosteiro se ergue no monte Senário, em Florença.

Nessas evocações, foram obtidas *materializações* duma brancura que cegava. Tinham aspecto humano, o dum jovem bonito e, logo que falaram em segredo com o filho de Gualdo, von Wachter reconheceu-lhes as vozes. Encontramos o relato completo na obra de Gérard van Rijuberck *Episodes de la vie esotérique (1780-1824)*, publicada por Paulo Derain (Lião, 1948).

Como já sublinhamos, eis as corporizações obtidas por processos totalmente diferentes dos utilizados pelo espiritismo clássico, sem recurso aos médiuns, e que são produzidas espontaneamente ou em consequência dum *ritual de chamamento com caráter mágico*.

As tradições judaico-cristãs e os livros *vetero e neotestamentários*, nos quais se baseiam, estão cheios de aparições sob a forma material. Com efeito, uma *visão* é sempre a duas dimensões (altura e largura): É o caso de Lourdes e Fátima. *Mas uma materialização é a três dimensões: Altura, largura e espessura.*

Eis agora um excerto tirado da célebre obra do muçulmano Muhy Ed-Din-Ibn-Arabi *La Parure des Abdal*.¹³

Tínhamos outrora, em Marchena, na região andaluza, um companheiro entre os santos homens cuja ocupação era ensinar o Corão. Excelente jurista, sabia de cor o Livro e os *hadith*. Era um homem de piedade e mérito, sempre ao serviço dos pobres. Seu nome é Abdul-Majid ben Selmah. Contou-me, por Alá, uma coisa que lhe tinha acontecido:

Numa noite, quando estava no quarto onde fazia a oração costumeira, tinha já acabado minhas rezas e posto a cabeça sobre os joelhos pra me preparar à invocação de Alá, reparei subitamente que chegara uma pessoa que me estava tirando o pano sobre o qual eu rezava e o substituindo por uma esteira grosseira. Depois disse:

— Faças tuas orações sobre esta esteira!

Ora, eu tinha aferrolhado a porta do quarto assim que me encontrei sozinho. O medo apoderou-se de mim. O homem disse:

— Aquele que vive na intimidade de Alá nunca se amedronta!...

E acrescentou:

— Mas temas Alá em toda situação...

Então tive uma inspiração e perguntei:

— Ó Sidi, por que meios os Abdal chegaram a ser Abdal?...

— Pelos quatro que mencionou Abu Talib-el-Makki, em seu tratado *Do alimento dos corações... Pelo silêncio, a solidão, a fome, a velhice...*

E desapareceu sem que eu soubesse como tinha podido entrar e sair,

¹³ Tradução e notas de M. Valsan. Les Editions Traditionelles, Paris, 1951

pois a porta continuava fechada. Entretanto, a esteira que me tinha dado continuava embaixo de mim!...

E Abdu-l-Majid ben Selmah terminou seu relato, dizendo:

Eis a esteira em questão!...Disse Muhy Ed-Din-Ibn-Arabi em seu livro

— Então eu próprio fiz uma oração sobre essa esteira...

4

O duplo pode agir sobre a matéria

Todos os eventos que se enquadram numa obsessão de lugar nos levam a admitir a ação duma força invisível, inteligente, maliciosa, muito sutil...

E. Tizané, comandante de polícia, **L'hôte inconnu dans le crime sans cause**

Dariamente acontece ouvirmos os móveis estalar. Não vem à idéia supor que os estalos têm origem não habitualmente admitida, se conhecendo a evolução da madeira, sua variação e sujeição à própria variação do meio ambiente: Temperatura e secura ou umidade.

As experiências metafísicas nas quais os experimentadores tomam nota dos estalidos ou, melhor ainda, de batimentos, escapam, como veremos, às explicações habituais.

Nos servimos, principalmente, das efetuadas por Heitor Durville e de sua obra *Le fantôme des vivants (Recherches expérimentales sur le dedoublement des corps de l'homme, Paris, 1909)*.

Durville nos dá, primeiramente, todos os ensinamentos necessários à colocação dos observadores, dos assistentes, do sujeito a desdobrar e do operador. Enumera todas as preocupações tomadas pra impedir qualquer fraude pela parte do sujeito, cujas mãos e pernas, imobilizadas, estão entre as de Durville, ou as doutro observador se for o próprio Durville a magnetizar o sujeito. *A dois metros de distância* está uma mesa sobre a qual se exercerá a ação do duplo. Em cima da mesa estão diversos objetos, que servirão de teste, nomeadamente uma balança, cujos pratos estão equilibrados, e a ruptura desse equilíbrio fecha um circuito elétrico que faz tocar uma campainha.

21 de janeiro de 1908. Testemunhas: Senhor e a menina Huselstein, os senhores Dubois e François. Durville desdobra a senhora François e pede primeiro ao duplo que agite bem uma folha de papel suspensa por cima da mesa. Nada obtendo, diz ao duplo que dê duas pancadas na mesa. Ao fim de trinta ou quarenta segundos, ouvem todos duas pancadas distintas, leves e secas.

As pancadas ressoam como quando batemos ligeiramente com a articulação do dedo médio dobrado. A título de verificação, Durville pede ao duplo que dê três pancadas. Não se ouve nada. O sujeito declara estar cansado e Durville então o acorda lentamente.

Observaremos que, se se tratasse duma fraude, com ou sem cumplicidade, a terceira série de pancadas podia muito bem obter-se. Mas não é isso que se passa, o sujeito está cansado e o duplo perde sua possibilidade.

23 de janeiro de 1908. Testemunhas: Senhores Dubois e Bonnet e um amigo deste. O sujeito deste dia já tinha notado que, em sua casa, uma porta do armário se abria e fechava sozinha. Durville tenta primeiro, em vão, obter em farinha a impressão da mão do duplo. Perante este malogro, pede ao duplo que feche a tampa dum cofre que está aberto sobre a mesa ou que empurre a porta entreaberta da sala onde se encontram. Ao cabo de quatro ou cinco minutos, ouve-se ranger as dobradiças da porta. Acende-se a luz e vê-se que a abertura da dita porta, que era, antes da sessão, de trinta centímetros, não tem agora mais de quinze centímetros. A porta tinha sido empurrada os outros quinze centímetros. Então, quando se experimenta abrir e fechar a porta, produz-se o mesmo ranger.

5 de março de 1908. Testemunha: Senhor Dubois. Durville desdobra o sujeito anterior. Quando o duplo está suficientemente condensado, convida-o a aproximar-se da mesa, colocada a dois metros, e depois a bater-lhe em cima, para, em seguida, fazer pressão sobre o prato da balança e acionar a campainha.

Ao fim de cinco minutos, ouvem-se batimentos leves, como se batessem na mesa com as unhas. Os batimentos não obedecem às ordens de Durville: São fracos mas distintos. Os três ensaios sucessivos continuam parecidos. Aproxima-se o sofá do sujeito adormecido e desdobrado, lhe imobilizam as mãos e as costas, sobre as quais Durville põe as suas e repete o pedido. Batimentos mais fortes, susceptíveis de serem ouvidos a seis ou oito metros, soam sobre a mesa.

Durville lhe pediu que subisse à mesa. Ouviram-se, então, estalidos singulares, como se uma pessoa pesada e pouco ágil fizesse esforço considerável pra chegar até lá. Fizeram-se sentir vibrações particulares naquele móvel, como se a mesa fosse puxada a todo lado. A calma voltou e o sujeito adormecido e desdobrado declarou que estava em cima da mesa. Durville lhe pediu que subisse à balança e que se pesasse. As testemunhas sentiram, então, que uma corrente de ar fresco se estabeleceu entre o duplo e elas. No fim dum ou dois minutos a balança pareceu se agitar em todos os sentidos, o silêncio pairou, e ao fim dalguns segundos a campainha de controle elétrico entrou em atividade. Senhor Dubois iluminou imediatamente a sala e os assistentes viram que os pratos continuavam a oscilar lentamente, pra retomar o equilíbrio.

Essa experiência foi repetida mais duma vez, nas semanas seguintes. Das observações feitas por Heitor Durville nessa altura conclui-se que o peso do duplo que acionou a campainha da balança era de vinte e cinco a trinta gramas.

9 de junho de 1908. Durville desdobrou outro sujeito. Uma luz fraca emanada duma lanterna com um vidro azul-esverdeado ilumina a sala. Durville desdobrou o sujeito. Quando o duplo estava bem condensado, lhe pediu que agarrasse na mesa e a aproximasse deles. Passados oito ou dez minutos, barulhos leves, como o do roçar da roupa, fazem-se ouvir. O sujeito continuou imobilizado por Durville. Por duas ou três vezes ouviram as tais roçadelas e toques na mesa. O sujeito anunciou, então, a Durville que a mesa já foi deslocada. Durville não ouviu escorregar. Acendeu a luz (a lanterna é insuficiente) e verificou que o canto mais próximo deles está a cinco e meio centímetros de distância.

17 de janeiro de 1909. Testemunhas: Senhor Falque, senhor e senhora Lefranc, senhor e senhora Plantini. Durville desdobrou o sujeito, realizando uma experiência semelhante. A mesa foi deslocada cerca de trinta centímetros.

28 de fevereiro de 1909. Testemunhas: Senhor e senhora Lefranc. Durville desdobrou o sujeito. As disposições são as mesmas das experiências anteriores, mas o circuito elétrico da balança foi colocado tendo em conta a presença duma pequena coluna de madeira, munida duma peanha, sob o prato da balança. Após uma espera de vinte e cinco a trinta minutos, ouviram estalidos na mesa. Depois, no fim dalguns segundos, o sujeito soltou um grito e caiu, completamente contraído, nos braços de Durville. No momento do grito, ressoou uma enorme pancada sobre a mesa como se fosse provocada por um maço. Senhor Lefranc acendeu imediatamente a luz, e os assistentes viram, então, a pequena coluna descrever uma parábola fora do prato da balança e cair ruidosamente no assoalho na direção dos pés do duplo. Ao mesmo tempo, o equilíbrio foi quebrado, a campainha elétrica da balança entrou em ação. Os assistentes tentaram, batendo violentamente no prato, fazer saltar a coluna, colocada de novo sobre o outro prato. A coluna oscilou cada vez mais, mas não conseguiram a projetar ao ar.¹⁴

14 de março de 1909. Testemunhas: Senhor e a senhora Lefranc. Durville desdobrou o sujeito. A mesa estava no lugar habitual, o lugar dos pés estava marcado com giz, no assoalho, a balança e os diversos objetos estavam colocados em cima. As testemunhas se encontravam nos lugares respectivos, e a máquina fotográfica, a disposição da primeira testemunha, estava colocada no ângulo da chaminé e apontada ao canto da mesa, onde, depois da exteriorização, virá se sentar o duplo do sujeito.

Durville desdobrou o sujeito. Quando o duplo estava suficientemente condensado, se dirigiu à mesa e anunciou sua presença com três pequenas pancadas secas, que ressoaram. Durante doze a quinze minutos, ouviram, de vez em quando, pancadas secas na mesa. A senhora Lefranc, que é bastante sensível, disse que distinguiu, do outro lado da mesa, uma forma grosseira, mais brilhante que nas experiências anteriores. A dado momento os assistentes ouviram um barulho deslizante, como se a mesa se deslocasse. A senhora Lefranc gritou, dizendo que a mesa estava avançando em sua direção. Durville e, sobretudo, Lefranc são dessa opinião.

¹⁴ Em 19 de abril de 1974, em nosso escritório, plenamente iluminado, eu e mais duas testemunhas vimos um *kang-gling* (trompete tibetano lamaico), feito com o fêmur duma personagem santa, objeto que data do século XVIII, com ornamentos de prata e de cobre vermelho, *saltar* ao ar e *vir cair* a nossos pés. Dedicamos este triplo testemunho aos eternos regadores de qualquer fenomenologia parapsíquica.

Depois dalguns minutos de silêncio ouviram, de novo, o deslizar e tiveram a mesma sensação. Após novo silêncio, de três ou quatro minutos, o duplo deixou o lugar e a senhora Lefranc o viu avançar em sua direção. Em breve, o sentiu muito perto, tendo a impressão duma estranha frescura que a invadia. No fim dalguns segundos ficou completamente envolvida num gás pardo, que formou há alguns instantes a fantástica forma do duplo. A sensação de frio aumentou e se queixou de impressões estranhas, se entorpeceu e se comoveu.¹⁵ Em breve as pernas ficaram totalmente inertes. Parecendo ter deixado de ter peso, teve a sensação de que com um esforço insignificante poderia se elevar no ar com a cadeira à qual estava fixada. No fim dalguns instantes se fez ouvir o barulho do deslizar (agora mais forte) e a senhora Lefranc, cada vez mais assustada, lançou um grito de pavor e de surpresa. O duplo cessou, então, sua ação sobre ela e voltou à esquerda do sujeito desdobrado. Senhor Lefranc disparou a objetiva da máquina fotográfica e, em conseqüência, a película revelada mostrará o duplo do sujeito assim exteriorizado, que revestia exatamente o aspecto do *fantasma envolto* de todas as aparições! Na realidade, não se tratava de mortalha nem de vestido mais ou menos simbólico! Teremos ocasião de voltar a esse assunto, mas, desde já, diremos que se trata duma condensação da substância psíquica, que constitui o duplo, dando *a ilusão duma forma humana* enrolada numa espécie de *tecido* luminescente.

Durville e seu assistente, em seguida procederam, às verificações habituais, e verificaram, com grande estupefação, que a senhora Lefranc, que estava sentada (e cansada) em seu sofá, *não estava no mesmo lugar que ocupava no início da sessão! Foi transportada, com a cadeira, trinta ou trinta e cinco centímetros à frente, em direção à mesa.*

Duas notas importantes sobressaem, naturalmente, desta verificação na pessoa da senhora Lefranc:

1 - A ilusão que experimentou ao julgar ter consciência de que a mesa se deslocava, enquanto era ela, afinal, o objeto desse deslocamento.

2 - O perfeito conhecimento que teve de que o duplo do sujeito exteriorizado, seu *fantasma*, a envolvia e que queria virar sobre si a mesa e os outros objetos que estavam colocados em cima desta.

Pode pôr-se aqui uma questão. Não haveria no subconsciente do sujeito (uma mulher, a senhora L...) um ligeiro ciúme em relação à senhora Lefranc e não teria o duplo instintivamente tratado de manifestar esse ciúme através dum ato um tanto violento? É possível acreditar-se, se virmos que, quando Durville fez cessar o desdobramento da senhora L... e a pôs num simples estado de sonambulismo, aquela declarou em seu segundo estado que o duplo tinha tentado levantar no ar a senhora Lefranc, mas que isso lhe tinha sido impossível. Então tinha arrastado a senhora pra a mesa, *na intenção da pôr em cima, pra a derrubar depois com todos os objetos. Mas as forças tinham-lhe faltado...*

Assim, um ato que a consciência da senhora L... tinha proibido de fazer no estado de vigília, seu duplo, devidamente liberto pela exteriorização, tinha-o admitido e tentado realizar. Vemos

¹⁵ Observar-se-á que se trata, *justamente*, das impressões que, tradicionalmente, são sentidas pelas vítimas dos vampiros. São, pois, os duplos deles que, fora do túmulo, vêm extrair aos vivos o fluido que lhes é vital quando estão mais ou menos desdobrados durante o sono.

assim, por esse exemplo, que o duplo transporta os instintos mais elementares logo que se liberta. Desse modo, como não conceber que pode extrair criminosamente a substância vital de certos seres vivos mergulhados no sono, se ele é tão egoísta em seu instinto de conservação (e, no caso do duplo, dum corpo anormalmente conservado)?

Numerosas experiências demonstram a possibilidade do duplo agir sobre a matéria (nomeadamente o caso em que fechou um cofre). Numa sessão de 13 de junho de 1910 duas mulheres, assistentes de Durville, foram derrubadas e arrastadas pelos pés durante um trajeto superior a um metro. Nesse momento, o duplo do sujeito estava muito brilhante (índice de sua grande condensação, logo um aumento de suas possibilidades) e irradiava de todos os lados uma espécie de clarões avermelhados, *indicativo duma atividade colérica*.

O duplo de certos sujeitos liberta em grande abundância raio-n, iluminando de maneira notável as telas fosforescentes.

E o que é o raio-n?

Nos princípios de 1903, Boudlot, professor de física na universidade de Nanci, ao estudar o raio-x, que não se refrata, notou raios que, ao contrário, se refratavam. Bem cedo observou que esses raios eram independentes de raio-x e que tinham a propriedade de aumentar o brilho duma pequena chama.

Estes raios encontram-se com abundância na luz solar, que é sua fonte principal. Encontram-se também, mas secundariamente, na luz dum candeeiro *Auer*, quando a camisa deste é nova, no corpo humano, etc. Porque foi descoberto na cidade de Nancy e que se chama *raio-n*.

Quando se banham pequenas telas de papel negro, se expõem durante alguns instantes ao sol e se isolam num quarto totalmente no escuro, se se aproximar delas uma fonte secundária de raio-n, tornar-se-ão luminosas.

Assim, por exemplo, na obscuridade, uma tela exposta ao sol durante cinco ou seis dias, fica totalmente escura. Contudo, se aproximarmos a alguns milímetros as pontas dos dedos, veremos aparecer manchas na tela (projeção de raio-n de nossos dedos).

É desse modo que se pode *demonstrar, científica e experimentalmente, a existência do duplo dos vivos*.

Se pusermos sobre os joelhos do sujeito desdobrado uma tela assim sensibilizada, esta continuará escura. Porém, se tivermos tomado a precaução de pôr sobre um móvel afastado uma outra tela com sulfato de cálcio e pedir ao sujeito que envie o duplo a junto dessa tela, *ela iluminar-se-á*, mesmo que os assistentes não distingam o dito duplo e que este não seja visível senão prum sujeito clarividente.

Nas experiências referidas, os eternos negadores de tudo o que não está conforme com suas opiniões resolutamente materialistas poderão falar de alucinações coletivas, de fraude, de auto-sugestão, etc., ainda que a despeito de toda a evidência.

Dir-se-á que as telas impregnadas de sulfato de cálcio são também sugestionáveis?

Numerosas experiências que não relatamos, com o intuito de não tornar este estudo inutilmente pesado, demonstraram que o duplo do ser vivo se afasta até distância considerável. Um afastamento de quinze ou vinte quilômetros é coisa freqüente, e em que não se crê com facilidade.

5

A ciência perante a morte

A biologia deveria ter, por oposição, uma ciência da morte, uma tanatologia, mas a não existência dessa palavra indica que nem a esboçaram.

A. Gaultier, S.J.

O papa Pio 12, abordando num dia de novembro, perante os jornalistas, o problema da reanimação dum doente, oficialmente morto em termo de definição legal e médica, pôs a seguinte questão: O médico terá o direito e o dever de intervir com os meios atuais de reanimação, onde sua intervenção somente pode prolongar uma aparência de vida, provocar uma espécie de sobrevivência ilusória, num corpo cujas funções vitais estão definitivamente condenadas?... É certo que a prática de reanimação não contém em si algo de imoral. Mas ela não faz parte dos meios habituais que o doente ou a família devem pôr em ação pra salvar a vida ameaçada. Em consequência parece que a tentativa de reanimação constitui na verdade pra família um encargo que, em consciência, não se pode impor, o médico pode evitar essa tentativa. Ao fazer isso não pratica eutanásia, que é sempre condenada pela Igreja.

Pio 12 sublinha, em seguida, o quanto é difícil saber o momento exato em que a morte intervém num paciente que morre inconsciente. É preciso atender ao conceito usual de separação completa da alma e do corpo. Contudo, acrescenta o papa, na prática teremos em conta a imprecisão dos termos corpo e separação. O sacramento da extrema-unção poderá assim ser ministrado, sob condições, a um paciente que se ignora se ainda está vivo (*France-Soir*, 26 de novembro de 1956).

De fato, *é já* perante o estado de coma que a medicina se encontra perante um mistério inexplicável. Sabe-se o que se deve entender por coma: Um sono profundo, uma depressão psíquica próxima da morte real, que sobrevém após uma doença ou um acidente grave. O coma é quase sempre o prelúdio da agonia.

Num número de 1959 da *Revue Internationale d'Electroencéphalographie et de Neurophysiologie*, o doutor Jouvét, do Hospital Edouard-Herriot, de Lião, faz um resumo, baseado num caso particularmente marcante:

O quadro é muito característico. É o dum morto que conserva o pulso bem marcado: A imobilidade é total, os membros estão hipnóticos (sem vigor, distendidos), nenhum reflexo tendinoso ou cutâneo pode ser obtido, as pupilas vidradas, nenhum dos estímulos, mesmo os mais dolorosos, provoca qualquer reatividade... A temperatura retal marca em sua curva uma queda lenta. Entretanto, a pele continua com cor e o pulso bem marcado, a um ritmo inexorável, à média de cem pulsações por minuto, enquanto o peito se eleva ao *ritmo do respirador artificial*...

As funções renais e digestivas mantêm-se igualmente, a morte aparente pode prolongar-se durante horas, dias e, vê-lo-emos constantemente, *durante anos*. O cronista que assina *Medicus*, no jornal *France-Soir*, dá-nos, em seu artigo de 15 de janeiro de 1960, uma explicação. É que, com esses mortos *cor-de-rosa*, se os sistemas circulatório e respiratório continuam a funcionar, o sistema nervoso, ao contrário, está irremediavelmente perdido. Os órgãos de distribuição são mantidos, mas se a central de comando, que dá ordens à distância, for reduzida a papa, em lugar do cérebro há apenas uma espécie de geléia cuja consistência já foi comparada a leite condensado... É o caso de Ricardo Havens, de Prichard, Eua, que vive deste modo desde 16 de outubro de 1955, *alimentado por injeções intravenosas*.

A medicina de nosso tempo, graças aos líquidos alimentícios, com a ajuda de máquinas que acionam os pulmões (a melhor é a sueca *Engströem*), conserva nestes mortos-vivos uma ficção de existência. A maior parte dos casos examinados tem origem em acidentes: Automóveis, motocicletas, etc. *Medicus* diz-nos que existem igualmente alguns casos de quedas, pancadas, por exemplo num desafio de boxe.

Dirá o leitor que, quando os comissários imperiais examinaram no século 18 os famosos vampiros da Boêmia-Morávia, estes mortos-vivos estavam bem melhor que aqueles infelizes moribundos com o pulso bem ritmado, a cor vermelha. Tinham, pelo menos, o privilégio de respirar livremente por si próprios, sem pulmão de aço! Esta observação, muito pertinente, garante, um pouco melhor ainda, a realidade desses misteriosos hóspedes de nossos cemitérios.

Na Páscoa de 1958 a imprensa inglesa publicou (também ela!) o trágico balanço dos mortos e feridos na estrada. Entre os últimos, figurava uma moça muito bonita, de nome Verônica Wise. O rosto nada sofrera e o corpo não apresentava ferimento. Transportada a Oxforde, à clínica Radcliffe, e tratada pelo doutor Wilpole Lewin *permanece lá há dois anos, quatro meses e n dias*... (Estas linhas foram escritas a 13 de setembro de 1960, perfaz, portanto 850 dias!) Segundo os cirurgiões, e no estado atual da ciência, não há esperança da ver retomar a vida normal. Pode ficar em coma durante anos, longos anos, não se podendo fixar um limite. É *tudo*. E um dia deixará o *mundo intermédio* definitivamente.

Há casos de coma muito curiosos, pela duração prolongada desse estranho fenômeno.

O jornal *France-Soir* de 17 de dezembro de 1971 citava o caso de Paulo Balay. Acidentado aos vinte anos, em 12 de dezembro de 1955, estava ainda nesse estado intermédio no próprio dia deste artigo, ou seja, dezesseis anos mais tarde. Depois de ter sido, durante cinco anos, objeto de cuidados e de diversas tentativas de reanimação, a fim de retomar as conexões sensoriais, o hospital de Long-le-Saunier entregou-o finalmente à mãe, a qual recusou então qualquer ajuda exterior. Em dezesseis anos, ele está *cheio* corporalmente. Na altura do artigo, era um homem de trinta e seis anos. O cabelo e a barba cresciam normalmente, a mãe lavava-o, fazia-lhe a barba e penteava-o. Mas era, contudo, um corpo absolutamente sem vida, com um cérebro totalmente

morto, gelado, inerte. Clinicamente e aos olhos da medicina, era um cadáver legal. Situava-se num estado de aniquilamento onde nada persistia, aonde nenhuma emanção do mundo exterior chegava: Nem odor, nem som, nem imagem, nem temperatura. Mais grave ainda, o cérebro não manifestava qualquer atividade e o encefalograma periódico mantinha-se absolutamente retilíneo, totalmente plano. No entanto, não se manifestava qualquer corrupção: Cabelo e barba continuavam crescendo regularmente, assim como unha. Segundo um outro artigo do mesmo jornal, datado de 18 de setembro de 1975, ou seja, vinte anos depois do acidente, Paulo Balay vivia ainda nessa vida larvar, na *hinterlândia* própria dos mortos-vivos.

Em 1974 três prêmios Nobel, os professores Jacques Monod, Linus Pauling e Georges Thomson, reclamaram pra todo doente incurável *o direito de morrer dignamente*, a fim de que não se conservasse a vida dos moribundos *contra sua vontade*. Contudo, no caso dos mortos-vivos, quem tomará a responsabilidade dos matar? E que um jovem americano acordou dum estado de coma deste gênero, em 1956, depois de também ter sido *cadáver em vida* durante quatro anos. Contrapor-se-á que, igualmente em Estados Unidos uma moça acabou morrendo após ter ficado durante nove anos nesse estado intermédio, que já não é vida mas que ainda não é morte. Mas quem pode afirmar algo nesse domínio? É verdade que, no Japão, foi descoberto num túmulo com mais de três mil anos, perto de Fukuoka, sementes pertencentes a uma espécie desconhecida, já extinta. Postas num vaso por arqueólogos nipônicos, germinaram normalmente, sem que fosse possível conhecer o nome.

Que coisa misteriosa é a vida...

A permanência das tradições balcânicas relativas aos vampiros deve ter influenciado inconscientemente os sábios dessas regiões. E por isso que os homens de ciência iugoslavos se debruçam sobre o mistério da morte aparente. O professor Radoslav Andjus, da faculdade de Belgrado, fez em 1960, na Faculdade de Medicina de Paris, uma conferência sobre as pesquisas prosseguidas na Iugoslávia, com o nome de *Morte aparente*.

Os sábios iugoslavos foram surpreendentemente bem sucedidos nas experiências de abaixamento de temperatura de certos animais, *descendo a temperatura muito abaixo dos valores com os quais o coração deixa de bater e a respiração pára*. Mergulharam esses animais num estado de morte aparente, que dura duma a duas horas, e em seguida tornam a trazê-los à vida reaquecendo a região cardíaca e aplicando a respiração artificial.

A temperatura do rato pode baixar até -6°C sem que a reanimação seja comprometida (o que não significa que o rato esteja num ambiente de -6°C , mas o termômetro, por indicação retal, *demonstra ser essa a temperatura do corpo do rato*). Parece ser um limite difícil de exceder. Com efeito, as células de que são constituídos os tecidos vivos podem suportar temperaturas bem mais baixas, mas a partir de -7°C o organismo não evita a cristalização, que arrasta uma morte definitiva por congelamento.

Estas experiências permitem chegar a conclusões curiosas. Julgava-se até aqui que a memória era afetada logo que o cérebro deixava de estar ativo. Ora, os ratos que tinham aprendido a resolver determinados problemas (por exemplo, a encontrar a comida ao fim duma série de operações mais ou menos complicadas) lembravam-se perfeitamente da solução, depois de terem estado mergulhados perto de duas horas num estado de morte aparente absoluta. *Parece, pois, que a memória não é anulada pela paragem da atividade cerebral!* Efetivamente, verificamos o

fato constantemente, quando se analisa certas *ressurreições* cirúrgicas sensoriais.

Descobriram também, e talvez seja este um dos ensinamentos mais importantes, que o organismo arrefecido não reage normalmente às células estranhas. O rato cuja temperatura foi diminuída tolera que o injetem, o que não aconteceria habitualmente, pois seu organismo ter-se-ia imediatamente defendido desta intrusão e teria destruído as células injetadas. Esta reação do organismo é o principal obstáculo ao enxerto de tecidos vivos. Em condições normais, o enxerto não é aceito, e assim, rejeitado pelo organismo, deteriora-se. Até a data, no enxerto da medula, só se conseguiu impedir esta reação irradiando doses maciças no organismo receptor, destruindo assim todos seus meios de defesa.

Eis agora provas definitivas do que os sábios iugoslavos tinham admitido nos animais: a persistência da memória apesar da paragem da atividade cerebral. E desta vez é no plano humano que os vamos encontrar.

No dia 22 de junho de 1955, em Nova Iorque, exatamente às doze horas e cinquenta minutos, um médico de sessenta e cinco anos de idade, agregado ao hospital da universidade de Western Reserve, chamado Cleveland. Morreu bruscamente num corredor deste hospital. Foi imediatamente transportado a uma sala de urgência, onde seus colegas não puderam senão verificar a morte.

Audaciosamente, os doutores Beck, Weckesser e Barry abriram a caixa torácica do cadáver e aplicaram massagens elétricas e manuais no coração. Trinta e cinco minutos mais tarde, exatamente às treze horas e vinte e cinco minutos, o coração voltou a bater. Dois dias depois, 24 de junho de 1955, Cleveland, que na véspera tinha tomado consciência, podia mover os membros, e no dia seguinte, 25 de junho, dava os mais vivos sinais de agitação. Onze dias depois, a 6 de julho de 1955, deixou o hospital com, por única lembrança de sua passagem *intermundo*, uma perda completa de memória das trinta e seis horas que se seguiram ao momento de sua morte aparente. Teria sido o mesmo no caso duma anestesia banal, que todos os operados podem atestar.

Coisa estranha, os encefalogramas realizados em cadáveres desde há uma dezena de anos mostram que a atividade cerebral continua aproximadamente durante as trinta e seis horas seguintes à da morte. Tratar-se-á de sonhos, de pesadelos, de lembranças evocadas pelo morto, ou duma tentativa de comunicar com os vivos?

Então, um problema se põe. Cleveland passou certamente esse período de trinta e seis horas que se seguem à morte. *Desde logo, porque se lembra de nada?* Terá tido percepções dum outro mundo, e a célebre *Água do Esquecimento*, citada pelos filósofos antigos, corresponderá a uma realidade esotérica? O mistério mantém-se.

A grande imprensa, da qual o jornal *France-Soir* faz parte, publicou em 13 de julho de 1959 o relato da operação de sobrevivência da jovem Geraldina Hautefroid. *Posta na temperatura de 15°C, a respiração totalmente parada, assim como o coração, a menina (tinha dez anos) foi operada, durante trinta minutos, dum orifício anormal entre os dois aurículos cardíacos, complicado por uma curva defeituosa das veias pulmonares.* A operação, iniciada às nove horas e trinta, veio a terminar às treze. Às dezesseis horas, a moça acordou. Assim, durante trinta minutos, Geraldina esteve morta. segundo a definição de Cláudio Bernardo: *A morte é certa quando o coração deixa de bater...* Tórax aberto, coração aberto, pulmões parados, *sem vida*.

Passados alguns anos, realizaram-se em todo o mundo muitas operações desse gênero. Em 1959 doutor Drew ia em sua décima oitava hipotermia. Depois, isso continuou. Em 1960, em França, tivemos o caso da jovem Anne-Marie N..., que, em 31 de março e após uma louca corrida de automóvel, chegou nos braços dum médico ofegante, à mesa de operação tarde demais. A jovem tinha dado o último suspiro, no sentido legal e médico da palavra. Verificou-se a parada do coração, da respiração, a abolição completa de todo reflexo, em particular do ocular. Em suma, toda a série de testes que autorizam a assinatura da certidão de óbito. Entretanto, e em condição que desafia todas as tradições da cirurgia comum, preparou-se tudo pruma intervenção desesperada. Às nove horas e treze começou a operação. Abriam a parede torácica da moça e começaram, com as mãos, as massagens cardíacas. Onze minutos depois da morte oficial, o coração arrancou lentamente pra parar ao fim de quatro minutos. Uma injeção de adrenalina fez recomençar os batimentos. Porém, a jovem ainda não estava salva, pois tinha sucumbido à absorção dum medicamento em dose exagerada. Em lugar de cinco comprimidos, absorvidos na razão dum de dez em dez minutos, tinha engolido vinte numa só vez.

Soube-se que seis horas após a absorção desse medicamento a taxa de veneno que continha estaria no máximo em seu sangue. O único recurso seria fazer uma transfusão sanguínea. Na parte da tarde, o sangue envenenado da moça foi retirado e seu sistema circulatório limpo pela passagem de doze litros de sangue dados por doze voluntários. Após uma hemorragia digestiva e um princípio de asfixia, a jovem restabeleceu-se progressivamente, e seis dias depois dessa operação milagrosa levantou-se e passeou nos corredores da clínica do Val d'Or, onde tinha sido arrancada do mundo dos mortos oficiais.

Por fim, em agosto de 1960, uma jovem australiana de vinte e três anos, June Payn, foi submetida a uma delicada operação cirúrgica no hospital de Sydney. Na semana que se seguiu à operação, o coração deixou-lhe de bater por quatro vezes. Foi trazida à vida com a ajuda de milhares de choques elétricos transmitidos dum aparelho pro coração através dum fio de prata.

Também altas sumidades médicas admitiram que as definições de morte legal deviam ser reexaminadas, e que já não se podia afirmar, *a priori*, que alguém estava morto baseando-se simplesmente na paragem do coração e da respiração.

6

O mistério do sangue

A alma da carne está no sangue...

Levítico, 17, 11

Robert Clarke e Nicolas Scoty foram em 1958, por conta do jornal *Le Parisien Libéré*, entrevistar na Urs o professor Tarassov, do instituto Sklitossovsky, de Moscou. Passemos-lhes a palavra:

No Instituto Sklitossovsky como se extrai o sangue dos mortos, que permitirá salvar os vivos. *Mais de trinta toneladas de sangue de cadáver* foram já utilizadas em transfusões, aqui largamente praticadas. O líquido vital é extraído antecipadamente numa sala pequena e limpa, que visitei. O morto é colocado sobre uma mesa em declive, numa zona também esterilizada, como pruma operação. Chega aqui por um subterrâneo, especialmente construído de molde a evitar impressionar o doente.

Uma cânula recebe o sangue, que é automaticamente dirigido a uma máquina que enche frascos, os quais são enviados imediatamente ao laboratório, onde os analisarão atentamente. O líquido, se o tiverem considerado são, é enviado a refrigeradores, onde será conservado.

O professor Yudine, que tornou este método operacional, imaginou-o no dia em que recebeu um jovem sem sangue que se tinha tentado suicidar cortando as veias. Não hesitou e extraiu o sangue dum homem que tinha acabado de morrer vítima dum acidente de viação.

— E se ele sofria duma doença contagiosa?... — Disse-lhe o enfermeiro...

Professor Yudine respondeu com este jogo de palavra:

— É preferível sofrer duma doença contagiosa que estar morto sem a ter...

O homem salvo é hoje pai de numerosa família. Sua história repete-se todos os dias no instituto Sklitossovsky. O sangue dum morto continua vivo durante as seis horas que se seguem sua morte, declarou o professor Tarassov. Pode ser utilizado de imediato e oferece vantagens importantes. Não há a necessidade de se lhe adicionar citrato, como se faz no sangue conservado. É igualmente provável, acrescenta o professor Tarassov, que o sangue de cadáver contenha substâncias ainda misteriosas, que foram

segregadas pelo organismo do moribundo no decorrer da última agonia. Essas estimulinas, em relação às quais ainda hesitamos, permitem aos vivos curarem-se mais facilmente...

Há, portanto, um mistério do sangue, que oculta segredos profundos, e isso explica seu papel sacrificial tanto nas religiões antigas como na magia ou nos cultos feiticistas da África, Ásia e América. Já a Gênese o sublinhava:

Tudo o que morre e tem vida vos servirá de alimento. Eu dou-vos tudo isso, como a erva verde. *Somente, não comerão carne com a alma daquela que é seu sangue!* Pois ficai sabendo: Tornarei a pedir o sangue de vossas almas, tornarei a pedi-lo a todos os animais, e tornarei a, ir a alma do homem ao homem, ao homem que é seu irmão. E se alguém derramar o sangue dum homem, por um homem seu sangue será derramado... (*Gênese, 9, 3-7.*)

Ovídio, nas *Metamorfoses, livro 8*, evoca um processo primitivo de rejuvenescimento: ...que eu encha vossas veias com um sangue novo!

A idéia de curar um doente ou de rejuvenescer um velho é muito antiga, remonta já a um passado longínquo. De fato, as referências à transfusão que cremos reencontrar neste verso de Ovídio, como o relato da transfusão efetuada em 1492 no papa Inocêncio 8 com o sangue de três jovens sangrados até a morte, têm de ser interpretadas. Tratar-se-á realmente de fazer a transfusão dum sangue que se supunha dotado de virtudes vivificantes ou rejuvenescedoras, isto é, mágicas? Como conceber, com efeito, que a verdadeira noção de transfusão tenha podido preceder a descoberta da circulação do sangue? Ora, foi apenas no século 17 que os trabalhos de Harvey o levaram, entre 1616 e 1628, a definir o princípio do motor cardíaco, da oxigenação do sangue e da corrente circulatória. Parece, então, que a era da transfusão sanguínea foi somente aberta à custa de esperanças iludidas, de encorajamentos seguidos de desencorajamentos.

A partir de meados do século 17, abundam os trabalhos em todos os países. Primeiro, especulações dos sábios: Colle, em Pádua (1628), que pensava poder rejuvenescer os velhos; Wren, na Inglaterra (1638-1656); Mayor, na Alemanha. Depois foi a primeira transfusão feita a um animal, pelo inglês Clark, que reanimou um cão graças ao sangue doutro cão, logo seguido por seu compatriota Lower, e depois por outros experimentadores noutros países.

Ao que parece, foram dois franceses os primeiros a fazer uma transfusão sanguínea a um homem. Antes deles, pelo menos Roberto des Gabets tinha descoberto um engenhoso processo, mas não é certo que o tenha experimentado. Em Paris, a 15 de junho de 1667, um professor de filosofia, Jean Denys, e o cirurgião Emmeretz fizeram a transfusão de nove onças de sangue de cordeiro prum rapaz de quinze anos. A história conta que ele se salvou e que depois dele um carregador, ainda que de boa saúde, aceitou submeter-se à operação, indo em seguida à taberna gastar o dinheiro que tinha recebido por ter feito o papel de doente.

Denys e Emmeretz efetuaram ainda, com sangue de vitelo ou de cordeiro, outras quatro ou cinco transfusões, e a moda estendeu-se a outros países. Mas Denys não era médico, e a Faculdade tomou violentamente posição contra a nova medicina que ele procurava aplicar. Seus adversários utilizavam argumentos bem confusos: O sangue de vitelo, com o qual são correntemente feitas as transfusões, escreveu, em 1668, Alain Lamy, é mais quente que o do homem. Como se pode a partir daqui esperar refrescar o doente? Sem contar que é de crer que o

sangue transferido comunica ao homem a estupidez e as inclinações brutais daquele animal. Enfim, em que se transformarão nas veias do homem as partículas daquele sangue que a natureza destinou, no vitelo, a produzir os cornos?...

Os humoristas retorquirão que aqueles crescem muito bem no homem sem que seja preciso transfusão sanguínea.

De resto, a operação não era feita sem perigo. Nesta linha, o tribunal de justiça publicou em 17 de abril de 1668 uma sentença que limitava as experiências de Denys, e dois anos mais tarde, em janeiro de 1670, um decreto do parlamento proibia, sob pena de castigo corporal, todos os médicos e cirurgiões de aplicarem essa *invenção assassina*.

Na Europa, devia abandonar-se quase completamente, e durante mais dum século, uma operação tão arriscada. Seria o inglês Blundell que, no começo do século 19, a iria pôr em grande voga, e fazer, em 1825, a primeira transfusão de sangue humano. Depois desta, centenas de transfusões homem a homem são feitas, e os múltiplos acidentes não desencorajam os experimentadores! Entretanto, um sábio de Bordéus, Orre, tentou novamente, em 1870, as transfusões de sangue animal. Landois, em França (que tinha comprovado a aglutinação da mistura de sangues de espécies diferentes), voltou à transfusão de sangue humano e, com outros médicos, afirmou que, feita com seringa, esta operação não era tão perigosa como se acreditava. Por volta de 1880, o grande hematologista francês Hayem dizia que, em caso de hemorragia grave, só o sangue podia substituir o sangue perdido. Isso mostrava o caráter necessário de todas estas tentativas.

Um feixe de grandes descobertas iria finalmente permitir aos médicos franquear o cabo da experimentação e fazer transfusões em condições técnico-científicas mais seguras.

Em 1896, um sábio belga, Bordet, reconhecia o singular poder do plasma dum animal de aglutinar os glóbulos vermelhos doutras espécies animais. Desde o começo do século 20 os trabalhos do austríaco Landsteiner levaram à individualização de quatro grupos sanguíneos, primeiramente denominados I, II, III e IV, e depois AB, A, B e O.

O emprego de anti-coagulantes permitiu, em 1917, a Hédon e a Jeanbrau, fazer com êxito, aos feridos militares, transfusões de sangue citratado. A utilização de aparelhos, imaginados por Jube, Tzanck, Jouvelet, permitiu em seguida a transfusão sem anti-coagulante.

Graças aos trabalhos do sábio soviético Judine, em 1930, e Jeanneney, em Bordéus, em 1934, tornou-se possível conservar o sangue, e este método de transfusão será aplicado durante a guerra de Espanha.

Finalmente, um novo processo é realizado em 1940 por Landsteiner, Prêmio Nobel de Medicina, emigrado a Estados Unidos, que, quarenta anos depois da descoberta dos grupos A, B, O, identifica, com Wiener, o *fator Rh*, noção duma considerável importância no domínio da transfusão sanguínea e igualmente no aparecimento da doença hemolítica neonatal (que resulta da incompatibilidade dos grupos *Rh* dos pais).¹⁶

¹⁶ Colhemos estes ensinamentos dum folheto intitulado *Donner son Sang...*, sem nome de autor, publicado, em 1958, pelo Centre Départemental de Transfusion Sanguine de la Seine

O estudo dos grupos sanguíneos mostrou que estes possuem um caráter invariável e hereditário, que se transmite segundo as regras clássicas da genética (lei de Mendel).

Isso não significa que a criança tem o mesmo grupo que um ou outro de seus progenitores, *mas sim que ela não pode possuir no seu próprio sangue qualquer característica ausente no de seus progenitores.*

Atualmente, conhece-se uma dezena de sistemas diferentes de grupos sanguíneos, e o conjunto dos aglutinogêneos de determinada pessoa pode permitir uma individualização quase comparável à das impressões digitais. Teoricamente, são possíveis muitos milhões de combinações.

No caso do vampirismo, não se trata duma transfusão sanguínea, mas *dum roubo de fluido vital veiculado por aquele*, o que a Gênese chama alma, mas não entendida no sentido místico ao qual estamos habituados. O sangue não foi apresentado como uma característica essencial dos vampiros senão com os romances e os filmes, que, antes de tudo e, sobretudo, procuraram efeitos espetaculares. E preciso notar que o sangue, com sua cor quente e profunda, é, por muitos, procurado e obtido no terror.

Desde logo, compreendemos muito bem que as precauções habituais no caso da transfusão sanguínea não sejam observadas no caso do vampirismo. O sangue que corre lentamente das narinas ou da boca da maior parte dos cadáveres *executados* no século 18 é o do vampiro. Como também o que suja sua sepultura e seu lençol. Mas é seu sangue e não o de suas vítimas. O fenômeno provém dum excesso de produção, do caráter anormal da função cardíaca e dos elementos constitutivos desse sangue. Existe uma *anarquia sanguínea*, mas provavelmente dum modo inverso daquele que produz a leucemia, doença na qual os glóbulos vermelhos e brancos se empenham numa luta encarniçada. Exatamente como a anarquia celular no cancro, há uma proliferação anormal dos elementos sanguíneos.

Entretanto deu-se conta de casos em que o vampiro, primeiramente e antes de tudo, escolhia seus parentes próximos, mais particularmente sua descendência (a juventude). Talvez isso provenha duma percepção inconsciente duma identidade de grupos sanguíneos, ou pelo menos das características desses grupos. O vampiro desprezava *instintivamente* as vítimas de características sanguíneas contrárias. Talvez seu ataque fosse também suscitado por um complexo que Freud classificou na série dos provenientes das rivalidades sexuais.

7

Os mortos-vivos

Os discípulos de João, tendo regressado no dia seguinte a seu túmulo, não encontraram o apóstolo, apenas suas sandálias na terra gelada...

Autos de João, 110, mst do 2 s.

Em 14 de abril de 1485, sob o pontificado de Inocêncio 8, os operários ocupados na extração de mármore num lugar da via Ápia chamado Statuarium, descobriram três túmulos antigos. Dois deles eram sepulturas de família. No dos Tulliens, foi encontrado um sarcófago de mármore branco, que se abriu. Qual não foi a estupefação dos operários ao descobrirem, perfeitamente estendido, o corpo duma moça que parecia ter quinze ou dezesseis anos. Os grandes olhos, abertos, pareciam fitá-los. O cabelo escuro, dividido ao meio da testa, estava puxado a trás e preso por um carrapito de trança. Assim que a levantaram, verificou-se que os membros estavam flexíveis como em vida.

O rumor daquilo que o povo queria considerar milagre propagou-se com tal rapidez que, no mesmo dia, mais de vinte mil pessoas se dirigiram em peregrinação à via Ápia pra contemplar o maravilhoso rosto da virgem romana. No dia seguinte uma multidão entusiasmada levantou a pesada urna e transportou-a em triunfo até o Capitólio. O papa Inocêncio 8, inquieto com a emoção popular e com essa admiração, que considerava quase pagã, mandou retirar durante a noite a jovem morta, que foi sepultada em segredo num lugar que mais ninguém conseguiu descobrir.¹⁷ Observou-se que esse corpo sepultado sob a via Ápia tinha sido ali necessariamente enterrado, em seu magnífico sarcófago, *antes da construção da célebre via que liga Roma a Brindes* (hoje Brindise), por Cláudio Ápio. De fato, estragar uma estrada imperial pra ali ser enterrada uma moça nunca teria sido tolerado pela lei romana.

Ora, os trabalhos da via Ápia começaram, em Roma, no ano -312, o que implica que o corpo da moça tenha sido ali enterrado ainda antes de -312, e que, desse modo, entre aquela inumação e sua descoberta, em 1485 da nossa era, *esteve soterrado perto de dezoito séculos*, exatamente mil setecentos e noventa e sete anos...¹⁸

¹⁷ Citado por doutor Larcher, *Le sang vaincra-t-il la mort?*, por P. Saintyves, *En Marge de la légende dorée*, e pela relação do humanista Paulo Pompilio, de 1486, citada por Mercati

¹⁸ Crê-se que, no caso dos vampiros, o duplo cujo cadáver está sepultado num túmulo ignorado e dissimulado, no castelo dos Herdödy, em Varazdin (ver final do capítulo 8), pode muito bem manifestar-se na nossa época, pois essa fortaleza data do século XIV, e depois da sua construção fizeram-se diversas restaurações. Entre o

Cinco anos mais tarde, Inocêncio 8 ordenou a dissolução da Ordem do Santo Sepulcro, e sete anos depois o papa morreu ao fazer-se-lhe a transfusão do sangue de três rapazes.

Eis agora dois casos numa longa conservação do cadáver.

O jornal *France-Soir* de 8 de outubro de 1968 reproduziu um texto da agência Associated Press do dia 7 do mesmo mês, redigida nos seguintes termos:

Budapeste, 7 de outubro. O corpo dum homem que podia ser um soldado romano enterrado há mil e seiscentos anos foi descoberto na Hungria, perto de Dunaujvaros. O corpo estava num sarcófago de pedra que pesa três toneladas, encontrado no lugar dum antigo cemitério romano, perto do qual existia um posto militar do século -11.

A cabeça do legionário apresentava barba e cabelo ruivos, o nariz com as cartilagens, assim como a maior parte dos dentes, com os incisivos extraordinariamente compridos. Os pulmões estavam bem conservados.

O jornal húngaro *Magyar Nemzet*, que narra essa importante descoberta, indica que, segundo os peritos, é a primeira vez que é descoberto tal despojo tão bem conservado.

Essa comunicação da A. P. foi escrita com demasiada rapidez. É impensável que um simples legionário haja tido tal túmulo: Três toneladas de pedra. A personagem que foi aí sepultada devia ter sido um tribuno da corte, talvez mesmo um governador da região. Mas a nota relativa aos incisivos, anormalmente compridos, é curiosa. Sabíamos que, muitas vezes, o cabelo e a unha crescem após a morte, e foi comprovado que alguns velhos desdentados recuperaram os dentes-de-leite, no decurso dum novo crescimento em pleno período de senilidade completa. Contudo, um alongamento dos incisivos ou dos caninos vai de encontro (note-se bem) às tradições relativas à lenda dos vampiros. Quanto à própria época em que se situa esta inumação, nada impede de alargar mais, pois a Hungria, então denominada Panônia, estava já ocupada pelas legiões romanas cerca do ano 14 de nossa era, ou seja, no tempo de Tibério. Tácito relata em seus *Anais* a revolta das legiões romanas da Panônia e os nomes dos altos dignitários que administravam essa província, delimitada pelo Danúbio.

Mas ainda há algo mais extraordinário. A revista *Archéologia*, no número 54, de janeiro de 1973, relata a descoberta dum túmulo chinês de há *vinte e um séculos*, isto é, dois mil e cem anos, na província de Hunã, perto da cidade de Tchangcha. O sarcófago era composto por seis caixas que se ajustavam perfeitamente uma dentro da outra. Continha o corpo dum mulher que morreu por volta dos cinqüenta anos, provavelmente a esposa de Litsang, primeiro marquês de Taí. A riqueza dos objetos funerários que acompanhavam o corpo confirma essa conclusão. Segundo o relatório apresentado pelo grupo de estudos formado por professores do instituto de medicina de Hunã, o tecido subcutâneo do cadáver continuava elástico, as fibras intactas, e as artérias do fêmur apresentavam uma coloração muito próxima da existente num cadáver fresco. Ao injetar

enterramento do misterioso cadáver, então temido naquelas regiões antes da guerra, e nossa época não se passaram, sequer, quinhentos anos.

anti-séptico no corpo assim exumado, o pessoal médico observou que o tecido macio se dilatava à passagem do líquido, que ao mesmo tempo se espalhava.

Caelius Rodiginus, em seu livro *Antiguidades*, conta que durante o pontificado de Sisto 4 (papa de 1471 a 1484) foi igualmente descoberto sob a via Ápia o corpo duma moça loura de grande beleza. O cabelo, dum tom dourado, estava preso com tiras igualmente douradas. O corpo estava mergulhado numa espécie de salmoura de tonalidade avermelhada. Pensou-se que se tratava de Tuliola, filha de Cícero. Em nossa opinião, esta suposição é errônea, pela mesma razão do caso precedente. A via Ápia tinha sido construída em Roma a partir de -312, e tendo Cícero vivido de -106 a -43 da mesma era não podia ter sepultado a filha sob a dita. Por um lado a lei romana não teria permitido que se destruísse uma via imperial pra ali sepultar um cadáver, por outro a família ter-se-ia oposto, já que a crença antiga não admitiria que o repouso eterno pudesse ser perturbado pelo galope dos cavalos ou pelo rodar dos carros que passavam. Por fim, a mesma lei romana tê-lo-ia proibido, na medida em que os caminhos e as estradas eram lugares frequentemente escolhidos pelos feiticeiros e feiticeiras pra sortilégio e evocação.

Igualmente, Valateron diz que, sob o pontificado de Alexandre 6 (papa de 1492 a 1503), foi descoberto o corpo duma mulher, perfeitamente conservado, flexível, o rosto vermelho, num mausoléu situado perto da Albânia. Tendo o povo desde logo afirmado que se tratava duma santa (que a antiguidade do corpo, de há tantos séculos!, de fato desmentia), o papa Alexandre 6 mandou-o deitar ao Tibre.

H. Gannal, em *Histoire des embaumements* (Paris, 1838), conta o seguinte fato. Em 1826, perto de Newton-Bellew, na Irlanda, foi encontrado, a nove pés de profundidade, numa cave que tinha doze pés de fundo, um corpo *Perfeitamente conservado* dum homem do século 19. Estava vestido com traje de pele, com o pêlo voltado a fora. O cabelo era perfeitamente negro. A cabeça, descoberta. Apresentava as pernas e os pés nus. A roupa estava intata e, à primeira vista, parecia ter acabado de ser inumado. Deu-se, sem dúvida, uma rápida evolução psicofísica, já que apodreceu alguns dias mais tarde.

Em todos estes casos tratava-se de corpos conservados, sem embalsamamento, em períodos *de sete a dezoito séculos*.

É preciso não confundir a conservação anormal dum cadáver que apresente certas características da vida-respiração imperceptível, palpitações cardíacas muito espaçadas, tepidez, flexibilidade, etc., com a conservação proveniente de embalsamamento (por perfume ou por magnetismo) ou de dissecação do dito cadáver (exposição numa corrente de ar seco e quente ou seco e frio).

Entre a horrorosa múmia, despojada de suas ligaduras e retirada de seu suntuoso sarcófago, que toma harmoniosamente suas formas, à qual todos os órgãos essenciais e as vísceras foram previamente retirados, essa espécie de saco de pergaminho ressequido; e certos cadáveres, conservados anormalmente intatos, sem embalsamamento nem dissecação, olhos abertos, flexíveis, tépidos, aos quais não falta órgão; não existe qualquer ponto comum.

Em sua *Histoire des Embaumements*, página 198, H. Gannal diz-nos:

«Diz-se que Ruysch encontrou um meio de conservar os corpos mortos *com toda a aparência de vida, sem dissecação, sem rugas, com, uma pele jovem e membros flexíveis*, mas será

verdadeiro este fato? E não teremos nós fundamento pra pôr em dúvida tais conclusões, já que nenhuma partes anatômicas preparadas por estes processos chegaram até nós e nenhuma explicação nos fez conhecê-las?...»

No entanto, aqui, Gannal perde-se nos caminhos tradicionais da medicina, pois nem sequer imagina outros! Nunca alguém tinha falado em partes anatômicas preparadas por Ruysch, mas sim em *cadáveres* que conservavam as características da vida. E provável que as partes anatômicas não se prestassem a uma conservação baseada na integridade fisiológica e no funcionamento (retardado mas coordenado) de todos os órgãos. De fato, Ruysch talvez tenha apenas recuperado um destes cadáveres que as investigações na Boémia-Morávia e na Hungria, no século 18, acabaram por descobrir. E se estes processos são secretos, porque teria Ruysch dado a conhecê-los? E se se tratou duma simples recuperação, porque teria necessariamente Ruysch de possuir o segredo desta conservação?

Pausânias, em seu livro quinto, vigésimo capítulo, relata o seguinte fato, que lhe foi contado por Aristarco, seu antiquário, do qual foi testemunha:

Quando os Eleatas mandaram reparar o templo de Juno, cuja abóbada ameaçava ruir, foi descoberto entre a abóbada e o telhado o cadáver dum homem armado pra guerra e aparentemente morto por causa de ferimento. Era, sem dúvida, um dos eleatas que sustentaram o cerco contra os Lacedemônios em Áltis. Esse homem atravessado de golpes foi arrastado até ali e ali morreu. Como quer que fosse, depois de decorridos tantos anos, seu corpo tinha se conservado perfeitamente, pela razão, creio, de naquele esconderijo não ter estado exposto nem calor nem ao frio, pouco tendo sofrido os efeitos do ar.

Poder-se-ia objetar ironicamente a Pausânias que muitos cadáveres se encontram em condições semelhantes no fundo dum caixão, abrigados em qualquer suntuoso e hermético túmulo de mármore. E isto não os impede de modo nenhum de se alterarem.

Mas então que dizer do que aconteceu ao corpo de são Francisco Xavier? Os fatos seguintes são narrados por monsenhor Guérin (Cf. *Pet. Boll.* t. XIV, p. 43) e por P. Saintyves (Cf. *En Marge de la Légende Dorée*, Paris, 1930, p. 298).

Quando, em 2 de dezembro de 1552, morreu são Francisco Xavier, seu corpo foi posto num caixão bastante grande, à maneira dos chineses, *e esse caixão foi cheio com cal viva*, a fim de que, sendo a carne mais depressa consumida, se pudesse levar os ossos do santo a Goa. Em 17 de fevereiro de 1553 (dois meses e meio depois) a urna foi aberta pra se certificar de que a carne estava desfeita. Mas quando se retirou a cal de cima do rosto, *encontraram-no fresco e vermelho, como o dum homem adormecido*.

O corpo estava completo e sem qualquer indício de decomposição. Pra melhor se assegurarem, foi cortado um pequeno bocado de carne, ao pé do joelho, *começando a escorrer sangue*. O corpo do santo exalava um odor muito agradável. Transportado por mar até Malaca, foi aí enterrado a 22 de março de 1553. *Alguns meses mais tarde, foi ainda encontrado fresco e inteiro*, sendo transportado a Goa e sepultado na igreja de São Paulo em 15 de março de 1554. *Em 1612*

(cinquenta e oito anos mais tarde!), quando se lhe quis separar o braço direito pro enviar a Roma, *o corpo foi encontrado ainda flexível e vermelho, e quando se lhe amputou o braço o sangue correu normalmente, vermelho e fluido.*

Por outro lado, em 1727, foram descobertos numa cave dum hospital de Quebeque os cadáveres, *inteiros e intactos*, de cinco religiosos que morreram em 1707 (vinte anos antes), o que, *embora estando cobertos de cal viva*, apresentavam não só todos os sinais de vida mas também um sangue vivo e claro... (cf. G. des Mousseaux, ob. cit.).

Em sua obra *Le pré spirituel*, J. Moschus nos transmitiu o relato que lhe fizeram dois velhos que habitavam numa propriedade situada a seis milhas de Rossas:

Há sete anos, daquele lugar, vimos, de noite, no cimo da serra, uma luz que parecia fogo. Pensamos que fosse por causa de animais selvagens, mas vimos aquilo aparecer durante muitos dias. Então, um dia subimos e não encontramos nenhum rasto, nem luz, nem nada queimado na floresta. De novo, na noite seguinte, vimos as mesmas luzes. Assim, e durante três meses seguidos, vimos aquele fogo. Então, uma noite levamos da propriedade, por causa dos animais, alguns companheiros e armas. Subimos a serra em direção à luz, e ficamos toda a noite no sítio em que costumava aparecer. De manhã, onde a luz tinha aparecido vimos uma gruta. Entramos e vimos um eremita morto. Trazia um *sticharion* de crina e um casaco de corda e também uma grande cruz de prata. Encontramos também junto a ele uma folha onde estava escrito isto: Eu, o humilde Jean, morri à décima quinta indicação. Calculamos então o tempo e descobrimos que tinha morrido há sete anos. Ora, estava tal qual como se tivesse morrido naquele dia...¹⁹

Observar-se-á o fenômeno da luz noturna, que encontraremos ao estudar o caso do padre Charbel Makhluf, e que já encontramos num auto relativo aos vampiros da Hungria, citado por Dom Calmet.

Outro monge fez este relato a J. Moschus:

Tínhamos um dia subido ao monte Amanus e encontramos ali uma gruta. Ao entrarmos vi um eremita ajoelhado, com as mãos erguidas ao céu e o cabelo caído até o chão. Pensei que estava vivo e curvei-me, dizendo-lhe: Rezes por mim, padre... Como não respondeu, ergui-me e aproximei-me dele pro abraçar. Quando lhe pus a mão em cima, descobri que estava morto e, largando-o, fui-me embora. Estava já a uma certa distância quando vi outra gruta. Entrei e vi um monge. Disse-me ele: Fizeste bem em vir, meu irmão. Entraste na gruta do outro monge?... Eu respondi: Não... Acrescentou então: Na verdade, meu irmão, o monge está morto há quinze anos... Ora, estava conservado como se tivesse adormecido uma hora antes.

¹⁹ A indicação é um dos elementos do cômputo eclesiástico

Observar-se-á que, nos dois casos, o cadáver não estava abrigado das variações de temperatura e de umidade, e menos ainda dos ataques de inseto ou dos roedor.

Eis agora um caso célebre, estudado em pormenor pelo doutor Larcher em sua obra *Le sang vaincra-t-il la mort?: O* de Santa Teresa de Ávila.

Nascida a 28 de março de 1515 (8 de abril no calendário gregoriano), por volta das cinco e trinta da manhã (segundo o pai), morreu a 4 de outubro de 1582 (15 de outubro no calendário gregoriano). O corpo não foi embalsamado, sendo sepultado numa vala funda, enchida com uma mistura de pedra, *cal e terra úmida*.

Oito e meio meses mais tarde, em 4 de julho de 1583, perante os prodígios que rodearam sua morte (perfumes extremamente fortes exalados pelo cadáver, desaparecimento das rugas, uma árvore seca subitamente coberta de folha e de flor a despeito da estação desfavorável), foi decidido reabrir a vala, tanto mais que ela exalava um penetrante perfume de lírio silvestre, violeta e flor-de-lis. Foi encontrado um cadáver cuja roupa estava completamente corrompida. O corpo, totalmente coberto de musgo mas intato, estava impregnado por uma espécie de óleo que escorria dele próprio. Depois de limpo, verificou-se que a carne estava flexível como no dia da morte, macia, branca e uma espécie de óleo escorria, gota a gota, de todos os membros. As religiosas lavaram o cadáver, embrulharam-no em roupas novas, deixando-lhe apenas a túnica de baixo, que estava intacta. Depuseram-no num caixão de madeira muito sólido. Antes do fechar, o padre Gratien cortou a mão esquerda, que queria levar a Ávila. Voltou a descer-se o caixão na mesma vala, mas desta vez menos funda, cobrindo-o apenas com terra.

Três anos mais tarde, pelo aniversário de sua morte, 15 de outubro de 1585, o Conselho-Geral das Carmelitas decidiu proceder à transladação do corpo de Teresa de Ávila. E a 24 de novembro de 1585, às nove horas da noite, foi reaberto o túmulo. O corpo foi encontrado no mesmo estado que na primeira vez e verificaram nele os mesmos prodígios. O Conselho tinha ordenado ao padre Gregório, encarregado de conduzir a exumação, que cortasse o braço esquerdo (cujas mãos já o padre Gratien tinha tirado!), e que o deixasse no mosteiro de Albe, onde ela tinha morrido e estado enterrada. Era uma prova penosa pro monge. Mas mal sua mão receosa aproximou a faca do ombro da morta, o braço desligou-se sem qualquer esforço, *deixando correr um sangue vermelho e vivo*.

Nova exumação teve lugar no dia 1 de janeiro de 1586, quatro anos após sua morte. O corpo foi examinado pelos primeiros médicos de Ávila. A umidade do túmulo tinha apodrecido o vestido e o casaco, mas o corpo estava intato e flexível, mantendo sua natural boa aparência. No fim de agosto de 1586 e a 29 de março de 1592 (nove anos e cinco meses depois da morte), o corpo foi encontrado no mesmo estado. A carne estava de tal modo flexível que se recompunha quando se lhe enterrava um dedo. Exalava o mesmo perfume. Os médicos abriram o corpo, a fim de verificar se tinha sido embalsamado artificialmente, e pra formularem uma opinião fundamentada. Foi então que lhe retiraram o coração e o colocaram num relicário, que foi instalado no convento.

Por volta dos finais do ano de 1594, o corpo da santa foi de novo exposto ao ar. O caixão de ferro foi aberto, caixão que tinha três fechaduras, cada uma com chave diferente, que ficaram, uma na casa de Albe e as outras nas mãos da superiora e nas celas das carmelitas. A madre Ana-

de-Jesus, enviada pelas superiores da ordem, testemunhou que o corpo continuava fresco e flexível, apresentando a carne o aspecto de vida real. Notando perto dos ombros um tom colorido, limpou-os com um pano, que ficou imediatamente tinto de sangue vivo. A experiência foi repetida duas vezes. Entretanto, a pele continuava intacta, sem qualquer marca de feridas ou de dilaceração. Um fenômeno de osmose tegumentar absolutamente inexplicável.

Em 1598, dezesseis anos após a morte, a carne continuava ainda flexível e também perfumada. Em 1604 e em 1616, ou seja, 22 e 34 anos passados, foi-lhe retirada uma parte, o pé direito, e muitos fragmentos de carne. De cada vez, o sangue corria normalmente, vermelho e vivo. Foi então que uma carta pontifical ordenou a excomunhão de quem quer que atentasse contra a integridade desse templo do Espírito Santo, onde a devoção popular queria destruir o que Deus tinha querido conservar. Era tempo de parar essa carnificina, à qual se entregavam a ambição e a superstição espanholas.

Por fim, em 2 de outubro de 1750, em 13 de outubro de 1760 e em 14 de outubro de 1760, o corpo foi de novo tirado do caixão e examinado. As observações foram idênticas. *E Teresa de Ávila morrera há cento e setenta e oito anos...*

Abordamos agora o caso de Yussel Makhluף (na religião, padre Charbel), monge maronita,²⁰ nascido em 1828, em Bika Kafra, no norte do Líbano. Morreu em 24 de dezembro de 1898, há perto de oitenta anos, num eremitério dependente do Mosteiro de Saint-Maroun, em Annaya, Líbano.

Depois do juramento canônico, aqueles que o sepultaram contaram o que se passou perante a Comissão Oficial de Inquérito.

«O corpo foi transportado do eremitério ao mosteiro, e depois das cerimônias fúnebres, envolvido em sua batina, segundo o costume dos monges, desceu à campa que ficava pegada com a igreja, do lado leste. O corpo foi lá colocado, numa espécie de degrau interior, mais ou menos vinte e cinco centímetros abaixo do solo. Fui um dos que entraram no interior do túmulo, com o irmão Elias El-Bamharini, o irmão Butros El-Michmichani e um grupo de monges cujos nomes já não me lembro. Nesse lugar não se encontravam resto mortal, nem osso nem crânio, pois tinham sido todos removidos e colocados num canto do túmulo, onde não se via corpo incorrupto: Apenas os restos mortais que acabei de falar...» (Testemunho de Saba Bu Mussa, monge maronita.)

«O túmulo estava situado muito abaixo do nível do solo, de tal modo que a água podia ali penetrar por todos os lados... No chão do túmulo tínhamos colocado algumas pedras, sobre as quais puséramos algumas tábuas e uma pele de cabra, e em cima de tudo isso o corpo.» (Testemunho do irmão François Al-Sebrini, sessão de 14-5-1926.)

— E havia nesse túmulo onde o enterraram mais corpos incorruptos? — Perguntou, então, a essa testemunha a comissão.

— Só havia ossada...

Então o túmulo foi fechado com uma grande pedra que foi coberta com terra.

Ora, a partir da noite seguinte, e durante quarenta e cinco noites, produziram-se no túmulo

²⁰ Maronita é o nome dado ao católico no Líbano. (N. da T.)

fenômenos luminosos, visíveis a distância.

...Podíamos ver de nossas casas, a dez minutos daqui, em nossa frente, ao sul, uma luz *brilhando sobre o túmulo*, que aparecia e desaparecia, diferente das luzes vulgares, semelhante à luz elétrica. Ela permanecia o tempo que persistíssemos em olhar. Víamos, *melhor que em pleno dia*, a cúpula do mosteiro e todo o muro oriental oposto ao túmulo. Fomos ao mosteiro avisar os monges, que não acreditaram. Víamos esse espetáculo extraordinário sempre que passávamos o serão com nossos vizinhos, cuja casa estava situada de frente ao túmulo, e todos os que velavam a viam...

Testemunho de Georges-Emmanuel Abi-Sassine, sessão de 12 e 14 de junho de 1926

«Aconteceu que o prefeito da região, Cheikh Mahmud Hémadé, da seita dos chiitas, chegou com alguns homens com o fim de procurar vários criminosos fugidos à justiça. Julgavam que os fugitivos estavam escondidos nos bosques vizinhos do convento. Ataram os cavalos perto de minha casa, em Jabel El-Uainé, e dirigiram-se de noite ao convento. Ao aproximarem-se, viram uma luz que de início lhes parecia fraca, mas que se intensificava e brilhava perto da porta do mosteiro, a leste da igreja. Pensaram logo que se tratava dos criminosos, que aí estavam escondidos, e dirigiram-se ao sítio onde tinham visto a luz. Porém, nada mais viram e foram então bater à porta do mosteiro. Quando lhes abriram a porta, fizeram perguntas e investigaram, mas nada encontraram, nem alguém, a não ser os habitantes do mosteiro. Quando contaram ao superior e a seus monges o que tinham visto, aquele, que era então o padre Antônio El-Michmichani, respondeu-lhes: Há já algum tempo que ouvimos dizer que certas pessoas viram uma luz onde vistes, que é o local do sepulcro do mosteiro onde está enterrado padre Charbel (Testemunho de Saba Bu Mussa, sessão de 12 e 14 de maio de 1926).

Foi levantado o corpo do túmulo, por causa da freqüência da aparição noturna da luz. Eu mesmo a vi três vezes. Os monges não queriam acreditar-nos. Mas o superior do convento, o padre Antônio El-Michmichani, veio a nossa casa, que ficava de frente ao mosteiro, e verificou a aparição da luz. Seguidamente, foi levantado o corpo. (Testemunho de Miladé, viúva de Tannus Chéhadé, sessão de 12 e 14 de maio de 1926)

Aqui, citamos doutor Hubert Larcher:²¹

Em 15 de abril de 1899, o túmulo foi aberto na presença do superior dos monges e de dez testemunhas do enterro. Interrogados separadamente pela Comissão de Inquérito, estes declararam unanimemente:

- que a água da chuva, penetrando no terraço térreo e nas paredes, tinha inundado o cemitério e feito do túmulo do padre Charbel um verdadeiro lamaçal;

- que o corpo do padre Charbel flutuava sobre essa lama, provocada pela água que caiu em abundância lá em baixo;

- que, apesar disso, o corpo, libertado do bolor que o cobria, mantinha intactos todos seus membros: macios, flexíveis, dobrando todas as

²¹ Obra citada

articulações. A pele mantinha-se fresca e os músculos flexíveis. Nenhum fio da barba nem do cabelo da cabeça tinha caído. A marca da corrente de ferro com a qual o eremita cingia as ancas era ainda bem visível.

Testemunho do padre Joseph Yonès, citado por P. Daher, na obra *Vie, survie et prodiges du père Charbel Makhluf*. Ed. Spès, Paris, 1953

As mãos estavam postas sobre o peito, agarrando a cruz, o corpo, macio, fresco e flexível. Sobre a cara e as mãos, um certo bolor, semelhante a algodão fino. Quando Saba Bu Mussa limpou esse bolor, a cara e as mãos apareceram como as dum homem adormecido... Um sangue muito vermelho, misturado com água, correu dum dos lados. O corpo estava flexível, macio, escorrendo um sangue fresco, sem qualquer traço de decomposição, como se tivesse acabado de ser enterrado naquela altura.

Testemunho do padre Elie Abi-Ramia, citado por P. Daher, obra citada)

Seu corpo foi encontrado preservado da decomposição. Contudo, uma espessa camada de bolor cobria-lhe a cara, as mãos e o peito. Quando essa camada foi raspada, o corpo apareceu avermelhado, e um sangue misturado com água começou a correr. Foi-lhe mudada a roupa e novamente encerrado num caixão, com a parte de cima de vidro, o qual foi colocado num oratório. (Testemunho do padre Chibli, citado por P. Daher, obra citada)

Porém, nos dias seguintes o corpo apresentou-se de novo coberto desse líquido vermelho, que parecia escorrer dos poros da pele! Embebida a roupa de padre Charbel a ponto dos monges serem obrigados a mudá-la duas vezes por semana.

Diz-nos o professor Teófilo Marun que, um ano após a morte de Charbel, um empírico tirou-lhe as vísceras, a fim de pôr termo ao corrimento aquoso e sanguíneo. Em vão! O corrimento sanguíneo continuou...

Em 1900, ficou exposto durante seis meses no terraço da igreja, tendo em vista secá-lo ao sol. Igualmente em vão!

E, durante vinte e sete anos, o líquido, composto de sangue e água, continuou a sair do cadáver...

Numa declaração formulada em 16 de novembro de 1921 doutor Elias El-Onaissi, de Lehfed (Líbano), disse o que a seguir transcrevemos:

Vi, no convento de Anaia, o corpo dum servidor de Deus, o padre Charbel. Ao aproximar-me do caixão onde está encerrado, senti um odor parecido com o que os vivos emanam. Ao examinar atentamente o cadáver, notei que seus poros deixavam passar uma matéria parecida com suor. Coisa estranha e inexplicada, segundo as leis da natureza, prum corpo inanimado há tantos anos.

Recomecei muitas vezes o mesmo exame, em épocas diferentes. O fenômeno era sempre o mesmo.

Em 24 de julho de 1927 o corpo foi colocado num caixão de madeira recoberto de zinco, juntamente com um cilindro metálico no qual se introduzira um relatório médico sobre o estado do corpo nesse dia, redigido em francês pelo professor Armand Jouffroy, da faculdade Francesa de Medicina de Beirute, e pelo doutor Balthazar Malkonien. Uma escavação feita no espesso muro da cripta acolheu o caixão, que, isolado do chão por duas pedras, foi colocado com uma inclinação suficiente pra que o líquido, que escorria sempre, não pudesse estagnar sob o corpo. Esta sepultura foi fechada por um espesso muro de pedras, minuciosamente juntas com cimento.

Apesar disso, vinte e três anos mais tarde, a 25 de fevereiro de 1950, os peregrinos notaram um corrimento ao pé da parede que fechava o túmulo. O padre Pierre Yiunès, superior do convento, notou que esse líquido era viscoso e rosado e, receoso da integridade do caixão, reuniu os monges. Em sua presença, não sem esforço, abriu a sepultura. Verificaram que a extremidade inclinada do caixão deixava correr um líquido ensangüentado, fonte certa, apesar da espessura e da aparente impermeabilidade da parede, do corrimento notado pelos peregrinos.

Então foi aberto um inquérito religioso, designando-se três médicos pra fazer a peritagem. Eram os doutores Chikri Bellan, diretor do Serviço de Saúde e Assistência junto do Governo, Joseph Hitti, deputado parlamentar de Monte-Líbano, e Teófilo Marun, professor de anatomia patológica na faculdade Francesa de Medicina de Beirute.

Esta comissão, rodeada de testemunhas igualmente eminentes, observou seguinte:

1 - A ressumação de sangue, que já tinha sido verificada desde 1899 até julho de 1927, continuava a ocorrer sem interrupção, do mesmo modo que à data da precedente exumação e, espalhando-se por todo o corpo, tinha impregnado as vestes sacerdotais.

2 - Uma parte da casula estava podre, assim como o fundo do caixão de madeira. O fundo do caixão de zinco estava fendido aos pés, mas o tubo que continha o relatório estava intacto.

3 - O líquido ensangüentado, que corria ao pé do caixão rachado, derramava-se sobre a pedra que estava embaixo. Depois, gota a gota, corria ao exterior.

4 - As testemunhas notaram, por outro lado, que todas as roupas estavam literalmente embebidas de líquido seroso, e aqui e ali estavam manchadas de sangue, especialmente a alva de linho branco.

5 - O líquido esbranquiçado, espalhado por todo o corpo, tinha coagulado e estava como solidificado por regiões. Contudo, o corpo conservava toda sua flexibilidade, e podia-se dobrar facilmente os braços e as pernas.

6 - Foi retirado o véu que lhe cobria o rosto e as mãos, dos quais apresentava as marcas.

Observar-se-á a analogia entre estes fatos e os descritos no início do capítulo 8, relativos à exumação do vampiro, numa cidade próxima de Belgrado, e à qual assistiu o ajudante-de-campo do príncipe de Vurtemberg, governador-geral da região. Está lá tudo, desde a matéria esbranquiçada ao sangue, à flexibilidade dos membros e à total aparência de vida.

O corpo de padre Charbel foi então posto de novo noutra caixão, e as pedras cuidadosamente cimentadas. Dois anos mais tarde, cinquenta e quatro anos após a morte, o corpo foi novamente exposto à vista do público, de 7 a 25 de agosto de 1952:

Então, padre Daher observou o seguinte:

Eu próprio vi o corpo: Continuava intato e escorrendo sempre aquele estranho líquido ensanguentado, do qual o caixão, a roupa e os ornamentos sacerdotais estavam literalmente ensopados...

Parece que a realidade sempre ultrapassava a ficção. Porém, quem, na realidade, não acreditará nessas passagens ao ler as últimas páginas de Carmilla?

Contudo, os médicos, que tentaram incessantemente aprofundar esse enigma libanês, ao que parece nunca tiveram a idéia de pensar nos fenômenos paralelos evocados pela tradição dos vampiros. Nunca supuseram que isso era conhecido em certas regiões da Europa. Com efeito, escutemos o doutor Georges Chukrallah, que examinou o corpo de padre Charbel trinta e quatro vezes em dezessete anos. Eis o que escreveu:

De todas as vezes que observava este corpo intato, ficava sempre espantado com seu estado de conservação e, sobretudo, com o líquido avermelhado que dele escorria. Cheguei mesmo a consultar bons médicos de Beirute e da Europa, quando de minhas numerosas viagens. Ninguém me pôde explicar o fato. É um fenômeno de tal modo único que talvez nenhum médico tenha visto algo semelhante e a história da medicina nunca tenha registrado algo parecido. Não me canso de procurar no mundo um corpo conservado como aquele...

Na verdade, doutor Chukrallah ignora muita coisa, pois nunca ouviu falar na tradição dos vampiros! Mais adiante, acrescentou o seguinte:

Suponhamos que o líquido que escorre do corpo em cada dia não pesa mais do que um grama. Sendo assim, durante cinqüenta e quatro anos eram: 19,764 quilos! Ora, a quantidade média de sangue e doutros líquidos contidos no corpo humano é de cinco litros! O menos não dá o mais! Princípio científico evidente em si mesmo. Mas o líquido vermelho que correu do corpo do padre Charbel ultrapassou em muito a quantidade dum grama em cada vinte e quatro horas. Depois de meio século, qualquer fonte teria secado se não fosse alimentada...

É mais que evidente. E colocamos aqui a questão-chave da nossa Introdução: Essa vida ao ralenti, como se conserva e, sobretudo, como se mantém?...

Não há dúvida: Padre Charbel responde às características exigidas pros vampiros.

Estudemos agora o caso de Rosalina de Villeneuve, nascida em 1263, no fim do reinado de são Luís, e que morreu na manhã de 17 de janeiro de 1329, em Celle-Roubaud, perto de Ares, na Provença.

Durante muitos dias, enquanto os fiéis desfilavam perante seus restos mortais, verificaram-se muitos casos de curas espontâneas. Isso nada prova, evidentemente. Contudo, foi observado que o cadáver conservava flexibilidade, os olhos, a luminosidade e a limpidez. Ao mesmo tempo, a decomposição não manifestava algum de seus habituais efeitos.

Por fim, o cadáver foi sepultado num pequeno cemitério de Celle-Roubaud. Muitos meses após essa inumação, as religiosas de Celle-Roubaud notaram que um maravilhoso perfume surgia da terra no preciso local da sepultura de Rosalina.

O rumor espalhou-se, e, em 11 de junho de 1334, cinco anos mais tarde, foi decidido

desenterrar o corpo a fim de que fosse examinado. Qual não foi a estupefação dos assistentes quando, depois de retirada a terra, o corpo de Rosalina apareceu tão bem conservado como no momento de seu funeral. Apesar da umidade da terra, constantemente regada pela chuva, a carne, intacta, não tinha traço de decomposição. Rosalina apareceu tão fresca, tão resplandecente como se tivesse acabado de ser sepultada e untada com suave perfume.

Apesar dessa permanência de cinco anos na terra, os olhos, que a morte vulgarmente apaga, conservavam ainda a luminosidade azul, e o olhar, muito vivo, parecia observar os assistentes, tão estupefatos como maravilhados.

Os olhos foram retirados das órbitas e postos num relicário de prata. O corpo foi transportado triunfalmente até a capela e colocado numa balaustrada, ao abrigo das profanações fanáticas daqueles que teriam tentado desviar-lhe uma parte.

Dez anos mais tarde, em 1344, o corpo foi transferido pra cima do altar, numa caixa fechada. Em 1360, foi colocado num relicário com paredes de vidro. Durante a pilhagem de Celle-Roubaud (em meados do século 15), foi escondido numa cave entre 1420 e 1450, aí permanecendo até ser retirado do esconderijo, onde foi encontrado perfeitamente conservado. Então, depuseram-no num caixão de madeira dourada, que foi colocado num relicário.

Em 1614, foi examinado e verificou-se que continuava intato, sem traço de corrupção. Numa carta datada de 15 de junho de 1644, o prior de Montrieux, citado pelo padre Sabatier (*Sainte-Roseline, Moniale Chartreuse*) e por Bouche (*Histoire de la Provence*), conta que pôde admirar, à direita do altar-mor e igualmente colocado sobre o altar numa arca de madeira dourada ligada com painéis de vidro, a relíquia da santa, cuja maravilhosa conservação o impressionou tanto como ao visitante de 1614. Ficou igualmente admirado com os olhos, que, colocados no relicário de prata, continuavam estranhamente brilhantes.

Em 20 de outubro de 1657 o corpo foi transferido a um novo relicário e seu perfeito estado de conservação foi novamente comprovado. Um dos braços estava perfeitamente flexível e pôde, sem dificuldade, ser deslocado da direita à esquerda.

Segundo o padre Sabatier, em 1660, e o abade Arnaud, em 1661, Luís XIV e sua mãe, Ana de Áustria, vieram a Celle-Roubaud pra admirar o estado do corpo e, sobretudo, a luminosidade límpida dos olhos, que continuavam perfeitamente brilhantes. O jovem Luís XIV teve a curiosidade de mandar examinar esses olhos por seu médico, Antônio Vallot. Pra agradecer ao jovem soberano, o médico espetou uma agulha em dois pontos do olho esquerdo. De imediato, a pupila ficou manchada. Assim ficou provado que os olhos eram naturais, pois aquele olho ficou logo a brilhar menos que o outro, exibindo a marca daquele ato, que é preferível não julgar...

Durante a revolução francesa o corpo escapou à destruição obrigatória decidida pelo Comitê de Saúde Pública. E a 2 de junho de 1835 foi transferido a um relicário de mármore, que permitia vê-lo através dum grande vidro.

O abade Arnaud, pároco em Ares, conta (na obra *Sainte-Roseline des Arcs*, 1887) que o bispo Michel verificou ele próprio a flexibilidade dos membros e a frescura dos braços. Pediu a três médicos que observassem a incorruptibilidade do corpo, a frescura dos olhos e a elasticidade da pele e dos membros. O abade Arnaud certificou que os pés estavam frescos e flexíveis e a carne cedia com maleabilidade à pressão dos dedos.

Em 1887, verificou-se que os insetos tinham atacado o corpo da santa, no interior do relicário, e em 1894 o corpo, desta forma atacado, apanhou umidade. O cônego Besson alertou os religiosos (dos quais tinha dependido Rosalina em vida). Enviaram de Roma os embalsamadores e os químicos. Tendo chegado à conclusão de que o lento trabalho dos insetos punha em risco a conservação do corpo, trabalharam um mês em sua preparação e embalsamamento. Em 6 de julho de 1894, o corpo, definitivamente embalsamado, foi colocado num novo relicário, hermeticamente fechado, como hoje se pode ver.

Assim termina, como observou doutor Larcher, o período de resistência espontânea desse corpo à decomposição, que durou quinhentos e sessenta e cinco anos. Ao que parece, depois desse embalsamamento, os trabalhos dos químicos que dele foram encarregados provocaram a dissecação e o enegrecimento do cadáver (exame de 3 de setembro de 1951). Como observa com sagacidade o doutor Larcher, aquela ação dos agentes corruptores sobre as duas relíquias separadas, o corpo e os olhos, traz ao fim dum longo espaço de tempo (565 anos) a prova irrefutável da corruptibilidade daquela carne, cuja incorrupção durante perto de seiscentos anos não podia pois depender duma desnaturação.

Completaremos a observação de doutor Larcher. Com efeito, o corpo carnal era perfeitamente corruptível por si mesmo, pois que, em sítios e em relicários diferentes, o corpo e os olhos começaram a alterar-se ao mesmo tempo.

Então, será porque o duplo de Rosalina de Villeneuve deixou finalmente seu antigo disfarce terreno que, por um lado, o corpo e, por outro, os olhos se alteraram finalmente?

Pôr esta questão é, ao que parece, resolvê-la.

Aos exemplos precisos e pormenorizados que acabamos de expor acrescentaremos os seguintes nomes, observando que todos estes santos e santas foram encontrados, como exige a tradição da Igreja quando do processo de canonização, perfeitamente conservados. São eles:

Francisco de Assis, António de Pádua, Filipe de Aqueno, são Martinho, Hugo de Lincoln. Catarina de Bolonha, Maria de Oignies, Madalena de Pazzi, são Lidvine, Maria Joana de Tours, Antônio de Florença, Rosa de Lima, Catarina de Siena, são Lutgardo, Colombe de Rieti, Domingos de Paradi de Oringa, Bernadette Soubirous.

E outros mais, sem dúvida. Acabamos aqui a lista, a fim de limitar nossa própria busca e de não fatigar o leitor.

Deixemos agora os santos e as santas, ou supostos como tal, e voltemos aos fatos mais comuns da conservação de cadáver.

Observemos primeiramente a explicação mais comum, através da qual os racionalistas tentam explicar aqueles estados absolutamente anormais. Segundo eles, o solo, a terra, possui qualidades particulares, apropriadas à conservação dos cadáveres, particularmente na hipótese onde joga o fator micro-clima.

Essa explicação é dispensável pro povo, o qual tem sempre a tendência pra tomar qualquer hipótese como definitiva. E, muitas vezes, o sinal de má-fé nas pessoas cultivadas mas materialistas. De fato, há então a negação do problema.

No auto do capítulo 8, (Paulo Arnoldo, Stanoska, filho do heiduque Milo) nos foi afirmado que os comissários imperiais delegados do imperador da Áustria mandaram abrir quarenta

caixões, e dentre todos eles só dezessete cadáveres se encontravam conservados. Ora, tratava-se justamente de dezessete pessoas que, no início, eram suspeitas, porque, tendo consumido carne proveniente de gado vítima dum ataque de vampirismo, tinham-se tornado vampiros. Se a terra do cemitério possuísse alguma virtude particular agiria sobre as quarenta pessoas ali enterradas, e não unicamente sobre as já suspeitas.

Mas que dizer da pretendida virtude do solo, ao verificar-se que o cadáver enterrado não tem contacto com a dita terra? A jovem romana que foi descoberta sob a via Ápia em 1485, em Roma, encontrava-se há dezoito séculos num sarcófago de mármore. São Francisco Xavier não esteve sepultado na terra, mas numa caixa de madeira cheia com cal viva e exposta ao ar livre. Os casos que vamos agora examinar vão fazer justiça a essa pseudo-explicação da terra, conservadora de certos e raríssimos cadáveres, e não dos outros...

Temos o seguinte depoimento, da senhora Henriqueta C..., que geriu durante muitos anos o Departamento de Agência Funerária em Brive.

Senhor Soulier, coveiro-chefe do cemitério dessa cidade, contou-lhe, por volta de 1932, que, muitos anos antes, na presença das autoridades competentes, tinha sido levado a proceder à exumação geral duma parte do cemitério de Brive. Tratavam-se de sepulturas extremamente antigas, e, tendo terminado as concessões centenárias, era necessário retomar o terreno pra novas concessões. Com sua equipe procedeu ao revolvimento das velhas sepulturas. A maior parte das grades tinha desaparecido, corroída pela ferrugem. As pedras tumulares, cobertas de musgo, onde os nomes se tinham pouco a pouco apagado, deviam ir prum depósito geral, num canto do cemitério. Os ossos recuperados foram, segundo o uso, incorporados à terra.

As escavações continuaram. Até o momento não se tinha encontrado senão restos de caixões, ossos transformados em poeira, fragmentos de crânios, maxilas e fechaduras ferrugentas.

De repente, os operários deram um salto. Lentamente, libertaram e miraram, a pouco e pouco, à luz do dia, o corpo duma moça vestida de branco. O cadáver estava intato, flexível, os membros ligeiramente tépidos. Com grandes olhos abertos, a moça sorria. Com toda a aparência de vida, o brilho no olhar, as faces rosadas, pareciam fazer crer que essa jovem morta tinha acabado de ser posta na vala. Nada havia de estranho: Seu caixão, mais que centenário, era como os outros e estava a pouca distância deles. No entanto, a moça estava intata, assim como a roupa. Atribuir-se-á à terra aquela misteriosa virtude de conservação?

Ainda aqui, não se acreditará que se está lendo as últimas páginas de Carmilla, de Shéridan Le Fanu?

Não podendo destruir legalmente esse corpo conservado de modo anormal, e estando os assistentes já prontos pra verem ali os despojos duma santa ignorada, senhor Soulier pediu ao comissário da Polícia presente e às autoridades administrativas que assistiam àquela exumação geral permissão pra voltar a sepultar a moça. A fim de evitar o risco de mais uma exposição à luz, foi decidido cavar-lhe uma sepultura sob um passeio, o que evitava qualquer futura possibilidade de ser desenterrada. Os coveiros fizeram a nova sepultura, sob um dos passeios do cemitério de Brive, e a moça voltou a repousar em seu estranho e inquietante sono, que já não corre o risco de ser novamente perturbado.

Eis agora outro caso, mais recente, no qual, e uma vez mais, a terra não é responsável pelo

estado de conservação do cadáver.

O célebre poeta e romancista italiano Alessandro Manzoni, autor dos *noivos*, nascido em 1785, em Milão, morreu na mesma cidade em 1873 e foi sepultado no cemitério chamado Monumental. Em novembro de 1959, os operários do cemitério foram encarregados de mudar de sítio a massa de granito com vinte e cinco quintais de que se compunha seu túmulo, ajudados por uma grande grua. Essa operação só foi possível realizar-se em duas fases. Foi necessário levantar primeiramente a parte superior do túmulo.

Foi, então, que apareceu o caixão de vidro do poeta, verificando-se que o corpo estava perfeitamente conservado. O cabelo bem penteado, o rosto, ainda ornado com as suíças brancas, conservava uma expressão irônica. As mãos, apertadas sobre o rosário, repousavam em cima da veste preta debruada a veludo, que estava igualmente em perfeito estado de conservação, distinguindo-se sob esta veste o colete debruado e a gravata de cetim. O rosto impressionava pelo extraordinário estado de frescura.

Os padres jesuítas milaneses pediram imediatamente que os despojos de Manzoni fossem transportados a sua igreja, na praça São Fedele, tanto mais que o processo de beatificação do *servidor de Deus* Manzoni estava na altura no paço de Roma.

A municipalidade de Milão contentou-se com a decisão de que o corpo seria exposto durante algum tempo, em seu caixão de vidro, particularmente na ocasião do Congresso Mundial do Romantismo, que devia acontecer proximamente em Milão.

Contudo, essa novidade da descoberta do corpo intato de Manzoni, feita em novembro de 1959, não apareceu na imprensa estrangeira senão em março de 1960, quatro meses depois. É inegável que interesses superiores se manifestaram no que a isto diz respeito. E o jornal *Le Figaro* pôde anunciar, no número de 15 de março de 1960, que a Congregação dos Ritos declarou não ter «nenhuma novidade acerca dum processo de beatificação do célebre escritor Manzoni, cujo corpo exumado foi encontrado absolutamente intacto no cemitério de Milão, que estava em obras de reparação...» Acrescentou-se que Manzoni era suspeito de ser simpatizante do jansenismo.

Dir-se-á, também neste caso, que estes despojos, encerrados num caixão de vidro, num monumento de granito com dois mil e quinhentos quilos, deviam seu perfeito estado de conservação à terra, com a qual não tinham qualquer contacto?

Mas há ainda melhor.

O jornal *France-Soir* recebeu de Londres, através dum telegrama especial datado do dia 10 de maio, a seguinte novidade, que publicou no dia 11 de maio de 1960:

Um motorista de táxi, Leslie Narvey, teve o choque de sua vida quando tomou posse dum pequeno apartamento que tinha alugado em West Kinmel Street, em Rhyl, no País de Gales. Tinha ficado com ele sem as reparações devidas, e comprometera-se com seu proprietário a repará-lo. Era um bom negócio, pois Narvey pensou em ser ele próprio a arranjar-lo. No último domingo, armado de pincéis, de latas de tinta e cheio de coragem, pôs mãos à obra. Grande foi sua surpresa quando, depois de ter

começado por um dos quartos do primeiro andar, quis retocar o interior dum armário de parede. Ao abri-lo, descobriu o cadáver duma mulher vestida com um roupão de flores e um pijama cor-de-rosa. *Parecia estar a dormir calmamente*. Aparentando ter cinqüenta anos, mantinha-se direita contra a parede do armário.

Passado o primeiro momento de susto, o motorista de táxi chamou a polícia.

O apartamento não era habitado há vinte anos (desde 1940). Os inspetores e, depois, os médicos legistas calcularam que o cadáver, *em perfeito estado de conservação, estava lá há vinte anos*.

A polícia pensou imediatamente num suicídio. Contudo, pra evitar qualquer margem de erro, o cadáver foi autopsiado. Se a autópsia revelasse que a mulher, que foi identificada como sendo uma tal senhora Frances Alice Knight, tivesse sido assassinada, a polícia de Rhyl pediria ao Ministério do Interior autorização pra desenterrar outras quatro pessoas mortas por volta de setembro de 1940, em circunstâncias misteriosas, tal como a senhora Knight.

Segundo o primeiro exame do médico legista, o cadáver encontrado no armário ter-se-ia mumificado por falta de ar. Efetivamente, o armário estava hermeticamente fechado.

Fazemos ver ao leitor que não dizemos que o cadáver ter-se-ia mumificado, mas que estava *em perfeito estado de conservação*. Quem tiver ocasião de ver múmias no momento em que se lhes retiram as ligaduras, não poderá confundir esses corpos desprovidos de vísceras, ressequidos e duros como uma velha pele de couro, com um corpo humano em perfeito estado de conservação!

Quanto à falta de ar, agente inesperado dessa incorruptibilidade, é a mesma que num caixão, com a diferença de que, apesar de tudo, o armário estava certamente mais mal fechado que um caixão hermeticamente aparafusado e era também maior, contendo por isso mais ar. Contudo, os mortos decompõem-se muito rapidamente dentro dos caixões. A generalidade das experiências prova-o sem contestação possível.

Agora já *não é* a terra, mas a falta de ar, que é o fator de incorruptibilidade! Será que nos dirão que o assassino tinha feito o vazio absoluto nesse armário?

O último episódio que vamos contar dentro deste campo vai levar-nos a não ter qualquer consideração pela teoria da terra conservadora de cadáveres nos casos inexplicáveis.

A 22 de julho de 1934, morreu no hospital de Aneci, Sabóia, o arcebispo Alexis Medvekov, superior da antiga Igreja Russa de Ugine. Nascido em 1 de julho de 1867, na Rússia (12 de julho no calendário gregoriano), emigrou à Europa, fixando-se depois nessa cidade.

Morreu de cancro intestinal após uma operação inútil. Como essa terrível doença acelera a decomposição da carne e o calor de julho era susceptível de agravar, os cirurgiões pediram que sua colocação no caixão e o enterro fossem feitos rapidamente. Foi enterrado no cemitério de Ugine, e passaram-se vinte e três anos.

Em 1956, o cemitério de Ugine mudou de destino, e era preciso desenterrar o arcebispo Alexis Medvekov. Os coveiros tiraram um primeiro caixão, depois um segundo, *imediatamente por cima do seu*. Os dois estavam podres e vazios, os ossos, desconjuntados, foram retirados de cada um deles.

Por fim, os coveiros atingiram um terceiro, que estava intacto: Era o de Alexis Medvekov. De repente, invadidos por uma espécie de crença ou de respeito, largaram as picaretas e as pás e terminaram a libertação do caixão com as mãos.

Na presença das autoridades administrativas, do comissário da Polícia e das autoridades religiosas ortodoxas, nomeadamente o bispo, o caixão foi aberto. Então, Alexis Medvekov apareceu, de rosto vermelho, absolutamente intacto, flexível, e as vestes sacerdotais em perfeito estado. Tocaram-lhe na mão, *estava morna*.

Aquele que os cirurgiões do hospital de Aneci consideravam já em decomposição apenas algumas horas após a morte continuava ainda ali, após o traslado e inumação em Ugine, a despeito dos calores de julho de 1934, no mesmo estado de incorruptibilidade que em vida.

Entretanto, os dois caixões e seus ocupantes tinham sido enterrados por cima dele e foram encontrados totalmente apodrecidos. Dir-se-á que a terra não teve o mesmo respeito por eles que teve pelo bispo?

Foi então transferido ao novo cemitério de Ugine. Como a coisa *aqueceu*, a administração diocesana da Igreja Russa na Europa Ocidental, rua Daru, 12, em Paris, decidiu transferir o corpo de Ugine ao cemitério russo de Sainte-Geneviève-des-Bois. Foi desenterrado mais uma vez, em 1957. Estava ainda no mesmo estado: Rosto vermelho, membros flexíveis, mornos, vestes sacerdotais absolutamente intactas. Há vinte e três anos que estava morto, altura em que, no dizer dos cirurgiões do hospital de Aneci, ele não podia ser mais do que restos mortais.

Estivemos junto de seu túmulo. Repousa na cripta da bela igreja russa de Sainte-Geneviève-des-Bois, perfumada pelo incenso do rito bizantino. Ao lado de sua laje funerária, a piedade dos servidores da igreja mantém permanentemente um prato de arroz cozido, acompanhado de uva de Corinto e duma pequena vela acesa no centro do arroz. E um velho rito eslavo que somente é praticado pelos padres ortodoxos, mas que antes da guerra era seguido, segundo nos declararam, em todo o território dos Balcãs. Será uso ou prudência? O leitor decidirá...

8

Os vampiros da Hungria, Boêmia e Morávia

Já se viu alguma vez letargia, desmaio ou síncope durar anos inteiros?...

Dom Augustinho Calmet, abade de Senones, *Dissertation sur les revenants, vampires, de Hongrie, Bohême et Moravie*, 3

Em *Traité des apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenants de Hongrie, Moravie, etc.*, obra publicada com a autorização da Sorbona, em 1645, por Debure (Bib. Nle # R-30 457 e 30 458), dom Augustin Calmet, beneditino, abade de Senones, relata a carta seguinte, que recebeu por intermédio dum amigo comum, Ludwig von Buloz, ajudante-de-campo de S. A. o Príncipe de Vurtembergia:

Possuo uma carta acerca dos fantasmas da Hungria, que foi escrita por um amigo meu pra me ser entregue. O autor pensa nitidamente doutra forma que o *Le Glaneur Hollandais*²² acerca dos vampiros! Eis essa carta:

Pra satisfazer às perguntas do senhor abade dom Calmet, relativamente aos vampiros, o abaixo-assinado tem a honra de assegurar que nada existe tão verdadeiro e tão certo como o que leu nas Atas Públicas e Impresas, que foram inseridas nas gazetas de toda a Europa. Mas de todas essas atas que foram publicadas o senhor abade deve interessar-se por um fato verídico e notório referente à delegação de Belgrado, ordenada por sua majestade imperial Carlos 6, de gloriosa memória, e executada por sua alteza sereníssima o duque Carlos Alexandre de Vurtembergia, nesse tempo vice-rei ou governador do reino da Sérvia. Porém, de momento não

²² Gazeta publicada pelo marquês Boyer d'Argens, o qual acreditava que as vítimas dos vampiros suicidavam por auto-sugestão

posso citar o ano nem o mês ou o dia, por falta de meus papéis, que não tenho presentemente comigo.²³

Esse príncipe mandou partir de Belgrado uma delegação que era composta metade por oficiais militares e outra metade por oficiais civis, assim como pelo auditor-geral do reino, a fim de que se deslocasse a uma aldeia onde um vampiro famoso, morto há muitos anos, fazia uma razia entre os seus. Mas notai que é somente em sua própria família e entre seus parentes que esses sugadores de sangue se deleitam a destruir nossa espécie.

Essa comissão era composta por gente e por sujeitos reconhecidos por seus costumes e saber incomparáveis. Prestado o juramento e acompanhados dum tenente dos granadeiros do regimento do príncipe Carlos Alexandre de Vurtemberg e de vinte e quatro granadeiros do dito regimento, partiram.

Tudo o que era gente honesta e o próprio duque, que se encontrava em Belgrado, juntaram-se àquela comissão pra serem testemunhas da prova jurídica a ser feita.

Chegados ao local se descobriu que no espaço de quinze dias o vampiro, tio de cinco rapazes e moças, já tinha executado três, e outro, seu próprio irmão. Já ia no quinto, uma moça muito bonita que era sua sobrinha. Já a tinha vampirizado duas vezes quando se pôs fim a essa tragédia tão triste pelas operações seguintes:

Reuniram-se numa vila, não longe de Belgrado, com os comissários deputados. A sessão era pública e efetuou-se no cair da noite, em sua sepultura. Esse senhor (?) não me pôde dizer as circunstâncias do tempo durante o qual as vítimas precedentes tinham sido atacadas, nem as particularidades acerca desse assunto. A pessoa, depois do ter sido, encontrava-se num estado lastimável de fraqueza, de debilidade e de cansaço, tal era a violência do tormento. Havia aproximadamente três anos que estava enterrado. Foi vista sobre seu túmulo uma claridade parecida à dum candeeiro mas mais viva. O túmulo foi mandado abrir e encontrou-se um homem completo, parecendo tão são como qualquer um de nós, os assistentes. Os olhos semi-cerrados, o cabelo, o pêlo do corpo, a unha e o dente e estavam tão firmemente agarrados a ele como o estão atualmente os nossos. *O coração palpitava.*

Em seguida, retirou-se o corpo a fora do túmulo. O corpo não estava, na verdade, flexível, mas não faltava parte, nem na carne nem no osso. Em seguida trespassou o coração com uma espécie de lança de ferro redonda e pontiaguda. Saiu dele uma matéria esbranquiçada e fluida, juntamente com sangue, mas o sangue dominando a matéria. O morto não

²³ Possuímos a exata data noutros documentos

tinha mau cheiro. A seguir foi cortada a cabeça com um machado semelhante àquele com que na Inglaterra se faz execução. Saiu, igualmente, uma matéria e sangue semelhante aos que acabei de descrever mas sangue mais abundante em proporção ao que saiu do coração.

Quanto ao resto, foi deitado numa vala, com cal viva e forte, pro consumir mais depressa, e desde logo sua sobrinha, que tinha sido vampirizada duas vezes, melhorou.

No local onde essas pessoas são atacadas se forma uma marca muito azulada. O local da sucção não é determinado: Tanto pode ser num lado como noutro.

Constitui isso um fato notório atestado nos mais autênticos relatórios e passado à vista de mil e trezentas pessoas, todas dignas de fé. Reservo-me pra satisfazer mais completamente a curiosidade do sábio abade dom Calmet e fazer-te um relato pormenorizado do que vi com meus próprios olhos, acerca desse assunto, que remeterei ao senhor cavaleiro de Saint-Urbain pra que te envie, e fico muito encantado com isso, como com qualquer outra coisa que constitua ocasião pra provar que ninguém te tem tão grande veneração e respeito como este humilde e obediente servidor:

L. de Buloz, antigamente capitão no regimento de SAS, o príncipe Alexandre de Wurtemberga e seu ajudante-de-campo. Atualmente primeiro-capitão dos granadeiros no regimento do senhor barão de Trenk.

Essa carta, narrada por dom Calmet em seu segundo tomo (capítulo 14, página 61), é seguida de outra, que recebeu de origem diferente, a qual estava assinada por um oficial de cavalaria, M. de l'Isle de Saint-Michel:

A fim de nada omitir que seja suscetível de clarificar esse assunto, acrescentarei ainda que a carta é dum homem muito instruído e honesto que observa os espectros, carta escrita a um parente:

Desejas, meu querido primo, ser informado ao certo do que se passa na Hungria acerca dos espectros que provocam a morte a muita gente nesse país. Posso te falar sabiamente, pois estive lá aquartelado e sou, naturalmente, curioso! Em minha vida ouvi contar uma infinidade de história, ou supostas como tal, acerca de espíritos e sortilégios, mas das mil apenas acreditei numa! Não se pode ser circunspeto nessa matéria sem se correr o risco de se ser pateta. Contudo, há certos fatos tão provados que não podemos deixar de acreditar. Quanto aos espectros da Hungria, eis como as coisas se passam.

Uma pessoa aparece atacada de fraqueza, perde o apetite, emagrece a olhos vistos e ao fim de oito a dez dias, algumas vezes quinze, morre sem febre nem qualquer outro sintoma senão a magreza e a secura.

Se diz, naquele, país que é um fantasma que se agarra a ela e lhe suga

o sangue. Os que são atacados por aquela doença, dizem, em sua maior parte, que crêem ver um espectro branco, que os persegue a todo lado como a sombra de seu corpo.

Quando estávamos aquartelados nos Valaques, em Bannat de Temesvar, dois cavaleiros da companhia onde eu era porta-estandarte morreram dessa doença, e outros tantos que foram atacados teriam morrido do mesmo se um cabo da nossa companhia não tivesse acabado com o mal, utilizando o remédio que as pessoas da região empregam pra isso. É dos mais particulares, e, embora infalível, nunca o vi referido nalgum ritual.²⁴

Escolhe-se um rapaz novo, com uma idade tal que nunca tenha utilizado seu corpo, ou melhor, que se suponha ser *virgem*. Monta-se o rapaz num cavalo completamente preto e que nunca tenha saído. Faz-se passear no cemitério e passar sobre todas as valas. Toda aquela que o animal recuse passar encima, apesar das fortes chibatadas que lhe dão, é suspeita de estar ocupada por um vampiro. Essa sepultura é então aberta, sendo aí encontrado um cadáver tão gordo e belo como se fosse um homem feliz e tranquilamente adormecido. Com uma machadada lhe decepa o pescoço, donde sai um sangue dos melhores e mais vermelhos, e em quantidade.

É-se levado a crer que se trata dum homem dos mais sãos e vivos. Feito isso enche-se a vala, e pode contar-se que a doença acabe e que todos os que foram atacados recuperem pouco a pouco, como as pessoas que prostradas há muito tempo se salvam duma doença.

Foi isso o que aconteceu a nossos cavaleiros que foram atacados. Era, na altura, comandante da companhia, pois meu capitão e meu tenente estavam ausentes. Fiquei irritado pelo cabo ter feito essa experiência sem minha presença! Tive a maior dificuldade em não o obsequiar com uma tarefa dada com o pau, coisa que se paga por bom preço nas hostes do imperador. Queria, acima de todas as coisas, ter estado presente naquela operação, mas, enfim, era preciso ter passado lá...

Um parente desse mesmo oficial escreveu-me em 17 de outubro de 1746, dizendo-me que seu irmão, que tinha servido vinte anos na Hungria, e que ali, curiosamente, examinara tudo o que se dizia acerca dos espectros, reconheceu que as pessoas daquela região são mais crédulas e mais supersticiosas que as outras e atribuem as doenças que têm a sortilégios. Suspeitando, à partida, de que o incômodo é causado por uma pessoa morta, acusam-na ao magistrado, que, baseado no depoimento dalgumas testemunhas, mandou desenterrar o morto. É cortada a cabeça com um machado e correm algumas gotas de sangue. Conclui-se que é o

²⁴ Ritual de exorcismo, ortodoxo ou católico-romano. Esse rito não poderia ter aí lugar, evidentemente.

sangue que sugou da pessoa doente. Mas a pessoa que me escreveu parece muito longe de acreditar no que pensam naquele país.

O intendente do conde Simon Labiensi, estaroste²⁵ de Posnânia, tinha morrido. A condessa, que tinha um dote de viúva, quis, por reconhecimento de seus serviços, que fosse sepultado num túmulo dos senhores daquela família. O que foi cumprido. Algum tempo depois o sacristão que tinha a seu cargo a manutenção do túmulo, percebendo que estava mexido, avisou a condessa, que ordenou, segundo o costume da Polônia, que tostassem a cabeça ao morto. A ordem foi executada na presença de muitas pessoas, entre as quais o senhor Juivinski, oficial polaco e governador do jovem conde Simon Labiensi, que viu, quando o sacristão tirou o cadáver do túmulo pra lhe cortar a cabeça, que rangia os dentes e que o sangue corria tão fluido como o duma pessoa que tivesse morrido subitamente de morte violenta, o que pôs o cabelo em pé a todos os assistentes. Seguidamente, embebeu-se um lenço branco com o sangue do cadáver, o qual se deu a beber a todos da casa pra que jamais fossem atormentados...

Ora, essa superstição, tão repugnante quanto absurda, era o melhor propagador da epidemia do vampirismo, caso acreditemos no relato seguinte, atestado por testemunhas cujos nomes são mencionados no fim da narração. Esse texto foi extraído do *Mercure Galant* de 1694, e foi retomado por dom Calmet. Os números de 1693 e de 1694 referem-se, por outro lado, muitas vezes, aos *upires, vampiros ou espectros, que se vêem na Polônia e, sobretudo, na Rússia*. Note-se que o termo *upire* designa *sanguessuga*, coisa que a Europa Ocidental ainda ignorava na época em que a Polônia e a Rússia conheciam essa calamidade. A história não foi, pois, inventada pelo *Mercure Galant*.

«Num certo cantão da Hungria, chamado em latim Oppida Heidonum, além do Tibisque, vulgo Teisse, isso é, entre esse rio, que banha o venturoso terreno de Tockay, e a Transilvânia, o povo conhecido com o nome de Heiduques crê que certos mortos, a quem chamam vampiros, sugam todo o sangue dos vivos, de tal modo que eles enfraquecem a olhos vistos, ao contrário dos cadáveres, que, como as *sanguessugas (sic)*, se enchem de sangue de tal maneira que se vê sair pelas condutas naturais e mesmo pelos poros. Essa opinião acaba de ser confirmada por muitos fatos que não podem ser postos em causa dada a qualidade das testemunhas que os certificaram. Contamos aqui alguns dos mais notáveis.

Foi há aproximadamente cinco anos que um heiduque, habitante de Medreiga, chamado Paulo Arnoldo, ficou esmagado sob um carro de feno. Trinta dias após sua morte quatro pessoas morreram subitamente, e da mesma maneira que morrem, segundo a tradição daquele país, os que são molestados pelos vampiros. As pessoas lembraram-se então que o tal Arnold tinha muitas vezes contado que, pros lados de Cassova e nas fronteiras da Sérvia turca, tinha sido atormentado por um vampiro, e elas acreditavam que aqueles que tinham sido vampiros passivos em vida tornavam-se ativos depois da morte, quer dizer, que todos aqueles que tinham sido sugados iriam

²⁵ Estaroste: Chefe de comunidade rural da Polônia. (N. da T.)

por sua vez sugar. Mas ele tinha encontrado o modo de se curar comendo terra do sepulcro do vampiro e esfregando-se com seu sangue. Precaução que não o impediu, contudo, do vir a ser depois de morto, pois foi desenterrado quarenta dias depois do funeral e o cadáver apresentava todas as marcas dum arqui-vampiro. Seu corpo estava vermelho, o cabelo, a unha e a barba tinham sido renovados, e as veias estavam cheias de sangue fluido, o qual corria de todas as partes do corpo ao lençol em que estava envolto.

O hadnagi, ou magistrado da zona, que era um homem conhecedor do vampirismo, e em presença do qual foi feita a exumação, mandou, conforme o costume, espetar no coração do defunto Paulo Arnaldo uma estaca muito aguçada, que lhe atravessou o corpo de lado a lado. Esse ato o fez, segundo se diz, soltar um grito pavoroso, como se estivesse vivo.²⁶

Feita essa operação, foi-lhe cortada e queimada a cabeça. Depois disso fez-se a mesma coisa aos quatro cadáveres doutras pessoas mortas de vampirismo, temendo que matassem alguém.

Nenhum dos expedientes usados pôde, entretanto, impedir que, perto do fim do ano passado, quer dizer, ao fim de cinco anos, esses acontecimentos funestos tenham recomeçado e que inúmeros habitantes da mesma aldeia tenham morrido. No espaço de três meses, dezessete pessoas morreram de vampirismo, umas sem terem estado doentes e outras após dois ou três meses de torpor.

Entre outros casos, relata-se o duma moça chamada Stanoska, filha do heiduque Jotuitzo, que, tendo-se deitado de perfeita saúde, se levantou trêmula no meio da noite, soltando gritos horrorosos e dizendo que o filho do heiduque Milo, falecido há nove semanas, tinha tentado estrangulá-la durante o sono. Desde esse momento começou a enfraquecer e ao fim de três dias morreu. O que essa moça tinha dito acerca do filho do heiduque Milo fez com que ele fosse reconhecido como vampiro. Foi, então, desenterrado e, de fato, acharam-no como tal! As entidades principais, que estavam presentes, médicos e cirurgiões, verificaram como o vampirismo renascia apesar das precauções tomadas alguns anos antes.

Descobriu-se, por fim, após grandes buscas, que o defunto Paulo Arnaldo tinha matado não apenas as quatro pessoas de que já falamos mas também gado, cujos novos vampiros tinham comido, e entre os quais o filho do heiduque Milo.

Com base nesses indícios tomou-se a decisão de desenterrar todos os que tinham morrido há certo tempo. Dentre uns quarenta, foram encontrados dezessete com todos os sinais evidentes de vampirismo. Também se lhes cortaram as cabeças e trespassou o coração, e em seguida foram queimados e as cinzas deitadas ao rio.

Todas as informações e execuções que acabamos de relatar foram feitas juridicamente, na legalidade, e confirmadas por muitos oficiais que pertenciam à guarnição militar, por cirurgiões-mores dos regimentos e pelos principais habitantes do sítio. O auto foi enviado, no fim de janeiro último, ao conselho de guerra imperial, em Viena, que elegeu uma comissão militar pra averiguar a verdade de todos esses fatos.

Foi o que declararam o hadnagi Barriarar e os heiduques mais velhos e foi assinado por Battner, primeiro-tenente do regimento de Alexandre de Vurtemberg, por Clickstenger,

²⁶ Crê-se agora que terá sido o arrebetar do estômago ou dos pulmões, que estavam cheios de ar bloqueado

cirurgião-mor do Regimento de Furstenburch, por três outros cirurgiões da companhia e por Gnoitchitz, capitão em Stallath.»

Em *Lettres Juives*, do marquês Boyer d'Argens (autor já citado como editor, naquela época, duma gazeta chamada *Le Glaneur Hollandais*), na nova edição de 1738, na 1377 a carta, podemos ler o relato seguinte, que parece demonstrar que o marquês tinha recusado explicar a morte das vítimas de vampirismo por auto-sugestão.

Acabou de ocorrer nos quartéis da Hungria uma cena de vampirismo que foi devidamente atestada por dois oficiais do tribunal de Belgrado, que se deslocaram ao local, e por um oficial das tropas do imperador, em Gradish, o qual foi testemunha ocular dos processos.

Nos princípios de setembro, morreu na vila de Kisilova, a três léguas de Gradish, um velho com a idade de sessenta e dois anos. Três dias depois de ter sido enterrado apareceu, numa noite, ao filho, pedindo-lhe de comer. Foi servido, comeu e desapareceu. No dia seguinte, o filho contou aos vizinhos o que acontecera. Nessa noite o pai não apareceu mas na noite seguinte voltou e pediu comida. Não se sabe se o filho deu mas o que é fato é que foi encontrado morto na cama. No mesmo dia cinco ou seis pessoas adoeceram subitamente naquela vila e uma após outra acabaram morrendo poucos dias depois.

O magistrado da localidade foi informado do que tinha acontecido e remeteu uma relação ao tribunal de Belgrado, que enviou à vila de Kisilova dois de seus oficiais e um carrasco, a fim de examinarem o fato. O oficial imperial que enviara a relação deslocou-se também de Gradish, pra ser testemunha dum fato do qual tinha ouvido falar muitas vezes.

Foram abertos todos os túmulos dos que tinham morrido há uma semana. Quando se chegou ao do velho, esse foi encontrado de olhos abertos, com uma cor vermelha, respirando naturalmente e, contudo, imóvel como um morto.

Donde se concluiu que era mesmo um vampiro. O carrasco espetou, então, uma estaca no coração. Fez-se uma fogueira e o cadáver foi reduzido a cinza.

Graças-a-deus, não somos mais do que crédulos! Reconhecemos que todas as luzes da física que podemos aproximar desse caso nada descobrem acerca da causa. Contudo, não podemos negar-nos a acreditar num fato juridicamente comprovado por pessoas de probidade...

Analise os vários pormenores dessa narração.

1 - E evidente que a aparição do velho ao filho aconteceu em sonho. Esse sonho que o filho teve é a manifestação do subconsciente, que se percebe o primeiro ataque físico e tenta dar o alarme ao consciente. Sonha que o pai lhe pede comida (o ataque), e dá-lhe de comer (sua impotência pra se defender). Na segunda vez é incapaz de dizer se cedeu de novo, e efetivamente

morre...

2 - Os oficiais da justiça, querendo ser absolutamente imparciais e objetivos, pra não correrem o risco de mais tarde se poder dizer que talvez todos os indivíduos falecidos no mesmo período estivessem tão bem conservados como o velho (por efeito da terra, ou da estação), estes oficiais mandaram abrir todos os túmulos das pessoas que morreram na mesma altura. E só foi encontrado o suspeito que corresponde às definições habituais de vampirismo...

Essa precaução aproxima-se da do relato anterior, onde vimos os magistrados mandarem abrir quarenta sepulturas, pra encontrarem apenas dezessete cadáveres correspondentes à definição procurada, e tratava-se justamente de dezessete pessoas que tinham consumido carne proveniente de gado vampirizado.

3 - Enfim, na época em que o esplendor do pensamento de Voltaire cobria a Europa, particularmente a Prússia, Rússia e Europa Central, a responsabilidade de execução póstuma é levada muito a sério e não se hesita em assinar autos suscetíveis de cobrir de ridículo os bons espíritos.

É evidente que o maravilhoso nunca perde seus direitos, e quando a imaginação popular se intromete tudo fica aumentado. Fenômenos já por si sensacionais, e que reconhecemos de muito bom grado como provavelmente verídicos, fizeram nascer narrações prodigiosas onde a razão e o bom senso separam com facilidade o verdadeiro do quimérico. Citemos, ainda sobre esse assunto, dom Calmet e seus documentos:

Tomei conhecimento de que o senhor de Vassimont, conselheiro do Tribunal de Conta de Bar, tendo sido enviado à Morávia por ordem de sua alteza real Leopoldo I, duque de Lorena, pra tratar de assunto do príncipe Carlos, seu irmão, bispo de Olmuz e de Osnabruch, foi informado pelo rumor público de que era muito vulgar naquele país verem-se homens mortos aparecerem em companhia de vivos, e estarem à mesa com pessoas de seu conhecimento sem dizerem algo. No entanto, quando faziam um sinal na cabeça a qualquer um dos assistentes, este morria infalivelmente alguns dias depois. Esse fato foi-lhe confirmado por muitas pessoas, entre as quais um velho cura que disse ter visto mais dum caso.

Os bispos e os padres do país consultaram Roma acerca destes fatos tão extraordinários. Mas não lhes foi dada qualquer resposta, porque tudo isto era aparentemente olhado como sendo pura visão ou imaginação popular...

Cf. dom Calmet, ob. cit. cap. 7, p. 31

Com efeito, tratava-se, sem dúvida, duma visão. Não se esqueça, contudo, que este fato era, e é ainda, freqüente nas populações que consomem, sobretudo, pão de centeio. Um parasita deste cereal, o *esporão*, possui um alcalóide que em determinadas doses é mortal e em quantidades menores provoca alucinações: *Ergotina*. Os povos célticos (bretões, irlandeses, ingleses) e os da Europa Central conheciam há muito o pão de trigo preto. Envenenado com a ergotina em quantidades infinitesimais, cria, ao longo do tempo, nos indivíduos e em seus descendentes, um

dom de segunda visão incontestável, assim como uma mediunidade que explica a frequência dos fenômenos metafísicos nessas pessoas (casas assombradas, avisos prévios, visões, aparições póstumas, etc.).

Mas o caso torna-se estranho quando se providencia no sentido de que os corpos dos que aparecem desse modo sejam desenterrados e queimados, e estes se mostram sempre intatos.

Sem dúvida que, se havia uma alucinação, pelo menos à partida, a própria imaginação popular completava essas visões, mas não é menos verdade que, cada vez que isto acontecia de modo significativo, o cadáver encontrava-se anormalmente conservado. E o mesmo documento enviado a dom Calmet acabava nos seguintes termos:

Providenciava-se pra que desenterrassem os corpos dos que se davam a conhecer, pra que os queimassem ou os consumissem de qualquer outro modo. Assim ficavam livres do importuno dos espectros, que naquele país são hoje menos freqüentes do que anteriormente.

Aquelas aparições e as posteriores lendas deram origem a uma pequena obra, intitulada *Magia Posthuma*, da autoria de Charles-Ferdinand de Schertz, impressa em Olmuz em 1706, e dedicada ao príncipe Carlos de Lorena, bispo de Olmuz e de Osnabruch. O autor, baseado no fato e no direito, analisa a coisa jurídica e racionalmente, perguntando, sobretudo, se, supondo que as perturbações ou os ataques vêm dum corpo devidamente identificado, pode este ser legalmente condenado ao fogo e queimado, como o padre da aldeia de Blow, na Boêmia, não longe de cidade de Kadam.

E conta que, efetivamente, se procedeu sem atender a formalidade legal, o que confirma a existência de comissões que naquela época inquiriram e ouviram sob a ordem do imperador. Diz que foram citadas e ouvidas as testemunhas, sob juramento, evidentemente. Foram examinadas as razões, e os corpos foram considerados devidamente exumados, pra ver se se encontravam marcas de vampirismo, marcas que fazem supor que são de fato eles que molestam os vivos, como sejam a mobilidade e a flexibilidade dos membros, a fluidez do sangue, a incorruptibilidade da carne, a tepidez do corpo, por vezes o eco, ainda que quase imperceptível, detetado pelo estetoscópio (este instrumento existia já no século 18, efetivamente sob a forma duma corneta auditiva), dum espaçado batimento cardíaco, o qual implica uma circulação sanguínea, e portanto uma lenta irrigação do cérebro, e, quase inevitavelmente, uma fatal hematidrose, ou *suor de sangue*, que suja o lençol e molha o cadáver.²⁷

Se as marcas correspondem, de Schertz avalia as provas e declara que são válidas. O ser que repousa no túmulo é então considerado criminoso e é entregue a um carrasco pra que o queime na fogueira. Acontece às vezes, disse de Schertz, que as aparições noturnas continuam durante mais três ou quatro dias após a execução. E isso é curioso como nota, pois naquela época não existia a metafísica, ignorava-se a constituição oculta do homem, e o fato do corpo etéreo ser destruído alguns dias após a morte era, aparente, totalmente ignorado.

Disse ainda o mesmo autor que, às vezes, se adia o enterro seis ou sete semanas, no caso de

²⁷ Note-se que a hematidrose, ou suor de sangue (observado, aliás, por Jesus no jardim das Oliveiras), é suscitada por terríveis angústias. Mas que angústias serão essas que assaltam o morto conservado dessa forma? Serão suscitadas pelas picaretas que se fazem ouvir quando será desenterrado e que anunciam que a execução está próxima?...

peças já suspeitas em vida (feiticeiros, feiticeiras, heréticos, alquimistas, libertinos). Se estes corpos não se tiverem decomposto nada, se os membros continuarem flexíveis e tépidos como em vida, então são objeto dum julgamento e duma incineração cujo autor é o carrasco.

Eis agora uma narração que chegou a dom Calmet quando de seu inquerito, narração feita a seu correspondente pelo conde de Cabrerias, capitão do regimento de infantaria de Alandetti, quando esteve encarregado de dirigir uma comissão desse gênero. Facilmente separar-se-á a parte de alucinação coletiva, mas observar-se-á igualmente que essa alucinação repousa na percepção deformada dum fato real, a existência dum autêntico vampiro:

«Foi há aproximadamente quinze anos que um soldado, quando estava na guarnição dum *haidamaque*,²⁸ nas fronteiras da Hungria, viu entrar um desconhecido que se pôs à mesa com eles. O soldado encontrava-se à mesa perto do dono da casa, que ficou estranhamente assustado, assim como o resto dos presentes. O soldado, ignorando o que se passava, não sabia o que pensar. Mas no dia seguinte o dono da casa estava morto e o soldado foi saber o que tinha acontecido. Disseram-lhe que fora o pai do hospedeiro, morto e enterrado há mais de dez anos, que tinha vindo sentar-se ao pé dele e anunciar-lhe e causar-lhe a morte.

O soldado informou primeiramente o regimento, tendo este avisado os oficiais gerais, que encarregaram o conde de Cabrerias, capitão do regimento de infantaria de Alandetti, de elaborar uma informação sobre o fato. Tendo-se deslocado pro local outros oficiais, um cirurgião e um auditor civil, ouviram os depoimentos de todas as pessoas da casa, que atestaram de maneira uniforme que o espectro era o pai do dono da casa e que tudo o que o soldado tinha contado era verdade, o que foi igualmente atestado por todos os habitantes da aldeia.

Em conseqüência mandaram tirar da terra o corpo do espectro, *e encontraram-no como o dum homem que tivesse acabado de morrer, o sangue como o dum pessoa viva*. O conde de Cabrerias mandou cortar a cabeça e ordenou que o pusessem de novo no túmulo. Teve ainda informação doutros casos semelhantes, entre os quais o dum homem morto há trinta anos que tinha aparecido três vezes em casa, havia sugado, da primeira vez, o sangue do pescoço de seu próprio irmão, da segunda a um dos filhos e da terceira a um criado da casa. E todos os três morreram.

Baseado nesse depoimento, o comissário mandou desenterrar o cadáver, que foi encontrado como o primeiro e tinha o sangue fluido como o dum vivo, e ordenou que lhe espetassem uma cavilha na frente e que em seguida o pusessem no túmulo.

Mandou ainda queimar um terceiro, que estava enterrado há dezesseis anos e havia sugado o sangue e causado a morte a dois de seus filhos. O comissário fez um relatório aos oficiais-generais e mais tarde foi como delegado apresentar-se na corte do imperador, que ordenou que se enviassem oficiais militares e oficiais de justiça, médicos, cirurgiões e alguns sábios, pra que examinassem as causas destes extraordinários acontecimentos...»

E dom Calmet acrescenta o seguinte:

Quem nos contou essas particularidades tomou conhecimento delas através do próprio conde de Cabrerias no ano de 1730, em Friburgo de Brisgóia.

Referimos agora outros testemunhos recolhidos por dom Calmet, mas noutras regiões. Esse foi

²⁸ ou *haiduque*, lavrador ou camponês nobre, chefe dos guerrilheiros que combatiam os turcos

na Grécia, em Cândia. Os fatos foram-lhe contados pelo cavaleiro Ricaut, que não era grego nem católico e sim anglicano.

Ricaut, na narração que fez sobre o presente estado da Igreja grega, reconheceu que o sentimento que pretende que os corpos dos excomungados não apodrecem nunca é geral, não só entre os Gregos mas também entre os turcos.²⁹ Relata um fato que se passou com um monge ortodoxo grego de Cândia, o qual, sob juramento, assegurou ser verdade. Chamava-se Sophrone e era muito conhecido e estimado em Esmirna.

Na ilha de Milo, morreu um jovem que fora excomungado por ter cometido uma falta qualquer em Moréia, sendo por isso enterrado sem qualquer cerimônia fúnebre, num lugar isolado e em terra que não foi benzida.

Os parentes e os amigos estavam profundamente desolados pelo verem naquele estado, e os habitantes da ilha eram todas as noites assaltados por aparições fúnebres, que atribuíam àquela desgraça. Abriram, portanto, o túmulo e encontraram o corpo completo e as veias dilatadas com o sangue. Depois deterem deliberado sobre o assunto, os monges foram da opinião de que se devia desmembrar o corpo, o cortar em pedaço e os pôr a ferver em vinho, pois era assim que procediam com os espectros.

Mas os parentes, a força de tanta súplica, conseguiram que essa operação fosse adiada e, entretanto, enviaram um requerimento a Constantinopla pedindo ao patriarca a absolvição do rapaz. Durante a espera, o corpo do rapaz foi posto na igreja, onde eram ditas todos os dias missas por seu repouso. Um dia em que o monge Sophrone, do qual já falamos, fazia o serviço divino, ouviu-se de repente dentro do caixão um grande barulho. Ao abrir-se o caixão, encontrou-se um cadáver desagregado, como o duma pessoa que tivesse morrido há sete anos! Soube-se que, no momento em que se ouviu o barulho, estava exatamente o patriarca de Constantinopla assinando a bula de absolvição... (Cf. dom Calmet, ob. cit., cap. 31, p. 127)

Outro caso é contado pelos cronistas religiosos. Saint-Libentius, arcebispo de Brema (falecido em 4 de janeiro de 1013), excomungou alguns piratas viquingues. Passados setenta anos, o corpo do chefe dos viquingues foi encontrado intato. Não foi possível incinerá-lo antes da excomunhão ter sido levantada.

Esses fatos podem parecer extraordinários e contrários às leis que certos ocultistas desejam ver reinar no domínio do mistério. Nós fá-los-emos observar que os intitulados *mestres* no domínio da pretendida *alta magia* falham lamentavelmente nos numerosos casos em que o exorcismo se impõe. No entanto, esse mesmo exorcismo, posto em ação por um indivíduo possuidor da

²⁹ Sem dúvida, os cristãos da Turquia

herança apostólica, dá resultado eficaz. Possuímos em nossos arquivos documentos extraordinários acerca de fatos de que fomos testemunhas diretas. É possível que o cristianismo tenha tal poder que deixe muito a trás os *segredos* infantis dos *magos* que aparecem displicentemente nos anúncios dos espaventosos semanários de nossa época. É possível (por que não?) que Jesus tenha realmente entregue certos poderes ocultos duma rara força e disciplina, e que a transmissão desses poderes esteja real e eficazmente assegurada desde há vinte séculos. Não esqueçamos que ele se dizia carpinteiro, palavra que em hebreu é *heresh*. Ora, esta palavra também significa *mágico*! O que justifica que, enquanto vivo, os judeus o considerassem como tal. (*Mateus, 9, 34; Marcos, 3, 22; Lucas, 11, 15*)

Eis agora casos de vampirismo (ou supostos como tal) mais recentes.

O primeiro nos foi contado por Nicolas C...:

Em 1911, tinha então vinte e três anos, tendo acabado o estudo, fui passar minhas férias numa aldeia da Ucrânia onde tinha meus pais.

Quando cheguei, toda a aldeia estava em reboição. Com efeito, há três dias que se tinha procedido à exumação e à destruição dum cadáver (aparentemente como tal!) que se suspeitava de vampirismo.

Segundo o relato que meus pais fizeram, ainda sob o efeito da emoção geral, há várias semanas que quatro moças da aldeia tinham sido, diversas vezes, assaltadas por pesadelos noturnos quase idênticos, concordando estranhamente os relatos de todas elas. Acordavam na noite, tremendo de frio, enquanto uma coisa que não era possível definir pousava sobre elas, apertando-as e estrangulando-as. *Mesmo na altura em que despertavam (pois que se encontravam ainda num segundo estado)*, e durante três ou quatro segundos ou mais, julgavam ver na treva do quarto, e além dela, duas luminescências esverdeadas, imóveis, muito próximas uma da outra, estranhamente semelhantes a dois olhos que pareciam possuir a fixidez dos de serpente.

No dia seguinte foram cuidadosamente examinadas pelos pais, que verificaram que tinham na base do pescoço, à esquerda, duas marcas azuladas muito próximas uma da outra, como o sinal da ponta de dois dedos.

Na aldeia, e tendo em conta a tradição sempre viva nessas regiões, concluiu-se imediatamente que tinha sido um ataque de vampirismo. Apesar da interdição formal das autoridades do governo russo pra casos semelhantes e das severas sanções que punem os que infringirem a dita interdição, os homens da vila decidiram proceder a certas verificações.

Fosse por acordo tácito, fosse por acaso, os polícias da aldeia tinham saído nessa semana pra dar uma volta durante todo o dia. Os aldeões dirigiram-se imediatamente ao cemitério, e primeiramente à sepultura dum homem enterrado há já algumas semanas e que em vida sempre tinha

sido considerado o feiticeiro local. Perante toda a população reunida procedeu-se à exumação do cadáver, o qual foi encontrado perfeitamente intato, flexível, nada do frio glacial da morte, se bem que seu contato não desse a impressão da tepidez dos vivos. Tinha os olhos abertos, *ainda que tivesse sido enterrado de olhos fechados, como de costume*. Por outro lado, o lençol em que tinha sido embrulhado estava manchado de sangue.

Concluiu-se imediatamente que era esse cadáver que tinha estado na base física dos *ataques* noturnos que as moças tinham sofrido. O coveiro espetou-lhe no peito, na direção do coração, uma estaca de madeira de álamo bem aguçada, cuja ponta tinha sido endurecida no fogo, tal como um punhal de caça. Saiu do corpo um sangue vermelho e fluido, aparentemente são e vermelho como o dum vivo.

O corpo foi em seguida posto numa fogueira, com mais ou menos dois pés de altura e com o comprimento dum homem, tendo sido queimado com rapidez, antes do fim da tarde. Logo que a incineração terminou as cinzas foram deitadas, ainda quentes, na vala, sendo ela tapada. Apesar da emoção pública, nada se ficou sabendo nem inquérito se realizou acerca dessa *execução*.

Ignoro, por conseqüência, se nessa aldeia se deu mais algum caso desse gênero. De qualquer modo as moças não morreram vítimas dos anteriores ataques. Durante minha primeira juventude ouvi falar, no seio da família, de casos semelhantes mas as vítimas morriam sempre de enfraquecimento e num espaço de tempo bastante curto, apenas nalgumas semanas, embora sem causa aparente. Todas tinham as famosas marcas azuladas. Contudo, uma delas (um homem com cinquenta anos) tinha na base do pescoço essas marcas carcomidas, com duas cicatrizes ensangüentadas, como se tivessem sido feitas por dois ganchos. *Essas coisas meu pai vira...*

Temos agora outro fato, ainda mais recente. O último passou-se na Ucrânia, no verão de 1911. Esse se desenrolou na Iugoslávia, mais precisamente na Croácia, em 1936.

Possuímos a narração, que foi feita sucintamente por um membro inglês da Sociedade de Teosofia que se encontrava em 1938 em viagem de férias.

Durante minha estada em Varasdim, algumas pessoas cultas com as quais me entretinha falando da persistência de certas lendas dos Balcãs (principalmente as que se relacionavam com os vampiros), depois de me terem escutado sobre o assunto e tentado dar uma explicação física dos fenômenos destruidores das pessoas pretensamente atacadas, me contaram o fato seguinte.

Há dois anos (por conseqüência, em 1936), na vila de Knežinec,

muitos rapazes e moças morreram de repente dum modo estranho. Muitos morreram nalgumas semanas, dois ou três meses no máximo, sem que a doença fosse conhecida ou confirmada. Todos tinham na garganta uma ou duas marcas azuladas. Alguns desses indivíduos acordavam na noite por causa de pesadelos medonhos. Mas esses pesadelos só apareciam nas primeiras noites daquele torpor mortal. As autoridades civis e religiosas (a religião predominante era a católica) opuseram-se severamente às *execuções* e às investigações, tão comuns noutros tempos, não sendo possível proceder à busca dum cadáver eventualmente bem conservado. Ignoro se os casos persistiram. Contudo, segundo uma lenda da região, esses estranhos casos manifestam-se periodicamente mas com intervalos muito espaçados no tempo. Às vezes, trinta, quarenta, sessenta anos separam o regresso desses mortos misteriosos. Os velhos das gerações precedentes atribuíam esses ataques a um cadáver enterrado no século 13 no castelo dos Herdödy, em Varasdim. Porém, as tradições não falam em seu nome, no lugar exato de sua sepultura, nem na data de sua morte.³⁰ E parece que o indagador não deve perder seu tempo com uma identificação romântica de tal vampiro, mas, ao contrário, seguir o rasto dessa epidemia que não tem causa médica conhecida.

³⁰ Essa lenda talvez tenha inspirado Shéridan Le Fanu ao episódio do túmulo dissimulado de Mircalla von Karnstein

9

Os autos oficiais

Nada falta: Autos, certificados de homens notáveis, de cirurgiões, de curas, de magistrados. A prova jurídica é a mais completa. Com tudo isso quem acredita nos vampiros?...

J-J Rousseau, *Lettre à l'archevêque de Paris*

Até aqui, tomamos contato com testemunhos vulgares, outros através de correspondência, que, no entanto, e como se viu, não são de desprezar. Provêm em grande parte do arquivo pessoal de Augustin Calmet, da abadia beneditina de Senones.

Eis agora documentos autênticos e indiscutíveis dos Arquivos da Comissão Imperial, criada pelo imperador da Áustria, Fernando 4, cujos processos se encontravam ainda à disposição dos historiadores e dos investigadores antes da guerra de 1939-1945, em Viena e em Belgrado. Pode-se contestar as conclusões desses autos, negar a existência dos vampiros, recusar toda a crença pela opinião que ali se exprime. Não se pode, no entanto, negar a autenticidade desses documentos nem a boa-fé daqueles que, incrédulos e trocistas no princípio da missão, viram coisas assombrosas e contaram-nas, sob juramento, perante os tribunais marciais constituídos pros reconhecer juridicamente.

Uma grande parte dos autos oficiais foi reproduzida imediatamente após os trabalhos da Comissão Imperial e, muitas vezes, mesmo antes da conclusão, numa obra de Michel Ranft intitulada *Diaconi in Nebra* e publicada em Leipzig em 1734. Outros foram revelados em diversos estudos relativos ao folclore e às tradições das regiões postas em causa: Transilvânia, Hungria, Sérvia, etc.

Eis alguns documentos da época. Um foi publicado por um sábio húngaro, Ludwig von Thalloczy, no *Boletim de etnografia*, em língua alemã (Biblioteca Nacional, documento 8.º-M-6928/3, pp. 17-20), que apareceu nos fins do século passado.

Em seguida, apresentamos outro documento da época, copiado da compilação de Joseph Nemeyer, relativo às superstições nos Balcãs (Viena, Biblioteca Imperial, # G. 2343), e que figura na biblioteca de Stanislas de Guaita, no processo que consagrou ao vampirismo.

Enfim, tiramos do *Dicionário de teologia católica*, do abade Migne, dos dois volumes que constituem o *Dicionário do ocultismo*, as fichas de certos vampiros da Boêmia-Morávia e Hungria, fichas essas que Colin de Plancy organizou pra seu *Dicionário infernal*, mas que lhe foram, sem dúvida, na origem, cedidas por certos meios eclesiásticos, o que explica que a Igreja

as tenha recuperado pro *Dicionário* do abade Migne. São tiradas de autos da época, análogos aos dois que seguidamente ofereceremos.

Num relatório que o coronel March Botta Adorna entregou no tribunal marcial de Belgrado em 26 de janeiro de 1732, foi pedida uma recompensa pro dito cirurgião do regimento (Johann Flüchinger) e pra seus adjuntos, pois mereciam uma boa recompensa, por causa do incômodo que tiveram e pelo extraordinário inquérito que conduziram.³¹

O inquérito acima mencionado foi precedido por outro exame médico, que publicamos fielmente, segundo os documentos. O relatório não está assinado (Hungria. 29 de fevereiro 1732):

Relatório sobre a comuna rural de Metwett, na Morávia, que se queixava dum morto acerca do qual, na qualidade de médico legista em Parakin, procedi a exame e inquérito minucioso na própria vila, andando de casa em casa, no dia 12 de dezembro de 1731. *Como não encontrei sinal de doença infecciosa ou de estado contagioso*, tal como febre terçã ou quarta. pleurisia ou afecção pulmonar, que resultam de indisposições contraídas antes do jejum, desenvolvi meu inquérito e perguntei porque se queixavam assim. Soube que treze pessoas tinham morrido no espaço de seis semanas e quando perguntei de que é que se queixavam antes de morrer, declararam todos a mesma coisa. Haviam tido sintomas semelhantes aos da pleurisia e da afecção pulmonar e igualmente grandes febres e dores semelhantes às provocadas pelo reumatismo, mas supunham que esses estados eram devidos à existência de vampiros. Ajudado por seus próprios governantes e em presença do chefe de Kragolas, o cabo von Stallada, tentei fazer que a idéia lhes saísse do espírito, explicando-lhes que não podiam conservar tal suposição. Entretanto, responderam que preferiam ir a outro lado antes que fossem assassinados daquela maneira. Como de costume, duas ou três famílias reuniram-se na noite. Uns velavam, outros dormiam. julgando que as mortes não cessariam enquanto uma autoridade competente não ordenasse a execução desses vampiros. Em seguida, disseram-me que houve na localidade duas mulheres que em vida se tinham transformado em vampiro e que, após a morte, elas próprias tinham vindo atacar outras pessoas. Também me informaram que essas mulheres tinham sido enterradas há sete semanas, e as pessoas estavam, em sua opinião, perfeitamente convictas acerca deste assunto, particularmente no respeitante à mais velha. Por isso, mandei abrir a sepultura de dez pessoas, pra poder fazer um relatório aprofundado sobre esses fatos, e em primeiro lugar a da mulher mais velha, chamada Miliza, a qual, segundo pensavam, estava na origem de tudo.

³¹ Até aqui é Ludwig von Thalluczy quem fala

Vampiro de cinqüenta anos, morta há sete semanas. Tinha vindo da Turquia³² há seis anos e fixara-se em Metwett. Durante todo esse tempo os vizinhos viveram sem saber se ela acreditava no Diabo. De constituição magra e seca. Contava aos vizinhos que, noutros tempos, tinha comido carne de duas vítimas de vampiro, e era por isso que quando morresse tornar-se-ia vampiro. Foi baseado nessas conversas que o povo fez seu julgamento. Com efeito, vi o cadáver dessa mulher. Como tinha sido de constituição magra e seca e morrera velha, era de crer que, no fim de sete semanas de enterrada, estivesse em semi-decomposição.

Contudo, achamos que estava mais gorda e pareceu-nos ensopada em sangue: Sangue fresco corria das narinas e da boca. Tudo isso me pareceu extravagante. Não se podia deixar de dar razão às pessoas.

Ao contrário, após serem abertos alguns túmulos que encerravam adolescentes que eram em vida gordos e tinham morrido após uma doença breve e menos grave que a da velha, notei que os cadáveres apresentavam decomposição normal.

A outra mulher acusada de ser vampiro, de nome Stanno, tinha morrido de parto. A criança tinha vindo ao mundo mas morrera logo após, com vinte anos. Chegou a confessar aos vizinhos que, quando estava na Turquia, onde os vampiros reinavam igualmente em grande número, a fim de se proteger deles, se tinha untado com o sangue dum vampiro executado. Por isso, quando morresse, tornar-se-ia vampiro. Dizia-se que era do mesmo tipo físico da primeira. A criança, que pouco mais tempo tivera de vida, foi enterrada fora do cemitério, visto que nem sequer havia sido batizada. Sua sepultura ficava atrás duma sebe, perto do sítio onde morara a mãe. Vi igualmente o cadáver dessa criança. Os outros, que eram da mesma constituição, tinham morrido um após outro com pequeno intervalo e, segundo a crença das pessoas, tinham-se igualmente transformado em vampiro.

Eram, ainda segundo a mesma gente, Milloi, um rapaz de catorze anos, falecido há cinco semanas, e Joaquim, rapaz de quinze anos, que também morrera há cinco semanas. Tinha morrido com um dia de intervalo, na seqüência de indisposições na altura do jejum, quando duma festa numa aldeia: Heyduckhen. Eram da mesma constituição que os outros.

Pudemos igualmente observar:

- Ruschiza, mulher de quarenta anos, falecida havia quinze dias, era *parcialmente suspeita*.

- Peter, criança com quinze dias, que morrera havia cinco semanas, era

³² Montenegro, então ocupado pelos turcos

muito suspeito.

Enfim, porque aqueles eram novos e tinham, igualmente, sido sepultados há muito pouco tempo (havia morrido de doença grave) e estavam decompostos como devia ser, os habitantes de Metwett perguntaram a si próprios por quê esses e não os outros... Pois eram adolescentes e mais fortes, mais corpulentos e mais frescos que os outros. E já estavam completamente decompostos. *Essa argumentação não parece má, evidentemente!*

Aconteceu o mesmo com os casos seguintes:

- Milosowa, da aldeia de Heyduckhen, com trinta anos, falecida havia três semanas.
- Radi, um rapaz de vinte e quatro anos, sepultado havia três semanas.
- Wutschiza, uma criança de nove anos, falecida há um mês.

A fim de afastar essa calamidade pediam respeitosamente que a execução desses suspeitos fosse efetuada, por ordem de autoridade competente, *o que acho necessário*, a fim de satisfazer esses indivíduos, e sendo essa vila relativamente importante.

Imagina-se muito bem o ambiente de tais tribunais marciais. Numa grande sala, sentados trás duma grande mesa, com chapéus tricórnios guarnecidos de finos cordões de pele colocados à frente, oficiais superiores, generais, comandantes de regimento, coronéis escutando, como na época de Voltaire, que todos mais ou menos conhecem e admiram, discursos igualmente assombrosos.

E que dizer do cirurgião oficial encarregado de semelhante inquérito? Com suas grandes botas de montar de meio cano, empertigado em seu uniforme vermelho debruado a preto, o chapéu tricórnio apertado entre o braço e o peito, a espada horizontal, reconheça-se que conseguiu dar crédito a tais fatos inverossímeis, que mandou abrir certo número de túmulos, ele e seus adjuntos, que viu, com seus próprios olhos, mortos em melhor estado que em vida, perfeitamente conservados, enquanto outros não estavam, e a coisa horrível que é o sangue fresco correndo lentamente *e sem parar* da boca e das narinas. E quando parar o ranger da pena de ganso do escrivão, esse homem prestará juramento perante Cristo, de ter dito a verdade.

É evidente que há razão pra pôr em causa sua reputação! Contudo, troçou do aviso dos aldeões ignorantes e supersticiosos. E o auto que agora segue é ainda mais significativo. Trata-se do relatório de Jozsef Faredi-Tamarzski, cirurgião-mor do regimento de infantaria de Vurtemberg, acerca dos vampiros de Radojevo. (Arquivo da comuna de Radojevo, 1732.)

Depoimento do cirurgião-mor Jozsef Faredi-Tamarzski, perante a Comissão Militar de Belgrado (outubro de 1732).

Sob ordem da comissão imperial presidida por sua alteza sereníssima o príncipe de Vurtemberg e sob designação do senhor coronel comandante do dito regimento, fui enviado no mês de julho à aldeia de Radojevo pra

ali proceder a um inquérito sobre a morte de onze pessoas, falecidas inesperadamente durante os meses de janeiro e fevereiro, e que os aldeões atribuíam a um vampiro chamado Miloch.

Primeiro foi interrogado o regedor da aldeia, o qual declarou ser da mesma opinião de seus munícipes. Em seguida foram interrogados os cinco habitantes mais ilustres, que asseguraram que ninguém aqui duvida de que se trata dum vampiro.

Após ter tentado, em vão, fazê-los admitir a impossibilidade de tal coisa (Deus não pode ter dado tal poder ao Diabo), os ditos retorquiram que o tal Diabo não se encontrava nos corpos desses vampiros, mas que eles próprios, em vida, são, em princípio, seus servidores e fazem um pacto com ele, e é por isso que o tal Diabo, como recompensa, faz com que eles não se corrompam na terra.

Depois de ter ouvido essas pessoas importantes, achei por bem mandar desenterrar os ditos suspeitos, pros convencer de seu engano. Começamos por Miloch. Tinha aproximadamente cinqüenta anos quando morreu. Teve sempre alguma fama de ser feiticeiro. Possuía um pássaro ao qual tinha ensinado a falar. Teve também durante muito tempo um lobo, que havia domesticado após sua captura. Morreu sem se saber como, sem qualquer doença aparente, segundo disse a mulher. Foi enterrado no verão no ano passado. Portanto, há quinze meses.

Mandei abrir seu túmulo. Os homens da aldeia de Radojevo tiraram a terra e a placa de cortiça que cobria o corpo. O cadáver foi encontrado na vala, porém completo e intato, os olhos muito abertos, apesar da viúva ter afirmado que os tinha fechado na devida altura. Fato confirmado por Tiéna, a mulher que costumava lavar os mortos da aldeia. O corpo do dito Miloch era magro e musculoso e os membros não estavam rígidos. O que me impediu de convencer os aldeões de Radojevo foi o fato do sangue correr lenta mas abundantemente, e sem parar, da boca aberta de Miloch. Os dentes, assim como as narinas, estavam manchados. Colocado quase nu na vala quando do enterro, a placa de cortiça que está encima do corpo e a terra no fundo da vala foram encontradas embebidas em sangue.

Perante a insistência dos habitantes de Radojevo, tive de ordenar que lhe espetassem um punhal no coração, antes de fechar novamente o túmulo. Tendo percebido que tinham a intenção do queimar assim que eu fosse embora, mandei deitar cal viva sobre todo o corpo.

Interroguei as famílias das onze pessoas mortas de modo suspeito. Tinham ficado doentes sem razão, declarando ter sido atacadas numa noite por Miloch, o qual tentou estrangulá-las. Segundo as declarações dos familiares, caíram num estado febril em consequência do ataque. Sem comer e sem beber. A maior parte morreu num período compreendido entre oito e dez dias. Apresentaram todos os sintomas dum

enfraquecimento progressivo. Delírios noturnos nos primeiros dias. Acessos particularmente violentos no fim de cada noite daquele período. Em algumas das pessoas mortas desse modo, os familiares observaram duas marcas ligeiras e azuladas localizadas na garganta. O que os aldeões de Radojevo atribuíram aos ataques de Miloch, o vampiro.

Mandei abrir os túmulos desses onze mortos, enterrados há seis meses. Entre eles encontramos oito que estavam decompostos como normalmente aconteceria. Dos outros três, uma mulher estava num estado de conservação verdadeiramente surpreendente, atendendo ao tempo de sepultura. Parecia uma pessoa a dormir. Os outros dois, um homem e uma mulher, pareciam não estar tão bem, já que seus membros estavam rígidos e na primeira mulher estavam perfeitamente flexíveis.

Todavia, todos os três pareceram-me suspeitos, visto que a primeira mulher foi encontrada com sangue nos dentes e na boca. Por outro lado, havia manchas de sangue sob ela, na vala. Esta mulher tinha morrido com trinta anos, segundo dizem os aldeões de Radojevo. A outra era uma moça com dezenove anos, no máximo. O homem tinha mais ou menos trinta anos.

Perante esses perturbantes fatos, julguei-me autorizado a permitir aos habitantes de Radojevo que os cravassem igualmente com um punhal. A aldeia não parece totalmente tranqüilizada. Dá impressão que as autoridades se desinteressaram por seu futuro, visto que não concordaram com a cremação dos cadáveres suspeitos."

Depoimento feito sob juramento. Comissão Militar de Belgrado, outubro de 1732.

Transcrito por nós, o escrivão da dita.

(Ilegível.)

Eis agora uma ficha tirada do arquivo cuja compilação foi feita por Colin de Plancy pra seu *Dicionário infernal*, e integrada no *Dicionário de teologia*, do abade Migne (tomo 49, Paris, 1852, p. 325):

Pedro Plogojowits • Vampiro que espalhou o terror no último século na aldeia de Kisolova, na Hungria, onde fora enterrado há dez semanas. Apareceu na noite a alguns habitantes da dita aldeia, durante o sono e lhes apertou de tal modo a garganta que morreram dentro de vinte e quatro horas. Fez, desse modo, perecer nove pessoas, tanto velhos como novos, no espaço de oito dias.

A própria viúva de Plogojowits declarou que o marido tinha vindo lhe pedir o sapato,³³ o que a assustou de tal modo que deixou a aldeia de Kisolova. Essa circunstância levou os habitantes da aldeia a tirar da terra o corpo de Plogojowits e o queimar a fim de se livrarem da infestação. Descobriram que o corpo não exalava mau odor, que estava inteiro e *como vivo*, com exceção do nariz, que parecia enrugado. Que o cabelo e a barba tinham crescido, e que em substituição da unha antiga, que tinha caído, havia crescido outra. Que sob a primeira camada de pele, que parecia morta e esbranquiçada, existia outra, sã e de cor natural. *Notaram também sangue fresco na boca*, que o vampiro tinha certamente sugado das pessoas que matara. Mandou-se procurar uma estaca aguçada, que se lhe espetou no peito, *donde saiu uma grande quantidade de sangue fresco e vermelho, tanto pelo nariz como pela boca*.

Em seguida, os aldeões puseram o corpo sobre uma fogueira, e o reduziram a cinza. E nunca mais sugou.

Observar-se-á que se trata, certamente, do vampiro já assinalado pelo marquês Boyer d'Argens, e que citamos no capítulo 8 da presente obra, o velho morto que aparecia ao filho e pedia comida. O caráter oficial da execução passou em silêncio nessa ficha de Colin de Plancy mas foi assinalado pelo marquês d'Argens (*Glaneur hollandais, 1738, 137ª carta*):

O oficial ou magistrado do local, informado do que tinha acontecido, enviou uma relação ao tribunal de Belgrado, que mandou à aldeia de Kisolova dois oficiais e um carrasco a fim de examinar o assunto. O oficial imperial que fez a relação se deslocou de Gradisch à referida aldeia.

Foram abertos todos os túmulos dos que tinham morrido há menos de seis semanas. Quando se chegou ao do velho ele foi encontrado de olhos abertos, *tendo uma respiração natural* e, contudo, imóvel como um morto...

Há unicamente uma ligeira diferença de ortografia no nome da aldeia.

As outras fichas completam mais ou menos os documentos citados.

Porém, dirá o leitor: Anunciaram-nos um tipo de sociedade secreta *negra*, composta por pessoas pertencentes à nobreza da região, e nas narrações desses autos encontramos-nos em presença de humildes *aldeões*.

Retorquemos, primeiramente, que dissemos simplesmente isso: ...O que torna plausível a existência dum tipo de sociedade secreta... Nada afirmamos mas é fato que os *Rosa-Cruz do Grande Rosário*, de que falamos na nota 43 do capítulo 15, iniciaram-se na pneumatologia *com o núcleo de iniciado, associado da Rosa-Cruz de Praga*. E a pneumatologia (do grego *pneuma*, espírito, sopro. O Espírito Santo é o *Pneuma-Agion*) nada mais é que a ciência dos espíritos,

³³ Em sonhos, evidentemente. Trata-se dum pesadelo que encontramos em todas as vítimas do vampirismo, pesadelo cuja veracidade assenta sempre na descoberta dum cadáver estranho, que não está decomposto e apresenta fenômenos estranhos.

aquilo a que chamamos agora metafísica, ciência que engloba o conhecimento da alma.

Além disso, relatamos o caso do heiduque Paulo Arnoldo (capítulo 8). Ora, os heiduques eram todos nobres, embora de condição mais baixa, mas *peessoas de guerra*, o que na época se classificava na categoria da *gente de espada*. Nos exércitos da época os nobres ricos eram oficiais, por compra duma unidade (companhia, regimento, esquadrão), e os nobres eram oficiais de baixa patente, ou mesmo soldados. Foi o que se passou com o cabo von Stallada, chefe de Kragolas, de que fala a narração do coronel March Botta Adorna (capítulo 9).

Ora, temos, pelo menos, um documento capital a esse respeito. Referimo-nos à narração que foi feita pelo conde de Cabrerias, capitão do regimento de infantaria de Alandelli, sendo ele próprio encarregado de dirigir uma dessas comissões de inquérito. Disse o seguinte (página 146):

Mandou ainda queimar um terceiro, que estava enterrado há dezesseis anos e havia sugado o sangue e causado a morte a dois de seus filhos. O comissário fez um relatório aos oficiais-generais e mais tarde foi como delegado apresentar-se na corte do imperador, que ordenou que se enviassem oficiais militares e oficiais de justiça, médicos, cirurgiões *e alguns sábios*, pra que examinassem as causas desses extraordinários acontecimentos...

Será de crer que se teriam tomado tanta precaução legal prum simples aldeão? O exame dos documentos precedentes prova que não. O cirurgião e os oficiais que administravam a localidade tinham plenos poderes. Contudo, recorreu-se ao imperador, o qual nomeou uma comissão especial, pruma missão desusada, englobando até homens de ciência que pra tal foram de Viena.

Temos um pequeno fichário sobre esse assunto particular. Porém é demasiado incompleto pra levantar o véu que cobre segredos tão medonhos. Pensamos que Bram Stoker teve conhecimento disso e que está ali a origem de seu célebre romance *Drácula*. Também Shéridan le Fanu colheu ali elementos prà sua notável novela *Carmilla*,³⁴ pertencendo a essa terrível raça a personagem que encarnou em sua Mircalla von Karnstein. Talvez um dia escrevamos a história daquela família de vampiro se os documentos chegarem até nós em sua totalidade, quer da Inglaterra quer da Hungria.³⁵

³⁴ O argumento de Roger Vadim *Et mourrir de plaisir* não é o mesmo que o de *Carmilla*

³⁵ Ver o que dizemos no final do capítulo 1 quanto a Barbara de Cilli

10

A pseudo-mordedura do vampiro

Aquele que comer minha carne e beber
meu sangue alcançará vida eterna...

João, *Evangelho*, 6, 54³⁶

A tradição pretende que o ataque do vampiro se manifesta sob a forma de dois contactos com a garganta da vítima, mais vulgarmente na veia jugular, onde a osmose psicossanguínea é mais fácil de realizar. Esse contato é geralmente revelado sob a forma de duas marcas azuladas, com a superfície da impressão dum dedo auricular médio, ou, menos frequentemente, de duas mordeduras de bordos lívidos, de dimensão muito pequena, dando a impressão de terem sido feitas por dois ganchos.

Se pode facilmente imaginar a origem das duas marcas gêmeas azuladas: O vampiro retira o fluido vital (presente e veiculado no e pelo sangue de sua vítima), tanto por meio duma sucção psíquica suficiente pra, repercutindo-se de modo físico, provocar ruptura capilar do tecido sanguíneo como por uma verdadeira equimose provocada por forte pressão que se é prolongada e suficientemente forte, equivale a uma verdadeira mordedura.

Já estamos ouvindo as críticas dos leitores profanos nesse domínio, mesmo que sejam pouco racionalistas. Como é que um duplo, um espectro (pra empregar a palavra corrente), estando assente que se trata duma forma sem realidade material, pode obter tais resultados? Convém, portanto, fazer o ponto do conhecimento humano no domínio das manifestações supranormais.

Retiramos do jornal *La Justice*, de 2 de agosto de 1892, e da revista mensal *L'Initiation*, de novembro de 1892, os autos das experiências que apresentaremos. Estão reproduzidas na obra de doutor Gérard Encausse (*Papus*) *Traité élémentaire de magie pratique* (Paris, 1893, Chamuel, editor).

No início dessa obra, doutor Encausse citou Henrique Cornélio Agripa, médico de Carlos 5, que em sua obra *Philosophie occulte* fez a seguinte reflexão muito pertinente:

³⁶ Comparar com as palavras de Zoroastro, em *Gathas*: Aquele que não comer meu corpo nem beber meu sangue não terá a salvação... Esse texto é anterior seiscentos anos ao cristianismo. (Cf. Franz Cumont: *Die mysterien des Mithra.*) Também ali é sublinhado o papel do sangue, veículo oculto dum certo fator vital. Essas palavras são postas na boca do deus Mitra, no decorrer do ritual.

Todavia, não se concluiu que essas artes são falsas, porque se verdadeiramente fossem, e não se fizessem através delas muitas coisas maravilhosas ou prejudiciais, *as leis, divinas e humanas, não estariam tão profundamente interessadas em exterminá-las...*

Eis agora a narrativa das experiências do coronel Rochas, antigo aluno da escola Politécnica, um dos grandes metafísicos dos finais do século 19:

Essas experiências realizaram-se ontem (2-8-1892), na presença de dois médicos, membros da academia de Ciência, e dum matemático muito conhecido.

O senhor Rochas tentou anular a sensibilidade dum sujeito numa película fotográfica. Pôs uma dessas películas em contacto com o sujeito não adormecido. A fotografia do sujeito, obtida a seguir, não apresentava semelhança com ele. Outra, posta anteriormente em contacto com o sujeito adormecido e ligeiramente exteriorizado, deu, por conexão, uma prova apenas sensível. Uma terceira, enfim, que antes de ter sido colocada na máquina fotográfica tinha sido fortemente carregada com a sensibilidade do sujeito adormecido, deu uma fotografia que apresentava os mais curiosos caracteres.

Cada vez que o operador tocava nessa imagem o sujeito representado sentia. Enfim agarrou um alfinete e arranhou duas vezes a película no sítio onde estava assinalada a mão do sujeito. *Neste momento o sujeito se contraiu. Quando foi despertado, se notou que tinha na mão duas marcas vermelhas sob a epiderme, as quais correspondiam às duas picadas da película fotográfica.* O senhor Rochas acabava de realizar, tão completamente quanto possível, o feitiço dos antigos.

E o redator do jornal acrescentou:

No domínio, tão misterioso, destes fatos não pretendemos mais do que ser um narrador sincero. Não se trata de acreditar ou não. Dizemos o que vimos, e é tudo.

Eis agora o relato do coronel Rochas na revista *L'Initiation*, de novembro de 1892:

Tentei verificar se a cera tinha a propriedade de acumular a sensibilidade e reconheci que a possuía em alto grau, assim como outras substâncias gordurosas, viscosas ou aveludadas, tais como o *cold-cream* ou o veludo de lã. Uma pequena estatueta, feita com cera de moldar e sensibilizada por uma permanência dalguns segundos diante e a pequena distância do sujeito, reproduzia as sensações das picadas que eu lhe dava. Na parte superior do corpo se lhe picava a cabeça, na parte inferior se lhe picava os pés. O que quer dizer que a picada era sentida dum maneira mais ou menos vaga nas regiões que tinham enviado mais diretamente suas emanções. Entretanto, consegui localizar exatamente a sensação, implantando, como as velhas bruxas, uma madeixa de cabelo cortado da

nuca do sujeito enquanto em sono magnético. Foi nessa experiência que nosso colaborador do *Cosmos* foi testemunha, e até interveniente. Tinha posto a estatueta desse modo preparada atrás dumas prateleiras, onde não a podíamos ver, nem o sujeito nem eu. Despertei a senhora L..., que, sem deixar seu lugar, se pôs a conversar com ele até o momento em que se voltou bruscamente e, levando a mão à cabeça, perguntou, rindo, quem lhe puxava assim o cabelo. Ora, foi esse o instante preciso em que o senhor X... tinha, sem eu saber, puxado o cabelo da estatueta.

Como as emanações pareciam refratar de modo análogo à luz, que possivelmente as arrasta com ela, pensei que, se se projetasse, com a ajuda duma lente, a imagem duma pessoa suficientemente exteriorizada sobre uma camada viscosa, conseguiria localizar exatamente as sensações transmitidas da imagem à pessoa.

Uma película carregada de gelatino-brometo e uma máquina fotográfica permitiram-me realizar facilmente a experiência, que não resultou dum modo completo senão quando tive o cuidado de sensibilizar a película com o sujeito, *antes* de a colocar na máquina. Mas agindo dessa maneira obtenho um retrato tal que se o magnetizador tocava num ponto qualquer da figura ou na camada de gelatino-brometo, o sujeito sentia a impressão no ponto exatamente correspondente, e isso não apenas imediatamente a seguir à operação mas também três dias depois, quando o retrato era trazido ao pé do sujeito e era fixado. Parece não ter sido afetado com a fixação, feita longe dele, e sentia da mesma maneira quando se tocava no sítio coberto de gelatino-brometo da película que lhe servia de suporte. Querendo levar a experiência tão longe quanto possível, e aproveitando a presença dum médico, piquei violentamente, sem a prevenir e duas vezes, com um alfinete forte, a imagem da mão direita da senhora L..., que soltou um grito de dor e perdeu, durante instantes, a consciência. Quando voltou a si, notamos nas costas da mão dois raios vermelhos, *subcutâneos*, que ela não tinha anteriormente e que correspondiam exatamente às duas escoriações que eu havia feito com o alfinete deslizando na camada gelatinosa da película fotográfica.

Eis, pois, alguns fatos que demonstram que se pode agir psiquicamente sobre um sujeito adormecido num sono magnético, e que essa ação se repercute de modo físico sobre o próprio sujeito.

Acrescentamos que o feitiço assim demonstrado cientificamente por coronel Rochas não exige necessariamente que a vítima esteja mergulhada nesse sono. Basta que esteja adormecida naturalmente. Tudo depende dos processos utilizados (os modos de ação são bastante diversos), da sensibilidade ou da mediunidade do sujeito visado e da força psíquica do feiticeiro, força que pode ter sido adquirida de nascença, sendo, portanto, natural, ou no decurso da vida, com *poderes* correlativos duma iniciação *séria* e que ele faz desviar moralmente.

Já entrevemos uma espécie de regra pros fenômenos do vampirismo. Regra que exige

qualidade psíquica particular, tanto pro vampiro como pra sua vítima. E os dois são, necessariamente, médiuns, um ativo, outro passivo. Veremos como.

A realidade e a instantaneidade das mordeduras do vampiro podem ser mais bem demonstradas pelo fenômeno da *estigmatização*, que é uma das coisas mais estranhas do misticismo cristão. Veremos que vampirismo e estigmatização são os dois pólos opostos dum mesmo princípio num mundo fenomenal.

Sabemos em que consiste a *estigmatização*. Um místico cristão, homem ou mulher, recebe um dia, subitamente, os estigmas da paixão de Cristo: Feridas nas mãos e nos pés e, às vezes, nas costas ou na frente.

Não se saberá dizer se este fenômeno tão misterioso é próprio das modificações psíquicas que acompanham certos períodos da vida. Provam-no as idades dos estigmatizados conhecidos que figuram nessa longa lista. Servimo-nos das informações que constam da obra de doutor René Biot *L'énigme des stigmatisés* (Arthème Fayard, Paris, 1955).

O catálogo geral organizado por doutor Imbert-Goubeyre mostra uma lista de 321 casos, 41 homens e 280 mulheres. Ou seja, um caso masculino pra cada sete femininos. Certamente porque as mulheres são mais sensíveis psiquicamente ou mais *imaginativas*, e por isso mais sugestionáveis.

Nessa lista encontra-se a repartição geográfica que foi estabelecida por Imbert-Goubeyre:

Itália	229 (dos quais 10 na Sicília)	Holanda	5
França	70	Suíça	5
Espanha	47	Hungria	3
Alemanha	33	Bélgica	1
Portugal	13	Peru	1

Verifica-se por essa lista que nos países latinos a sensibilidade de devoção é nitidamente maior, em todos os domínios, que nos outros países, produzindo assim mais estigmatizados. Os países onde o mercado e o negócio são mais considerados que a arte ou a letra têm menos estigmatizados.

No referido conjunto de 321 casos, encontram-se religiosos em muito maior número do que laicos, e isso é fácil de explicar!

Dominicanos	109 casos
Franciscanos	102 casos dos quais ¼ mulheres (claristas)
Carmelitas	14 casos (homens e mulheres)
Ursulinas	14 casos
Visitandinas	12 casos
Agostinhos	8 casos
Jesuítas	3 casos
Total:	262 casos , portanto 59 casos em laicos

O que é, aparentemente, menos explicável é a proporção de membros da ordem de São Domingos, instituição muito mais virada às atividades terrenas do que ao êxtase puro. Mas isso diz diretamente respeito aos mistérios *gregorianos* e ao segredo de sua vida oculta.

Encontrar-se-á nas obras desses dois médicos, os doutores Biot e Imbert-Goubeyre, pormenores sobre a vida desses estigmatizados, clérigos e laicos. Entre os clérigos citamos apenas os que foram santificados pela Igreja Católica:

Francisco de Assis, Lutgardo, Margarida de Cortona, Matilde, Gertrudes, Clara de Montefalco, Catarina de Siena, Catarina Romana, Colette, Catarina de Genes, João de Deus, Teresa de Ávila, Catarina de Ricci, João da Cruz, Afonso Rodriguez, Madalena de Pazzi, Filipe de Sigmaringen, Margarida Maria Alacoque, Veronica Guiliani, Maria Francisca das Cinco-Chagas.

Em muitos dos estigmatizados há uma *imposição* das chagas em circunstâncias espirituais particulares: sentimento da *presença* dum anjo ou dum santo, mais raramente do próprio Jesus Cristo.

A estigmatização é sempre *instantânea* e acompanhada *de intensa dor*. Essa lei não sofreu exceção na história dos estigmatizados do século 13 ao século 19.

Acontece às vezes que o sofrimento atinge tal grau que arranca gritos daquele ou daquela que o suporta. Pra nos servirmos dum exemplo recente, o do padre Pio, veremos que seus confrades são bruscamente alertados por um urro que solta ao cair sobre os mosaicos do coro. Quando acorrem, verificam que jaz ensangüentado. Também nesse caso os estigmas apareceram *instantaneamente*.

Todos os fenômenos que acabamos de contar são, evidentemente, autênticos. Contudo, podem ser obtidos pela sugestão prolongada num sujeito histérico. Foi por isso que doutor Alfred Lechler os conseguiu obter em Elisabeth K..., nascida em 1902, doente alucinada, insone, anorética, tratada na casa de saúde Lebenswende, em fevereiro de 1928. Doutor Pierre Janet, um dos mestres da ciência médica francesa, em seu livro *De l'angoisse à l'extase, étude sur les croyances et les sentiments* (Alcan, Paris, 1926), estudou e seguiu durante vinte e dois anos o caso duma doente da Salpêtrière,³⁷ a que os neuropsiquiatras davam o pseudônimo de *Madalena*.

Não é menos verdade que pra se chegar à instantaneidade da mordedura e da sucção do vampiro o estudo imparcial, contínuo, racional das estigmatizações é o melhor modo de demonstrar essa possibilidade.

Mais ainda! A lenda pretende que as vítimas do vampiro que morrem por causa de seus ataques se tornam vampiro. Haveria assim uma espécie de *cadeia* no mundo invisível, cadeia que se iria perpetuar pela morte das vítimas.

Ora, o professor Hubert J. Urban, em seu livro *Ce que j'ai vu à Konnersreuth* (revista *Psychée*, março de 1954), chamou a atenção àquilo a que deu o nome da *cadeia dos estigmatizados*. Segundo ele, no mesmo ano em que morre um estigmatizado, um outro recebe os mesmos estigmas, e isso sem que pelo menos tenham se conhecido. Urban nos deu uma relação, da qual salientamos:

³⁷ Célebre clínica psiquiátrica de Charcot. (N. da T.)

Anne-Catherine Emmerich estigmatizada em 1728, falecida em 1824

Marguerite Gschirr estigmatizada em 1824, falecida em 1869

Victoria Hochst estigmatizada em 1869, falecida em 1890

Barbe Mister estigmatizada em 1890, falecida em 1909

Anna Schaffer estigmatizada em 1909, falecida em 1925

Thérèse Neumann estigmatizada em 1925, falecida em 1962

Objetou-se, nos meios católicos, que a lista de doutor Urban continha nomes que não figuravam na de doutor Imbert-Goubeyre. Porém, pode argumentar-se que este último ignorou, sem dúvida deliberadamente, aqueles que a Igreja não reconhecia como ortodoxos.³⁸

Também se objetou a doutor Urban que a lista de doutor Imbert-Goubeyre era mais rica. Há igualmente resposta. Doutor Urban quis sublinhar no conjunto dos estigmatizados a existência duma espécie de cadeia que se perpetua entre *certos estigmatizados ao exteriorizar-se dos outros*.

Passava-se, com efeito, uma coisa estranha, mas não havia razão *pra* se retirar todo o valor a suas observações. A menos que, bem entendido, se queira, custe o que custar, sufocar o relato com alguns desses fenômenos, certamente não ortodoxos, como os do vampirismo tradicional.

Seja como for, a possibilidade da mordedura ou da sucção psíquica, no caso do vampirismo póstumo, e no que diz respeito aos fenômenos de estigmatização, assim como de sua instantaneidade, parece bem demonstrada.

Com efeito, vemos no *Dictionnaire de théologie catholique*, de A. Vacant (t. XIV, 2ª parte, pp. 2616-2624, Paris, 1941, Letouzey e Ané, editores), claramente uma posição acerca da possibilidade de obter estigmatizações sanguíneas, com a ajuda da sugestão, da hipnose, etc.

De fato, R. Schindler forneceu a prova clínica da possibilidade de provocar *através da hipnose*, em pessoas especialmente predispostas, e nos sítios do corpo que se quiser, estigmas com exsudações sanguíneas e bolhas sanguinolentas que resistem durante anos ao tratamento normal, e que, pelo contrário, desaparecem rapidamente por sugestão hipnótica.

Segundo este autor, o aparecimento de pequenas hemorragias espontâneas é demonstrado pela única influência do sistema nervoso. Particularmente na histeria, aparecem muito frequentemente equimoses na pele. Em casos que não são raros, produzem *derrames* sanguíneos anormais, que se manifestam com certa periodicidade e podem dar a impressão de estar sob a dependência dum processo psíquico.

R. Schindler, *Nervensystem und Spontane Blutungen*, 1927

³⁸ Após a última guerra, em Espanha, um antigo combatente dos exércitos de Madri, verdadeiramente descrente, acordou um dia com os famosos estigmas!

Os professores van Gehunchten e Lechner apóiam essa afirmação em seus próprios testemunhos. E. Amann, professor na faculdade de Teologia Católica de Estrasburgo, diz no mesmo artigo:

Afirmar, *a priori*, que o poder da imaginação nunca produziu um estigma, que os estigmas naturais, tão procurados, em vão, em todo lado, são impossíveis de encontrar e que a sugestão não chega ali, é ultrapassar o limite da prudência e correr o risco de desmentido que a experiência pode trazer! O estudo dos fenômenos psicológicos extraordinários ainda está no princípio. É preciso aplicar os métodos científicos aos fatos aparentemente insólitos, num esforço pra reatar propriedades do ser humano até agora inconcebíveis. Os fatos, devidamente confirmados, obrigam pouco a pouco a admitir que se trata de telepatia, quer dizer, da ação de objetos afastados sobre o psiquismo consciente ou subconsciente, *ou, de modo inverso, duma influência centrífuga do psiquismo que permite produzir efeitos, seja a distancia, seja no próprio corpo do sujeito.* (Ver Dr. J. Pinel, *Essai d'interprétation physiologique des stigmates*, in *Études carmélitaines*, 20º ano, tomo 2, outubro de 1936, pp. 93-97.)

Pode-se, pois, admitir facilmente que o vampiro consegue obter, por magnetização, o desdobramento, total ou parcial, dum sujeito adormecido, sujeito que ele quer atacar durante o sono. E, a fim do ferir infalivelmente, o tira de seu invólucro carnal, sabendo (consciente ou inconscientemente) que qualquer ferida no duplo do sujeito adormecido repercutirá igualmente no corpo dele. Esse último fato foi demonstrado pelas experiências de coronel Rochas, que revelamos nesta obra, e nas experiências de Heitor Duville e de Charles Lancelin, que igualmente referimos.³⁹

Essa conclusão nos leva a supor que vampiros e vítimas são, em vida, *médiuns naturels* e, assim, o estudo de sua astralidade por meio da astrologia científica pode permitir descobrir uns e outros.

³⁹ Por outro lado, qualquer pessoa atacada psiquicamente terá interesse em inverter o período de sono e de vigília. Algumas insônias não são, às vezes, mais que reações de defesa de nosso subconsciente. Há alguns anos um casal de desequilibrados megalomaniacos no meio dum pequeno grupo de crédulos, tentou nos enfeitiçar. Ora, nessa época trabalhávamos na noite nos manuscritos de diversas obras e dormíamos das cinco às oito horas da manhã... O subconsciente reagiu, devidamente prevenido.

11

A insensibilidade do duplo do vampiro

Um dos dois almocreves em direção ao qual a besta rastejava se atirou a ela. Dessa vez ela não fugiu. Correu a ele e o derrubou...

João, *Evangelho*, 6, 54⁴⁰

A tradição dá, freqüentemente, conta de exemplos da misteriosa invulnerabilidade das aparições do duplo psíquico ou outro, e do cuidado com que o corpo que lhe serve de suporte é sepultado no maior segredo e ao abrigo de qualquer destruição violenta.

A opinião comum dos investigadores que se debruçaram sobre o problema do vampirismo, desde o século 18 até nossos dias, e que realmente se aprofundaram nesse terror, é de que, muitas vezes, se trata de personagens que tiveram contato, pouco ou muito, com as ciências ditas ocultas. Às vezes era um camponês vagamente *estimulado* por qualquer bruxo de aldeia. Outras vezes era um fidalgo que o ócio, a paixão ao ouro ou às mulheres o atirara a estudos desse gênero no seio dalguma velha casa senhorial. Ao menos estão na origem dessa cadeia que a tradição estabelece entre o vampiro inicial e suas vítimas, que se tornam vampiro.

Desde logo podemos tentar saber como é que, por ocasião da *materialização* e quando tinham quase alcançado a densidade quase total, alguns deles puderam escapar aos golpes das armas que outrora, nas regiões infestadas por esse flagelo (Hungria, Boêmia, Transilvânia, Sérvia, etc.), se cuidava ter a alcance da mão quando se adormecia.

Nas *Memórias* (tomo 1, Amsterdã, 1690) do cavaleiro Jacques de Chastenet de Puységur, tio-avô de Chastenet de Puységur, que estudou o magnetismo e dissertou em muitas obras do século 18, encontramos este admirável relato:

Perseguido o adversário, lhe dei cinco ou seis bons golpes com a espada sem que tivesse conseguido penetrar no corpo. No fim, depois do ter perseguido durante muito tempo e de me ter afastado, se voltou a mim,

⁴⁰ Comparar com as palavras de Zoroastro, em *Gathas*: Aquele que não comer meu corpo nem beber meu sangue não terá a salvação... Esse texto é anterior seiscentos anos ao cristianismo. (Cf. Franz Cumont: *Die mysterien des Mithra.*) Também ali é sublinhado o papel do sangue, veículo oculto dum certo fator vital. Essas palavras são postas na boca do deus Mitra, no decorrer do ritual.

zumbiu perto de minha cabeça e deu uma espadeirada que me levou a frente da camisa e perfurou o gibão. Perante isso julguei que o homem tinha um *caráter*.⁴¹ Tinham chegado dois amigos meus, que ajudaram a me livrar dele, mas nenhum deles o trespassou. Mesmo após o ter derrubado ao chão, lhe apontaram inutilmente o mosquete ao ventre, pois nem um só golpe, por mais hábil que fosse, lhe acertava. Um deles foi, então, a um moinho que ficava próximo, e encontrou ali uma alavanca com a qual lhe deu uma pancada de que ele morreu...

É provável que, se o fulano tivesse uma cota de malha fina sob o gibão, Puységur e os amigos, após o terem morto, a teriam descoberto! Mas nada tinha. E então?

Quem se lembra do assassinio de Rasputim, no hotel Moika, na presença do príncipe Yossupoff? Quando o pseudo-monge ficou embriagado lhe deram vinho envenenado. Bebeu e não parecia se incomodar! Lhe deram, então, a comer biscoitos salpicados com cianeto de potássio, veneno fulminante, mesmo em pequena dose. Comeu sem que ficasse minimamente incomodado! Então, um dos conjurados, chamado Stepanoff, tirou do bolso um revólver de grande calibre e fez fogo, a queima-roupa, sobre Rasputim. Sob a força de choque dum projétil de tal calibre (quarenta e cinco quilos por centímetro quadrado) o monge caiu mas se levantou imediatamente e se dirigiu à saída. Os conjurados correram atrás dele e o alcançaram antes que tivesse transposto o portão, e dessa vez dispararam todos sobre ele. Diz-se que foram seis tiros disparados de pistolas *Parabellum* com o calibre de nove milímetros. Rasputim foi assim abatido e morreu no fim dalguns instantes.

No caso contado por Puységur, foi com a alavanca que trouxeram do moinho que os militares venceram o adversário, rebelde às balas de mosquete disparadas a queima-roupa e aos golpes de espada. Ora, nos moinhos antigos havia duas alavancas, uma com que se fazia girar o cabrestante que permitia orientar as velas e outra que servia pra regular a pressão das mós. Fosse qual fosse, o curioso é que nos moinhos tudo era benzido na inauguração.

Na obra *Rituale romanum Pauli V pontificis maximi*, sétima edição (1948), podemos ler o seguinte, na página 521:

40 — Benedictio Pristini (*Bênção dum moinho*)

— Adjutorium nostrum in nomine Domini,

— Qui fecit caelum et terram,

— Dominus vobiscum,

— Et cum spiritu tuo.

— Oremus — Omnipotens sempiternus Deus, qui in poenam peccati dixisti: In sudore vultus tui vesceris pane tuo, benedici + pistrinum istud, quod ad terendum frumentum erectum est, ut inde panis conficiatur ad nostram sustentationem, Angelumque lucis ac defensionis ei assignare digneris. Per Christum Dominum nostrum. Amen. (Et aspergatur aqua benedicta).

Puységur não nos diz que encontraram seguidamente em seu adversário um *carácter* mas o

⁴¹ Um carácter mágico: Um *signo* ou talismã de proteção

subentendeu pela forma da construção de sua frase: Perante isso, julguei que o homem tinha um *caráter*. É essa crença que faz com que um deles se precipitasse ao moinho, onde esperava encontrar um utensílio ou uma barra de ferro, *benzidos juntamente com o moinho*. Com efeito, pràs pessoas dessa época toda *sedução* era de origem diabólica e só os objetos benzidos permitiam contrariá-la.

Seja como for, é provável que os extraviados que, no século 18, assim como anteriormente, se enredaram conscientemente nessa forma particular de sobrevivência póstuma, como continuação e em conseqüência de seus estudos particulares no domínio da magia ou da alquimia inferior, tivessem tomado a precaução de se fazer enterrar com um objeto deste tipo. Lembremo-nos da múmia de Tais, que desde o século 4 se conservou intata, sem embalsamamento, unicamente por efeito de pequenos e minúsculos frascos presos nas pregas de sua suntuosa veste. O corpo se desagregou, por volta do ano de 1958, quando os profanadores inconscientes o despiram em nome da *ciência*!

Pros curiosos dessas fórmulas antigas, transcrevemos dos formulários clássicos alguns procedimentos de proteção contra as armas.

Pra ser rijo contra todo tipo de arma

Arranjar água benzida pela Páscoa e flor de trigo. Fazer com isso uma pasta e assistir ao falecimento de alguém que seja vítima de morte violenta, como, por exemplo, um enforcado ou outro a quem tenha sido feita justiça. Se aproximar dele o mais que puder, sem dizer, e elevar tua pasta no ar. Quando julgar que está morto, esconjurar seu espírito pra que vá se encerrar em tua pasta e pra que te defenda contra todos tipos de arma. Então voltar a casa e fazer pequenas bolas com a pasta. As embrulhar em pergaminho virgem onde esteja escrito o seguinte: *I, u, n, l, a, Fau, l, Moot e Dorhort. Amen*. É igualmente preciso, ao fazer as bolas, dizer cinco vezes Pater e cinco vezes Amen.

O número de bolas é arbitrário, os caracteres precedentes devem ser escritos num único bocado de pergaminho virgem, que é repartido em tantos bocados quantas as bolas. Na esconjuração é preciso dizer o nome de batismo do paciente.

Formulário do papa Honório

Pra não ser ferido por arma

Dizer em toda manhã: Levanto-me em nome de Jesus Cristo, que foi crucificado por mim. Queira Jesus abençoar-me, queira Jesus conduzir-me, queira Jesus guardar-me bem, queira Jesus governar-me bem o conduzir-me à vida eterna, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É preciso dizer isto três vezes ao deitar e três vezes ao levantar. Escrever-se-á na espada o seguinte: *Ibel, Ebel, Abel*.

Formulário do papa Honório

Pra fazer uma arma falhar

Dizer: Atila, Got, Bata, Bata, Bleu.

Formulário do papa Honório

Contra golpe de espada

Dizer: Boni jacum, nada tenho pra ti...

Formulário do papa Honório

Quando se vai a um combate

Dizer cinco padre-nossos e cinco ave-marias, em homenagem às cinco chagas de Cristo. Em seguida, dizer três vezes: Parto no manto de nossa senhora porque estou rodeado das chagas de meu deus, dos quatro premiados pelo Céu, do senhor são João, são Lucas, são Mateus e são Marcos, pra que eles me possam guardar e que nenhuma pessoa, nem chumbo, nem aço, nem ferro me possam ferir, cortar ou partir os ossos, paz a Deus. E quando se tiver dito isso é preciso rezar as seguintes palavras: Est principio, est in principio, est in verbum, Deum et tu phantu. Isso é válido pra vinte e quatro horas.

Formulário do papa Honório

Pra resistir a um ataque

Levar este bilhete no pescoço e na eventualidade dum perigo pronunciar as seguintes palavras: Valanda jacem rafit massif excorbis anter valganda zazar, irmão, me dê tua mão. Bourbelet, Barlet, Amer, vem a minha volta, como Judas traiu nosso senhor...

Formulário do papa Honório

Contra o fogo duma arma

Astro que conduzes hoje a arma, digo-te que te vou encantar e que me obedecerás, em nome do pai e do filho e de Satanás. Fazer o sinal-da-cruz.

Formulário do papa Honório

Não é preciso ser muito sábio pra reconhecer nessas *receitas* traços muito claros de satanismo consciente. A bruxaria campestre dos séculos passados estava quase sempre associada às patéticas, à ignorância e aos encantamentos.

Eis mais alguns:

Contra a arma de fogo

Escrever num bilhete o seguinte e rezar: Armisi farisi restingo. Em perigo, é preciso dizer essas mesmas palavras.

Heptamerão, de Pierre d'Abano

Pra resistir firme a arma branca

Escrever no braço com a ponta duma agulha três palavras: Ales Dales
Toles e espetar a agulha na cruz do meio. Não sangrará.

O dragão vermelho

Existem orações mais extensas e mais inteligentemente concebidas no *Enquirídio do papa Leão*: orações contra flecha, contra as armas de inimigo, etc. Mas como foram redigidas pra uso dos cristãos bons, é muito provável que os feiticeiros de magia negra, desejosos de continuar sob a proteção do Além, não tenham recorrido a elas! Desse modo, passamos por cima delas.

Parece que essa crença, de certa invulnerabilidade, em relação aos vampiros presidiu à elaboração do costume, que encontramos por toda parte e em toda época, que consiste, antes de tudo, em chegar ao cadáver, ao *corpo real*. Não se tenta algo contra o espectro, não se exorciza em sua qualidade de espírito mau (assim como em caso de infestação de origem puramente demoníaca). Procura-se o invólucro carnal e procura-se destruí-lo segundo uma fórmula imutável.

Perfura-se o coração, porque esse órgão é o grande regulador da circulação sanguínea. Agindo assim, provoca-se uma hemorragia tal que o fluido vital, o suporte psíquico do duplo, se dispersa.

Em seguida se lhe amputa a cabeça, e desse modo o cérebro deixa de ser oxigenado pela circulação sanguínea. Pra maior segurança é inteiramente queimado.

É evidente que se o vampiro realizou nele próprio, em sua carne, seja por absorção, seja por inscrição ritual (eis, sem dúvida, a origem da interdição das tatuagens no antigo testamento, por Israel), um sortilégio de proteção, não importa que os executantes tenham armas apropriadas.

Refira-se que no antigo Egito, em certos embalsamamentos particulares, *o coração estava cuidadosamente conservado*. Por outro lado, no decorrer da autópsia duma múmia egípcia com dois mil e duzentos anos, os investigadores da universidade de Wayne, de Detroit, descobriram ao microscópio glóbulos brancos e vermelhos completamente intatos. Os glóbulos brancos tinham-se concentrado principalmente no cérebro.

cf. Archeologia, abril, 1976

12

A vida possível dentro do túmulo

Era comum recordar que João repousava adormecido em seu túmulo enquanto esperava o regresso do senhor...

Santo Agostinho, *in Joan*, 2

O exame das condições nas quais se manifestam certos cadáveres suspeitos de vampirismo põe um problema. Como lhes é dada *a vida* rudimentar e instintiva que, apesar de tudo, os anima? Como é que essa *vida* pode subsistir sem renovação de ar? (exigida pela respiração, mesmo que quase imperceptível mas apesar de tudo real). E como pode sobreviver o cadáver sem alimento aparente?

Podemos afirmar, desde já e com segurança, que grande número de santos e santas viveram longos períodos sem qualquer alimento senão a eucaristia e um pouco de água. Já voltaremos a esse ponto.

O mesmo fenômeno, agora ainda mais incompreensível, existe no reino animal. Ali a realidade ultrapassa tudo o que a imaginação humana pode entrever.

A. Rochas, em seu livro *La suspension de la vie* (Dorbon, Paris. 1913), contou os fatos seguintes.

Segundo Georges Agricola, em *De animalibus subterrareis* (1546), encontraram-se em Imbergue e em Mansfelde rãs encerradas em pedras tão sólidas que não se lhes notava qualquer abertura quando eram fendidas com as cunhas.

Fulgoe, na obra *De mirabilibus* (1565), falou dum sapo encontrado no outono em condições semelhantes e dum verme, igualmente vivo, que foi retirado do meio de cascalho.

Th. Monfet deu a seguinte indicação em sua obra *Insectorum sive minimorum animalium Theatrum*:

Retulit mihi Foelix Platerus dignissimus Medicorum Basiliensum Antistes, se in centro magni lapidis serra divisi, vivum bufonem a natura inditum repense... (p. 248).

Alexandre Tassoni, que viveu no princípio do século 17, conta que, em seu tempo, os operários que trabalhavam nas pedreiras de Tívoli, perto de Roma, encontraram num grande vazio que havia no meio da rocha um caranguejo vivo com o peso de quatro libras.

Em 1862 os mineiros de Tíleri, perto de Neoporte (Inglaterra), descobriram um sapo vivo num

bloco de hulha com vinte e cinco centímetros de espessura e mais ou menos dois metros de comprimento. Este bloco estava enterrado a duzentos metros de profundidade e foi preciosamente conservado pelos mineiros pra ser exibido numa exposição de produto hulhífero.

Um jornal de Estados Unidos publicou no princípio do século a seguinte notícia:

Foram encontrados lagartos vivos num tufo de pedra de cal das pedreiras de Lux e Talbott, ao norte de Anderson (Indiana). Os operários que escavavam a rocha descobriram uma série de *cavidade*. Em cada uma dessas *cavidades* foi encontrado um lagarto vivo. Expostos ao ar depois de retirados, morreram ao fim dalguns minutos. Tinham uma cor acobreada muito original. Alguns deles apenas tinham o sítio dos olhos, sem o globo na órbita. Os zoólogos declaram, e isso parece evidente, que os lagartos viviam ali há milhares de anos, tendo sido entaipados, enterrados vivos, no momento da formação da rocha. Não havia hipótese de qualquer passagem de ar à estranha cela e, naturalmente, não podia chegar a eles qualquer espécie de alimento...

Em *Oeuvres*, de Ambroise Paré (edição in-fólio. p. 664), lê-se o seguinte:

Estando numa propriedade minha, perto da aldeia de Meudon, onde eu mandara partir pedras grandes e sólidas, foi encontrado no meio duma delas um grande sapo vivo. Não havia abertura na pedra, e maravilhei-me como é que aquele animal tinha podido nascer, crescer e ter vida! Então o trabalhador disse-me que não me espantasse, porque muitas vezes tinha encontrado aqueles animais no interior de pedras que não possuíam qualquer vestígio de abertura...

Aldovrandi, em sua obra *De testaceis (fólio 81)*, publicada em 1642, falou dum sapo que foi descoberto em Antuérpia por um operário que serrava uma grande pedra.

Em 1698 Richardson, um inglês, redigiu a *Iconografia dos fósseis de Inglaterra*, que citamos aqui:

Quando vos escrevi, há oito anos, acerca de uni sapo encontrado no meio das pedras, eu próprio estava presente quando partiam a pedra e fui imediatamente advertido pelos operários. Vi aquele animal e o sítio em que se tinha colocado. Esse sítio era no meio duma pedra que não tinha buraco que pudesse ser notado a vista desarmada! Lembro-me muito bem do sítio onde estava colocado o animal: Era mais duro do que todo o resto da pedra...

Brandley, na obra *Acta eruditorum* (1721, p. 370), conta que foi testemunha da descoberta dum sapo na cavidade dum grande carvalho e que em seu tempo foi apresentado à Sociedade Real de Londres um sapo encontrado numa grande pedra.

Podem ver-se, aliás, na *História da Academia de Ciência* (de 1717 a 1731) e na *Philosophical account*, do mesmo Bradley (1721), quatro outros exemplos de sapos descobertos em grossos

troncos de árvore, sem se saber como foram aí introduzidos.

Em 1760, foi encontrado numa parede de Raincy um sapo que, segundo a data da construção, se supõe ter estado entaipado durante quarenta anos.

Em 23 de junho de 1851 três operários que trabalhavam no aprofundamento dum poço no cais de Blois *tinham atingido dezenove metros abaixo do solo*, através dum banco de mármore com 9,73m, um banco de calcário com 6,66m, um banco de tufo com 0,85m, quando alcançaram uma camada úmida composta por sílex e argila gordurosa, um metro mais abaixo. Encontraram um enorme sílex, que teria de ser partido pra poder ser içado na celha de evacuação do sentulho. Entre os dois fragmentos duma pasta homogênea, *sem vida*, encontrou-se uma espécie de geode incrustado numa camada fina de calcário. No interior da cavidade encontrava-se um sapo com vida, enchendo perfeitamente a dita cavidade, que estava como moldada sobre ele.

Doutor Monnin o apresentou em Paris, na Academia de Ciência, no dia 21 de julho de 1851, onde foi examinado por uma comissão composta por Elie de Beaumont, Flourens, Milne Edwards e Duméril. O sapo só morreu no dia 11 de agosto de 1851. A descrição desses fatos pode ser encontrada nos relatórios da Academia de Ciência dos anos de 1851 (tomo 33, páginas 105-115, 115-116, 300, 389), 1852 (tomo 34, página 26) e 1860 (tomo 4, páginas 973-975).

Apesar dos testemunhos dos operários, de doutor Monnin e de seus colegas da comissão, certos membros da Academia de Ciência negaram o fenômeno. Assim como mais tarde afirmariam que os sons que emanavam do primeiro fonógrafo eram produzidos com a ajuda da ventriloquia. Ou, como seus predecessores negaram, no século 18, a existência de aerólito...

Em sua obra *La suspension de la vie*, coronel Rochas citou muitos outros casos do gênero. Observe-se, contudo, que nela só se trata de sapo e, eventualmente, de lagarto. Ora, o sapo é um animal particularmente dotado de reais qualidades de médium. Donde seu papel e sua presença junto aos antigos feiticeiros na qualidade de *detetor* de presença ou de força indefinida.

Vimos, noutro capítulo, que o vampiro é, necessariamente, um médium durante a vida e que assim continua após a morte aparente. O que é lógico, estando a qualidade de médium ligada aos elementos psíquicos do ser e não aos órgãos psicológicos.

É essa qualidade de médium que permite ao sapo (mais raramente ao lagarto ou à serpente⁴²) subsistir sem tomar, aparentemente e de modo normal, alimento. Médium, o sapo se duplica e procura o fluido vital no mundo onde isso existe naturalmente no estado livre. *Vive exatamente, então, a vida dos vampiros.*

⁴² As serpentes podem viver sem comida durante longos períodos, mesmo no caso de exemplares de vida normal, em liberdade ou em cativeiro. Chegaram a viver trinta meses sem ingerir. Ficam, então, mergulhadas numa espécie de sonolência muito próxima da letargia.

13

O vampirismo dos vivos

Que se procure pra meu senhor, o rei, uma moça virgem. Ela se deitará sobre seu peito e meu senhor se reanimará...

1, Reis, 1, 2

Tal foi a sorte de Abischag, a sunamita, no leito do rei Davi, que já estava velho...

É admitido por todos que não se deve deitar uma criança com um velho. Foi, com efeito, observado que as crianças criadas desse modo têm uma saúde frágil, uma vitalidade débil e que aquelas que sofrem duma deformação congênita, susceptível, contudo, de se curar (nomeadamente o coração mal fechado), nunca se curam e morrem na juventude.

Isso provém do organismo do velho. Tornando-se prejudicial por sua própria fraqueza, desvitaliza o organismo da criança, mais rico mas menos protegido por sua juventude, sobretudo durante as horas de sono. Na China, ainda não há muitos anos, fazia-se repousar os jovens perto do pai velho ou do avô, conscientemente, a fim de lhes prolongar a vida, através duma espécie de respeito.

Conhecem-se muito mal as possibilidades psíquicas que se produzem durante o sono do homem. Os teólogos e os psicanalistas estão de acordo quando afirmam que só o leito comum permite ao casal realizar-se. Os leitos gêmeos, e ainda menos o quarto separado, não possuem essa profunda possibilidade. E necessário que haja contacto corporal, *durante o sono*, pra que, tal como os vasos comunicantes, os psiquismos se troquem a pouco e pouco.

Os domadores sabem-no muito bem, e é por isso que muitas vezes deitam consigo o leãozinho, pra que o animal se afeiçoe mais a eles. E o gato doméstico que dorme com o novo dono também se dedica com mais facilidade.

A cama separada é o que convém a pessoas mais ou menos impregnadas do puritanismo de sua religião particular. É o leito dos esposos a quem o amor já não interessa, o leito do casamento por conveniência, o leito dos esposos que se tratam por senhor ou senhora. Nunca o leito dos amantes.

E tudo isso demonstra bem a possibilidade de *contato* e de *troca* puramente psíquica durante o sono, graças aos estreitos e prolongados contactos corporais durante muitas horas. Não será a própria regra de todo magnetismo animal a justificação da imposição das mãos?

Contudo, infelizmente, há possibilidades mais perigosas nesse domínio. Existe uma sobre a qual vamos passar por cima, mas que é muito conhecida por certas seitas de mágicos da América Central (Venezuela, mar das Caraíbas, Antilhas) e que trata do vampirismo sexual.

Enfim, existe o vampirismo permanente e inconsciente, que caracteres *essencialmente negativos* podem realizar sobre seus próximos, seus amigos e aqueles com quem vivem em comum ou que os visitam demoradamente. Referiremos alguns exemplos recolhidos por certos correspondentes e amigos nossos.

Numa cidade de Espanha há uma mulher que sofre de cancro intestinal já há muitos anos. Por assim dizer, não come e tem frequentemente hemorragia que a debilita muito. Em quatro anos fez, sem dúvida involuntariamente, quatro vítimas. Primeiro uma irmã da caridade, que entrou em sua casa com boa saúde e seis meses mais tarde, anêmica em último grau, teve de partir pra se tratar. Em seguida, aconteceu o mesmo a um parente afastado. Depois as vítimas foram duas mulheres, que, completamente enfraquecidas, tiveram de partir, tendo uma delas ficado tuberculosa. Hoje a mulher cancerosa tem oitenta e dois anos e continua a viver sem, por assim dizer, tomar algo. Donde lhe vem essa vitalidade extraordinária senão dos organismos que pouco a pouco enfraquece?

Eis agora outro caso, que se passa numa cidade de Norte de França. Passo a palavra ao correspondente, que é meu amigo há quarenta anos, um ocultista sério e sincero com o sentido crítico muito apurado, às vezes demasiado.

Conheci em 1920 uma moça. Pele extraordinariamente pálida, olhos negros, cabelo de ébano. O olhar era estranhamente brilhante. Morreu quase subitamente. No dizer dos médicos, de febre tifóide, embora os sintomas inerentes não tenham estado presentes. Era uma amiga. A vi antes de ser posta no caixão. A carne estava flexível, vagamente morna. Melhor, não estava fria, salvo a fronte, que estava gelada. Mas já era assim em vida... A amiga que a tinha tratado durante a doença adoeceu após sua morte, enfraqueceu lentamente e durante muito tempo esteve assim, até que a morte chegou.

Outro caso. Uma moça que conhecemos em 1935. Franzina, pele muito pálida, olhos negros, mais por sua profundidade que pela verdadeira cor, cabelo dum preto intenso. Sem que houvesse uma grande semelhança física as duas mulheres eram parecidas *pela impressão que delas irradiava*.

Mas essa última tinha com ela uma ligação muito particular. Morreu há alguns anos, também de repente, tendo o médico declarado que se tratava de tuberculose, se bem que nada de seus antecedentes justificasse tal diagnóstico.

Além do paralelismo físico (da semelhança de cor, etc), eis algumas similitudes: Ambas eram amigas, com um temperamento amoroso extraordinário, deixando o parceiro literalmente *vazio*,

mas mais no plano moral que no físico, pra empregar termo aproximativo, vazio dum *magnetismo vital*, mais do que de fadiga física ou fisiológica.

No caso da segunda moça, não lhe vi o corpo antes da morte, mas contaram-me que tinha continuado *não rígida*. Nos dois casos, não conheci as pessoas que as rodeavam e que tiveram a prova da perda da substância vital por vampirismo, mas é certo que, no primeiro caso, a desvitalização da pessoa que a tratava começou *imediatamente após a morte da moça*. No segundo caso, uma tia que vivia com a moça (e que a mantinha, por assim dizer...) foi definhando pouco a pouco até não ser mais que uma múmia, tanto pelo andar como pelos traços da cara.

Nesses dois casos (nos quais não posso dizer formalmente que tenha havido vampirismo), uma coisa é certa: os interessados em suas vidas absorvem o *magnetismo* dos que os rodeiam. Dizia-se muitas vezes (eu ouvi): De que é que ela vive? Mal come e resiste numa forma extraordinária!

Encontramos agora na já citada obra do doutor Fortin a significativa história duma moça chamada Eugênia X..., que vivia em Giney, perto de Bordéus, e que durante doze anos viveu bebendo água fresca como alimento. A moça tinha o dom da *dupla presença* e provocava com facilidade aparição e outros fenômenos físicos. Então com trinta e cinco eu quarenta anos, tinha o abdômen muito inchado e as pernas hidrópicas.

Esses misteriosos *poderes* deram-lhe, inevitavelmente, fama de santa! E de todos os pontos da região lhe levavam criança pra que ela lhes desse sua *bênção*. Então agarrava os pequenos seres e os beijava com fervor nos lábios, na garganta e na cabeça, como se abeberasse seu sangue. Levavam-lhe as crianças, sobretudo, durante o verão, na estação quente, *e era então que regressava claramente à vida*. No inverno, como as estradas estavam más e os visitantes eram raros, não tinha criança pra vampirizar. Nessa altura Eugênia X... voltava a ficar doente.

Sua fama tinha chegado longe. O ministro Thiers, muitas outras personalidades e um grande número de médicos foram visitá-la. Foi assim que doutor Fortin a conheceu. *Teve um dia a idéia da magnetizar sem a avisar*. Ora, pra grande admiração dos assistentes, surgiu ao mesmo tempo uma grave hemorragia uterina. A vampiro se levantou, cheia de apetite, comeu e se curou em pouco tempo...

O mesmo doutor Fortin conta ainda outra história. A duma velha que morava, em 1892, na rua dos Martírios e que só contratava moças novas como criada. No entanto, no fim de dois ou três meses, no máximo, as moças a deixavam pra dar entrada no hospital e ali morrer. Por queixa do pai duma delas, cocheiro de trem, o comissário de polícia ordenou um inquérito. Infelizmente os fatos eram exatos mas não se podia proceder judicialmente. Apesar disso, usando intimidação (talvez depois de ter investigado e descoberto certas coisas ou certos livros) o magistrado convocou a mulher, a proibindo de contratar novas criadas. *E a velha vampiro morreu pouco tempo depois...*

14

O vampirismo perante a astrologia

As almas, possuídas por uma força estígia, voltam, às vezes, aos cadáveres que tinham abandonado e, como se estivessem ressuscitadas, cumprem ações horríveis...

Henrique Cornélio Agripa,
A filosofia oculta, livro 3, 41

Astrologia adquiriu tal importância no mundo moderno que seria injusto não a situar no quadro deste estudo. Contudo, este capítulo não se dirige apenas aos astrólogos suficientemente experimentados pra que saibam conduzir-se com lógica e sagacidade no labirinto da velha ciência dos astros. O antigo termo *judicial*, que se transformou no termo *judiciário* e que nossos velhos mestres aplicavam, não significava outra coisa senão o caráter judicioso que reveste sempre a interpretação do céu astrológico.

Todos os praticantes dessa ciência milenar conhecem o princípio das *casas derivadas*, posto em evidência pelo saudoso Eudes Picard. Eis os dados particulares do problema da tanatologia, ou *ciência da morte*, segundo o feliz neologismo de doutor Hubert Larcher.

Ao leitor que ignora a terminologia astrológica lembramos simplesmente que as *casas* celestes são divisões do céu (há doze ao todo) que correspondem às particularidades da vida de todos os seres e de todas as coisas. Tendo isso em atenção, não há mais que uma adaptação particular ao aplicá-las. Nessas casas giram as constelações com suas estrelas, e os planetas do sistema solar.

Eis, pra nosso domínio particular, essas casas derivadas:

- A Casa 1 encerra tudo o que trata das vísceras dos mortos, de sua decomposição ou de sua conservação, e dos vermes que destroem a forma corpórea.
- A Casa 2 ocupa-se dos túmulos escondidos, dos sepulcros desconhecidos, ignorados ou a descobrir.
- A Casa 3 é responsável por tudo o que diz respeito à cremação, à *segunda morte* (separação

do duplo e do corpo com caráter definitivo), destruição do duplo.

- A Casa 4 se ocupa da transferência do cadáver, da exumação, da mudança de sepultura. Encerra o que diz respeito aos mortos que aparecem em sonho, sua evocação, às autópsias e cuida igualmente do caixão e da vala.

- A Casa 5 governa a agonia, o coma. Trata das cerimônias fúnebres e das honras póstumas.

- A Casa 6 governa os amigos, os veladores dos mortos, os guardas de cemitério e mostra como se conservam os túmulos.

- A Casa 7 governa a agonia penosa e longa, e completa o que se *diz* da Casa 2 no que respeita ao caráter secreto dos túmulos. Como tal, também orienta os funerais e o instituto médico-legal.

- A Casa 8 mostra a natureza da morte, as causas do falecimento e seu aspecto.

- A Casa 9 governa a garganta e a nuca do cadáver. Em caso de ataque de vampirismo, mostrará a natureza do ataque.

- A Casa 10 orienta o último sono do morto, determina se o sono é calmo, tranqüilo, ou, ao contrário, é agitado pelos fantasmas de remorso póstumo. Dirige a carreta funerária, o modo de transporte ao cemitério, a natureza dos túmulos vizinhos, a proximidade de personagens ilustres, ou, por outro lado, a vala comum ou um cemitério desconhecido.

- A Casa 11 dirige o próprio cemitério, o conjunto dos túmulos, os arquivos e os processos relativos aos mortos.

- A Casa 12 mostra (quando é caso) a alegria mórbida de morrer, a cadeia do vampirismo, a natureza do lençol ou da roupa do morto, os objetos, adornos, emblemas e condecorações que o acompanharam no túmulo.

Foram essas regras que permitiram durante séculos, na velha China e no Tibete, determinar tudo o que dizia respeito aos funerais, ao lugar e à orientação do túmulo, etc.

É evidente que as casas analisadas desse modo são as clássicas, sendo a primeira o Horóscopo, ou ângulo oriental do céu, correspondendo a décima ao zênite, ou meridiano, a sétima ao ângulo ocidental do céu, e a quarta efetivamente ao nadir. Se se tratar de astrologia genética ou de interrogação astrológica (*horário* ou *eleição*), as regras serão as mesmas e será o astrólogo quem terá de tirar partido de todo o conjunto com subtileza e sagacidade.

Nossas observações pessoais nos permitiram discernir o papel particularmente significativo de Netuno no estudo do vampirismo. Planeta que tradicionalmente governa a mediunidade, o psiquismo, as faculdades supranaturais, o estranho, o encontramos sempre num caso deste gênero. Quando, em 1746, foi publicada a célebre obra de dom Calmet *Dissertation sur les apparitions des anges, des démons, des esprits, et sur les vampires de Hongrie, de Bohême, de Moravie e de Silésie*, esse astro está no signo de câncer, que, analogicamente e porque é a casa 4 do céu governa a exumação, a autópsia e a aparição dos mortos em sonho.

Quando, em 1730, a epidemia de vampirismo devastou as regiões da Europa Central (Boêmia, Morávia, Sérvia, Hungria, etc.), Netuno estava em gêmeos, casa 3 do céu, que, por analogia, governa a cremação, a segunda morte, a destruição do duplo. Ora, em segunda vez na cristandade, desenterrar-se-iam os mortos pra que fossem queimados *após uma execução judiciária real*. Outrora, no tempo da Inquisição, às vezes mandavam fazer o mesmo aos

heréticos já mortos e enterrados. Essa cremação póstuma indignou muitos bispos, que tentaram opor-se aos inquisidores dominicanos. Também dessa vez Netuno atravessava lentamente o signo de gêmeos. Foi a época da atroz cruzada contra os albigenses.

Facilitado pelos astros, terá, em determinada época da história pré-contemporânea, existido um conde Drácula? Mais uma vez, somos, do mesmo modo, levados a afirmar que a personagem de Bram Stoker, que deu o nome ao romance que publicou em 1897, *existiu*. Algures nos Balcãs, *muito provavelmente na Transilvânia*, próximo do condado de Kolosvar, onde Júlio Verne situou a ação de seu *Castelo dos Cárpatos* e Alexandre Dumas seu *Castelo de Brankowan*, um nobre magiar viveu então numa solidão silvestre, no meio do velho burgo. Os conhecimentos ocultos, sua fama de alquimista e de mágico, o fato dos membros de sua família terem vivido do mesmo modo desde o século 17, com o mesmo objeto de pesquisa, tudo isso concorreu pra criar a lenda duma única personagem. Mas ignoramos os laços que os puderam unir *além da morte*. É possível que o Drácula de Bram Stoker (que foi membro da Golden Dawn, não nos esqueçamos), não tenha feito mais do que revelar, sob uma forma romanesca, a existência dessa personagem *muito real*. Obsessões que duraram meses, terrores súbitos e sem justificção durante o *estado de vigília* vieram surpreender certos espectadores dos sucessivos filmes tirados do romance, particularmente o de 1959 (em cor). O ator húngaro Bela Lugosi, que encarnou em alguns dos filmes anteriores, em preto-e-branco, a diabólica personagem, *tornou-se louco*, julgando-se Drácula. *Um verdadeiro fenômeno de possessão!*

Tudo isto nos leva a admitir *a existência real duma* personagem com esse nome. E é provável que seja da mesma discreta fonte de ensinamento que Júlio Verne e Alexandre Dumas tenham retirado, *na mesma época*, os elementos das duas novelas acima citadas, ensinamentos que usaram diferentemente, aliás, como Bram Stoker.

Por volta de 1920, apareceu um filme de terror com um vampiro como personagem principal: *Nosferatu*, do realizador alemão Murnau, primeira versão de *Drácula*. Em 1930 surgiu *Drácula* (segunda versão). Ora, nessa altura Netuno atravessava o signo de leão, análogo à casa 5 do céu: As honras póstumas. O vampiro começou a ser um assunto em evidência! E se tornou tema de distração: O cinema!

Mais recentemente, depois da entrada de Netuno no signo de escorpião, que governa analogicamente a morte e o maravilhoso, vimos aparecer uma importante série de filmes desse gênero, desde o extraordinário e inesquecível *Horror de Drácula* ao *O sangue e a rosa* (muito criticado), passando por *As garras do vampiro* (mediocre) e *As vítimas do vampiro* (menos mau). E estão anunciados alguns a sair proximamente. Ora, o signo zodiacal governa, por analogia, os mistérios da morte, as causas, os aspectos dessa e todo o maravilhoso, sobretudo no que diz respeito ao Além!

Vemos, pois, agora, o papel mais individualizado de Netuno no céu astrológico de cada um de nós.

Predisporá ao *vampirismo ativo* todo o tema astrológico onde se encontrar:

— Netuno afligido, Netuno em Escorpião, Netuno em conjunção desfavorável com Urano, Netuno em conjunção desfavorável com o Ascendente, Netuno em conjunção desfavorável com Marte, Netuno em conjunção desfavorável no Meio do Céu.

A frequência de tais aspectos e posições siderais ou cósmicas reforçará as possibilidades de vampirismo do sujeito analisado. Se algumas notas de egoísmo, ódio, crueldade ou agressividade ativa são, por outro lado, salientadas no céu natal, estar-se-á em presença dum sujeito que poderá, involuntariamente, tornar-se perigoso após a morte. Observamos aqui ritos religiosos seguidos por ele antes de falecer, com confiança e fé, e, por maioria de razão, a recepção duma alta iniciação recebida durante a vida (todas as coisas permitem refrear o inconsciente) que afastarão tais ameaças.

Predisporá ao *vampirismo passivo*, quer dizer, expô-lo-á a ser vítima, todo o tema astrológico onde se encontrar:

— Netuno afligido, Netuno na Casa 8, Netuno em conjunção desfavorável com o Sol, Mercúrio, Vênus, Saturno e Urano. Hyleg afligido por Netuno ou Urano, os luminários, o Sol e a Lua, afligidos pelos mesmos no signo dos peixes, Netuno e Urano, ou por um deles, na Casa 8 e afligidos, o senhor da casa 12 encontrando-se na 8, ou o senhor da 8 encontrando-se na Casa 12.

É evidente que um só desses aforismos não será suficiente pra fazer crer numa morte por vampirismo mas se se encontrarem num céu natal muitos agouros siderais dessa série o sujeito fará bem se vigiar o sono, a natureza dos sonhos e a saúde. Terá, então, interesse em adotar um dos processos de proteção analisados no capítulo a eles consagrado.

Observar-se-á que alguns desses agouros astrológicos são comuns ao vampirismo ativo e ao vampirismo passivo. Então, no caso duma vítima, se agitarão, se tornando, em seguida, um perigo póstumo.

15

Os ritos de proteção

Senhor, nos livres dos seres maléficis, dos seres de sangue... Voltam em toda noite, uivando como cão, errando aqui e ali, procurando sua comida nunca sendo saciados...

Salmos, 59, 3, 15-16

Os ritos de proteção contra o vampirismo póstumo são de natureza diversa, consoante se ligam a uma ou outra religião ou a uma ou outra tradição mágica. Restringimo-nos ao estudo e narração dos que provêm da grande tradição judaico-cristã, de forma essencialmente religiosa, e daqueles que derivam do velho fundo mágico céltico-nórdico. Começaremos por estes.

Vimos que os animais não estavam abrigados dos ataques dos vampiros, se acreditarmos no auto contado por dom Calmet, abade beneditino de Senones. Ora, em sua célebre obra *O ramo de ouro* (Paris, 1924, Librairie Orientaliste Paulo Geuthner), sir James-George Frazer contou o seguinte.

Os camponeses eslavos e búlgaros representam a peste bovina como um demônio, um vampiro malfeitor, que se pode dominar interpondo uma barreira de fogo entre ela e a manada. Uma concepção análoga estava talvez na origem do emprego do *fogo da miséria* como remédio pra epizootia. Parece que em certos lugares da Alemanha não esperavam que a peste surgisse. Escolhiam a ocasião em qualquer altura do ano e acendiam um *fogo da miséria* pra prevenir a calamidade. Do mesmo modo, na Polônia, segundo se diz, o dia de são Roque era assinalado pelo acender de fogueira nas ruas das aldeias, fazendo-se o gado atravessá-las pra que ficasse protegido da epizootia. Vimos que nas Hébridas (ao norte da Escócia) todos os anos se fazia o gado dar a volta aos *fogos da miséria*, tendo em vista o mesmo fim (página 597).

Entre os povos eslavos, o *fogo da miséria* parece destinado a combater não só os feiticeiros vivos mas também os vampiros e outros espíritos maus. E a cerimônia visa mais repelir essas criaturas nefastas que, verdadeiramente, consumi-las na chama. Contudo, pro que nos interessa, essas distinções são insignificantes... (p. 105).

Podemos seguir esse costume desde a Idade Média (o que não significa que não tivesse existido antes), quando a Igreja o denunciou como superstição pagã, altura em que o praticavam em diversas zonas da Alemanha, da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda. No entanto, parece ter chegado mais tarde aos povos eslavos. Vulgarmente, praticavam o rito quando queriam acabar com a peste ou com as epizootias do gado, contra as quais o *fogo da miséria* era, segundo se

julgava, remédio infalível. Os animais submetidos ao rito eram as vacas, os porcos, os cavalos e, às vezes, os gansos. Como preliminar necessário, antes de acender o fogo, extinguíam-se todas as outras luzes da proximidade, e de tal modo que não ficava alguma vela acesa. É que enquanto alguma luz, nem que fosse uma lamparina, estivesse acesa, o *fogo da miséria* não fazia efeito.

De modo geral o *fogo da miséria* era aceso ao ar livre mas em certas zonas da Sérvia acendia-se numa sala no escuro. Algumas vezes o lugar escolhido era um cruzamento, lugar propício às operações de bruxaria e sítio habitado por espíritos maléficos. Isso deriva da frase da Escritura acerca do rei da Babilônia, que permanecia de pé na confluência de dois caminhos, Outras vezes era um lugar encovado da estrada, quer dizer, num pequeno vale, *geena*, palavra que em hebreu se diz *gehenne*.

O processo que se usava era o tradicional: A fricção de dois pedaços de madeira dura. Quem o acendia eram duas crianças, rapaz e moça, ou um velho e uma velha, nomeadamente na Sérvia. Deviam libertar-se de todos os objetos de metal. Na Bulgária, deviam despir-se, razão facilmente compreensível, já que a nudez favorece a irradiação do corpo humano. Perde-se na noite do tempo a nudez ritual, existente em toda magia inferior. Só as religiões conheciam o vestido e as túnicas sacerdotais. Contudo, a nudez ritual implica sempre a castidade do sujeito.

Quando o *fogo da miséria* estava ateado, acendia-se, então, o *fogo da alegria*, sobre o qual se fazia passar e tornar a passar os animais doentes. Seguia-se uma ordem de precedência, geralmente regular: Os porcos, as vacas e os cavalos.

Os tições e as cinzas desempenhavam o papel de protetores tradicionais. Guardadas em casa de cada um, a cinza era espalhada no campo de lavoura.

Num escalão superior, e dessa vez no domínio teúrgico, pra lutar contra os vampiros que atacam os seres humanos usavam-se espadas e seus derivados (punhais, adagas), objetos todos eles revestidos de signos teúrgicos e, na maior parte das vezes, benzidos.

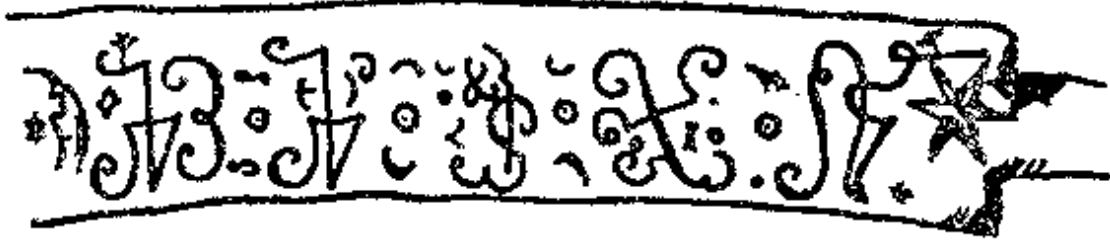
É muito antigo o papel protetor das pontas de aço, bronze e ferro. Encontramos em Homero uma das mais antigas evocações do papel protetor da espada. Conhece-se a evocação de Tirésias, por Ulisses, no canto 11 da *Odisséia*, onde se pode ler esta frase:

Entretanto, sentado diante da fossa, com o gládio na mão, não permito de modo algum às sombras sem força dos mortos que se aproximem do sangue, antes de ter interrogado Tirésias... (Homero, *Odisséia*, 11.)

Todos os velhos tratados de magia cerimonial e antigas gravuras sobre madeira mencionam o papel extremamente importante da espada. E os relatos, por vezes muito estranhos, mostram os resultados obtidos e são probatórios. As materializações psíquicas são susceptíveis de ficar dissolvidas por uma ponta metálica significativa, como um núcleo de raio globular o será pelo pára-raio. O processo dum instrução volumosa, existente no arquivo da justiça de Paz de Yerville, instrução relativa a um assunto de bruxaria surgido em 1850 no presbitério de Cideville, no arredor de Yvetot, menciona os fenômenos resultantes do bater de pontas metálicas nas materializações maléficas, provocados por um pastor e simultaneamente feiticeiro, dirigidos contra uma criança que morava no dito presbitério.

Nos *Annales du musée Guimet (Revue de l'histoire des religions*, números 4 e 5, julho-outubro de 1924), foi publicado um notável estudo de M. W. Donna, relativo às *armas mágicas*. Esse estudo tomou por objeto um opúsculo de setenta e quatro páginas e comporta reproduções de

armas gravadas que figuram em diversas coleções particulares, nomeadamente a coleção de M. C. Buttin, na Suíça, e as dos museus de Berna, Genebra e Viena.



*Inscrições de caráter mágico que figuram em armas de proteção
Europa Central, século 18*

Um fato importante a sublinhar é que todas essas armas provêm de regiões onde o vampirismo já tinha causado estrago: Hungria, Áustria, Sérvia! E, fato igualmente estranho, são todas do tipo alemão e do século 18, grande época do vampirismo.

Encontra-se aí o Sol, a Lua, a imagem de Cristo e da Igreja, assim como a da Virgem. Quanto à Lua, é igualmente um signo protetor, ainda mais antigo e extra-cristão. O crescente lunar era já um amuleto na Idade do Bronze.

O braço armado (*braço direito*), saindo duma nuvem no interior da qual, às vezes, se percebia uma estrela, se encontra também frequentemente. Inscrições religiosas (*pro-Christo e Patria*) ou simbólicas (*Recte faciendo Vincere aut mori*), em mau latim ou em linguagem vulgar, rodeiam-

no frequentemente. E o braço de Deus, o braço vingador e justiceiro. Uma fórmula grega diz: Cristo te persegue com sua mão direita.

Nos primeiros séculos de nossa era a iconografia cristã já possuía essa espécie de união de vingança divina.

Encontrara-se igualmente certos crismas, como sejam as letras IHS entrelaçadas, iniciais da célebre frase latina que significa em português *Jesus, salvador dos homens*. Lê-se às vezes MAR (Maria), INRI, VI + IA (Via, um dos nomes simbólicos de Cristo nos Evangelhos). Outras vezes encontra-se o *Pentagrama*, ou estrela de cinco pontas, dita ainda *estrela de Davi*, ou o *Hexagrama*, vulgarmente chamado *Selo de Salomão*.

Caracteres mais misteriosos ornamentam também, às vezes, essas armas. Trata-se de letras tiradas dos velhos alfabetos mágicos, como as reproduzidas, em número de setenta e duas, na célebre *Virga aurea*, do monge Jacques-Bonaventure Hepburne, um escocês que foi secretário e bibliotecário do papa Paulo 5. Mas o significado esotérico de cada uma destas letras perdeu-se quase completamente.

Finalmente, é evidente que existiam também espadas e adagas, benzidas, segundo o ritual apropriado, por um padre e que se destinavam a afastar de seu proprietário espectros maléficis, como também a proteger seu dono.

Damos preferência às espadas de guarda em cruz, tais como as espadas das ordens de cavalaria (Santo Sepulcro, São João de Jerusalém ou Malta) ou como as das ordens martinistas ou maçônicas, onde figuravam os símbolos dos construtores do templo de Salomão e das catedrais, imagens da *Jerusalém Celeste*.

A mais tradicional das inscrições é, seguramente, a recomendada pelas antiqüíssimas *Clavículas de Salomão*.

Dum lado da lâmina, a cinco dedos da cruz, mandar-se-á gravar uma cruz pautada (a dita cruz de Malta), depois a palavra TETRAGRAMMATON e depois, de novo, uma cruz pautada.

Do outro lado da mesma lâmina, igualmente a mesma distância, mandar-se-á gravar também uma cruz pautada, depois a palavra AGLA, depois uma cruz pautada, depois a palavra ON e depois uma cruz pautada.

TETRAGRAMMATON, significativo do *Grande Nome de Quatro Letras*, ou seja IAWEH (Jeová), é o nome do deus vivo na Cabala.

AGLA é a contração das quatro iniciais das palavras hebraicas *Atha Gibor Leolam Adonai*, que querem dizer: *O senhor rei é grande na eternidade*.

ON, em grego, significa Deus, Divino, Eterno.

Pode-se também mandar gravar a palavra hebraica e cabalística MAKABA, acróstica desta outra divisa cabalística: *Mii Komoikou Boelim Adonai...*, que quer dizer: Quem é semelhante a Ti entre os fortes, ó Senhor?... (*Êxodo*, 15, 11.)

Encontrar-se-ão, aliás, nas obras específicas, numerosos *nomes divinos* com caráter protetor.

Vimos, numa coleção privada, uma bela espada teúrgica do tipo de cruz em forma de rosa, que tinha na lâmina um *Pentagrama* (estrela de cinco pontas) com a *Cruz* no centro, seguida da inscrição latina: *Ego sum radix et genus David, stella splendida et matutina...*, que significa em

português: Sou o rebento e a posteridade de Davi, a Estrela Brilhante da Manhã... (*Apocalipse* de João 22, 16.) Após essa frase, tinha de novo um *Pentagrama* com a *Cruz* no centro.

Do outro lado da lâmina tinha um *Salmo de Salomão* (estrela de seis pontas ou *Hexagrama*), seguido da frase latina *Vade Satanas* (Vás-te, Satanás). Mateus, *Evangelho*, 4, 9, e dum segundo *Hexagrama*. Em cada uma das estrelas figurava igualmente uma cruz.

É evidente que se adotar uma adaga, e não uma espada, ela deve responder às mesmas características: Guarda em cruz, lâmina com dois fios, símbolos judaico-cristãos, etc. Mas em nenhum caso uma adaga de montaria, uma faca de caça, uma espada de guerra que tenha derramado sangue animal ou humano pode receber a bênção solene.

Tratados muito antigos de magia da Idade Média (redigidos em alemão) dão-nos a composição e a fórmula da consagração dum anel especial usado contra os vampiros, nas regiões da Europa Central, pelos que tinham como objetivo combatê-los. Na realidade, existem dois anéis, um que serve pra destruir ou pra repelir os vampiros e outro que era usado por aqueles que em vida *provocavam os vampiros ou trabalhavam em sua transformação após a morte deles*. Analisemos primeiramente o segundo caso.

A criação do primeiro elemento numa cadeia vampírica tinha sempre como objetivo certa reanimação dum cadáver recente. Supriam-se os elementos superiores do ser, livres e transpostos ao plano superior, se fazendo literalmente *possuir o cadáver, ainda em perfeito estado de conservação*, por uma entidade espiritual maléfica, ligada ela própria a um dos quatro elementos: Fogo, Ar, Água, Terra. Havia, pois, uma integração sucessiva de quatro entidades elementares diferentes. Conforme o sujeito tinha falecido desde o nascer do Sol até o meio-dia, do meio-dia ao crepúsculo, se evocava e se ordenava um dos Espíritos Governadores desses períodos e seus servidores imediatos, em número de dois. Um encanto (sortilégio) era então cosido a suas roupas ou à mortalha. Era preciso, em seguida, evocar de novo os hóspedes do cadáver, que continuava intato, *sobre o próprio túmulo*, o chamar pelo antigo nome, que trazia da vida, o *encantar*, o decidir a se libertar dos despojos e a se materializar fora do túmulo. A primeira vítima do novo vampiro era *inevitável e necessariamente* o evocador, o qual era agora o primeiro elo da cadeia, *realmente humano e consciente* da diabólica filiação que assim nascia. Marcado pelo estigma, doravante ligado psiquicamente (*por osmose sanguínea e vital*) ao catalisador inicial que era o cadáver reanimado artificial e magicamente, o evocador, tornado vampiro, conseguia prolongar sua própria vida se desdobrando durante a noite e indo buscar o fluido vital dos outros seres adormecidos.

Quando, finalmente, morria seu corpo não se decompunha, e pouco depois da inumação, geralmente em volta dos décimo quinto, vigésimo segundo ou vigésimo terceiro dias de lunação, se dava a primeira saída do túmulo. Desde então a cadeia mortal aumentava com as vítimas do monstro, que se tornavam vampiro.⁴³

Porém, dentro do conjunto de rito desta segunda origem, havia um anel dotado de poder

⁴³ É possível que seja a isso que o marquês de Chefdebien aludiu em sua carta publicada na página 52 da obra de B. Fabre *Un Initié des sociétés secrètes supérieures* (Paris, 1913), quando evoca a existência dos *irmãos do Grande Rosário*, cujo berço era em Praga ainda nessa época, ou seja, nos finais do século 18. Um rosário é uma cadeia...

especial. Os velhos formulários de feiticeiros alemães, aos quais fizemos alusão no princípio do capítulo, dizem o seguinte:

Um vampiro gravado numa pedra heliotrópio a transforma numa *pedra de sangue*. Ela dará a quem a transportar, segundo os ritos convenientes, o poder de comandar os demônios íncubos e súcubos. Ela o assistirá em suas conjurações e evocações...

O que é o *heliotrópio*? Uma pedra macia, da família das *calcedônias*, a qual compreende a *carnéola*, que é vermelha, como seu nome indica, a *sardônica* é castanha e o *heliotrópio* é verde-escuro, com marcas, traços ou manchas vermelho-escuras. Se for totalmente opaca, então pertence à família do *jaspe* e toma o nome de *jaspe sanguíneo*. Mas a verdadeira pedra *heliotrópio* é ligeiramente translúcida, e não opaca como o *jaspe sanguíneo*.

Pela razão de que é verde (cor do astral ou do *mundo* imediato dos mortos) e verde-escuro (os mortos maléficos), raiada de traços vermelhos (o sangue), essa pedra liga-se aos mistérios da morte, do vampirismo e do sangue. Aliás, segundo um manuscrito do museu Britânico, outrora era tida como capaz de parar a perda de sangue, a hemorragia e como proteção contra os venenos e mordeduras de vampiro. Os tratados gnósticos antigos citavam-na como uma pedra mística e mágica e Henrique Cornélio Agripa, em sua célebre obra *Filosofia oculta*, citava-a como susceptível de dar firmeza e glória e de salvaguardar a reputação de quem a possuía.

Outros livros de feitiçaria chamavam-lhe a *pedra da Babilônia*. Era tida como capaz de fazer escurecer o Sol, como durante um eclipse, e de o fazer parecer vermelho como sangue quando esfregada com o suco da erva do mesmo nome (o heliotrópio ou tornassol). Era suficiente a ferver a alta temperatura dentro dum caldeirão cheio de água encantada. Os vapores, acompanhados por palavras mágicas, e o traçado de certos caracteres tornavam o ar suficientemente espesso pra ofuscar o Sol e o fazer parecer vermelho. Então se podiam distinguir os espectros, os manes e os *vampiros!* Donde seu nome heliotrópio: *Tornassol* (devolvia o poder ao Sol).

Por outro lado, não é impossível que, no caso de se tratar duma seita votada ao vampirismo, como pode ter acontecido em certas regiões da Europa Central, os nobres afligidos por essa seita tenham sido enterrados com o anel misterioso e a *pedra do sangue* na crença de que esse anel, dotado de propriedades mágicas, protegesse o túmulo, os despojos e o duplo durante as saídas e as materializações. Imaginavam que o uso do anel maléfico lhes evitaria uma acidental e desastrosa exposição aos raios solares. Quando se penetra no domínio da magia, se penetra igualmente no da superstição.

Os padres a utilizavam pra decifrar e interpretar os oráculos e as respostas dos ídolos divinos chamados *teraphim*. Atualmente, como outrora, as mais belas pedras vêm das Índias.

Nada mais acrescentaremos ao ritual da criação duma cadeia vampírica senão a consagração do heliotrópio gravado com a imagem do vampiro. Aí se trata, evidentemente, do animal com esse nome e o nome da personagem no exercício de suas funções mortais.

Por outro lado, é estranhamente significativo que numa época e em regiões onde se ignorava totalmente a existência do grande *Vespertillon* da América do Sul, o *Vampirus spectrum* dos naturalistas (que atinge 75 centímetros de envergadura), se tenha acreditado que os mortos-vivos podiam, às vezes, modelar a forma de seu duplo em lobo (lobisomem), em serpente ou em *morcego*.

Falemos agora do papel do heliotrópio como anel de proteção. No caso do anel mágico destinado às operações de vampirismo, esta pedra é montada sobre prata (metal lunar e por isso noturno). No caso do anel de proteção a pedra é colocada sobre *ouro vermelho* (símbolo solar, diurno).

Certos tratados antigos pretendem que esse anel é feito quando o Sol (a vida) o penetra no signo zodiacal de Áries (a renovação, *o renascimento*) e a Lua se encontra em caranguejo ou em leão. Foram encontrados certos anéis que tinham no interior a seguinte frase latina: *Et verbum caro factum est*, que significa: E o Verbo foi feito carne... (João, *Evangelho*, 1, 14). Alusão evidente à corporização de Cristo, oposta imaginativamente à do vampiro. Ou ainda: + *Exurgue Domine* + *Salvum me fact* +, que quer dizer: Te levantes, senhor, e me salves...

Enfim, a carnéola (de *carneas*, carne, e de *olearis*, óleo, variedade do heliotrópio, foi igualmente utilizada. O museu de Viena possui, desde 1939, uma carnéola montada sobre ouro, e inscrita num triângulo de vértice a baixo. No interior, está gravada a palavra *Soter* (Salvador).⁴⁴

Abordemos agora o lendário papel do alho!

Posto na ordem do dia por Bram Stoker, em seu célebre romance *Drácula*, ignoramos onde é que esse autor pôde encontrar um relatório acerca das propriedades do alho como proteção contra os ataques dos vampiros. Trata-se, nesse caso concreto, de obter um campo protetor, dispondo vasos cheios de flores de alho em volta da cama e fazendo o doente usar um colar das mesmas flores. Deixamos a Bram Stoker a responsabilidade dessa fórmula!

Ao contrário, se a presença dum rosário de alho nos parece pura superstição popular, tem, porventura, uma origem mais racional e mais sábia do que parece: A do emprego do *arsênico como meio de proteção contra o vampirismo*.

O arsênico é um metal de cor cinzenta brilhante que se volatiliza ao fogo a 180°C, espalhando um forte odor de alho.

Seu nome vem do grego *αρβενιασ*, *macho*, segundo Littré, ou, mais seguramente, de *ars*, *arse*, participio passado do antigo verbo *ardre ou ardoir*, antiga forma francesa de *queimar*. A madeira *arsin* é um termo de *Eeaux & Forêts*, e significa a *madeira que ardeu*. Encontra-se essa idéia de *fogo em arsenal*, derivada do baixo grego *αρβηναλησ*, lugar onde são armazenadas arma e munição.

Que o arsênico está ligado à lenda do vampirismo é suficientemente comprovado pelo fato dos serranos da Áustria, da Estíria, do Tirol e dos Cárpatos, tudo zona onde o vampirismo causou dano (e ainda causa), o comerem ou fazerem o gado comer. Era tido, nessas regiões, como

⁴⁴ A *carnéola* é, também, uma *calcedônia*. Tem tom variável, que vai do vermelho-escuro ao castanho-avermelhado. Quando clara, têm o nome de *pedra-de-santo-estêvão*. (F. Hermann. *Les gemmes et les perles*.) Note-se que essa fórmula deve ser originária da Europa Central, pois menciona, como *santo* (o que é tradicional em toda a *bênção*, variando este com aquela), o diácono Estêvão, primeiro mártir da Igreja, sepultado em Jerusalém no ano 35. Há ali, evidentemente, uma homonímia com o santo Estêvão, *rei e apóstolo da Hungria* (região sacrificada pelo vampirismo), que viveu de 977 a 1038 e cuja festa é em 2 de setembro. Não esqueçamos, por outro lado, que se tratava da *bênção dum cordeiro e duma pedra preciosa destinados a combater uma calamidade específica da Europa Central*. E, certamente, de origem húngara ou croata, regiões que foram sempre predominantemente católicas. Refira-se também que os pormenores das orações dessa fórmula fazem alusão aos *mistérios da morte, do sangue e do sepulcro, na vida de Cristo*.

restaurador do apetite e da força, qualidades que os ataques dos vampiros retiravam dos organismos vivos.

É provável que tenham sido os numerosos alquimistas e mágicos de Praga e doutras cidades da Boêmia e da Morávia⁴⁵ que o fizeram queimar sobre os carvões ardentes dos defumadores, pois os fumos do arsênico eram tidos como transportadores de corrosivos compostos de elementos fluidos e, portanto, dissolventes naturais de materialização. Os alquimistas lhe deram, aliás, o nome de *arsenikôn*, ou *mercúrio dos filósofos*, denominado ainda *leão verde*, elemento ácido e corrosivo da impureza mineral de sua primeira matéria (geralmente de pirita de ferro e de chumbo). O arsênico assim volatilizado faz um pouco o papel do incenso, que caça com seus fumos (segundo o *Ritual romanum* e a fórmula de sua consagração) todos os espíritos maus, assim como o faz a água benta na liturgia cristã e no exorcismo da Igreja.

Mas os camponeses dessas regiões da Europa Central acreditavam que era o odor fortemente aliáceo dos fumos do arsênico que possuía o privilégio oculto de caçar vampiro e espectro, e por isso entenderam que o *alho* tinha a mesma virtude do *arsênico*.

No domínio da precaução geral, será de banir a presença de qualquer objeto fúnebre no caixão, ainda que se trate de lembrança vinda dum ser querido. Os crânios e as tíbias, tão caras aos estudantes de medicina e de certos médicos divertidos, assim como aos ocultistas *negros*, são suportes de forças particularmente perigosas. Esses destroços, geralmente provenientes dos anfiteatros dos hospitais, são vestígios de vítimas de morte violenta ou mesmo, às vezes, de condenados à morte que foram executados. Como tal, são relíquias nefastas.

Uma tradição mais que secular, talvez mesmo milenar, pretende que o vampiro não pode penetrar numa morada senão perto do crepúsculo, quase noite, ou, mais vulgarmente, *pouco antes da aurora*. Por outro lado, a mesma tradição diz que as portas e janelas abertas facilitam mais as materializações do que um quarto absolutamente fechado, onde é mais difícil a uma entidade entrar. Existe ali um problema de transposição da matéria. É assim que na China, como em todo o Extremo Oriente, qualquer evocação implica sacrifícios de animal, vulgarmente dum galo, facilitando o sangue a condensação das entidades evocadas. Também no caso dos perfumes que se consomem no defumador, *deixa-se sempre uma janela aberta*.⁴⁶

Os velhos mestres do Oculto, desde o século 16 ao século 18, recomendavam que nunca se deixasse entrar no *Occultum* uma moça ou uma mulher. Elas poderiam estar em seus *meses* e serem assim um catalisador de influência maléfica *atraída pelo sangue*. Por esse motivo nunca se deixará no quarto onde se dorme roupas interiores manchadas de sangue menstrual. Tanto mais que esse é física e ocultamente impuro, ainda mais que o sangue venoso ou arterial libertado por ferimento.⁴⁷

⁴⁵ Praga foi, durante muito tempo, a capital da alquimia. Ainda existe a rua dos Fabricantes de Ouro. No reinado do imperador Rodolfo os cabalistas e os ocultistas afluíram até ali dos quatro cantos da Europa. Foi em Praga que se realizou a famosa experiência do *Golem* de Isaac Lew, e foi nessa cidade que nasceu sua lenda. Em suma, é, sobretudo, a esse esplendor que Praga deve seu cognome de *Cidade Dourada*.

⁴⁶ Cf. *Méthode pratique de divination chinoise par le Yi-King*, pelo mestre Yu-Kuang (Paris, 1950, Editions Véga)

⁴⁷ Sabe-se, no entanto, que no aspecto biológico o sangue menstrual é rigorosamente idêntico ao sangue vulgar

Conclusão

Há mortos que, dentro do túmulo e ao modo dos espectros, matam seus vizinhos ainda vivos...

R-P Rzazcynsi, S-J

De curiosa...

1721, 59, 3, 15-16

No fim desta investigação, antes de passar em revista as afirmações lendárias e as confrontar com os resultados da experimentação metafísica, parece que a descrença por princípio é tão imprudente como a generalização desmedida desse horror que tem o nome de vampirismo. Não há dúvida que esse é universalmente conhecido, tanto no tempo como no espaço terreno. O mundo antigo já não o ignorava. Flégon de Trales (*De mirabilibus*) contou a história de Filinião, chegado a Hépata, na Tessália. É conhecida a de Polícrito, na Etólia. E João Cristóvão Herenberg, em suas *Philosophicae et christianae cogitationes de vampiriis* (1773), já citava execuções de vampiro em 1337 e em 1347. Também encontramos a lenda do vampiro na Oceânia, na China, Japão, África, Antilhas, assim como na Europa. Dizemos *lenda* porque não possuímos auto desses fenômenos alucinantes proveniente dessas regiões. Só os que, em relação à Europa Central, o sábio dom Calmet conseguiu coligir em sua célebre obra, documentos manuscritos correlativos, extraídos dos arquivos do império austríaco e outrora depositados em Viena e em Belgrado, chegaram até nós com caráter de autenticidade incontestável.

Mas a que chamamos auto? A escrita é desconhecida na Polinésia e o Japão a recebeu da China no século 17. Na África, como nas Antilhas, é impensável conseguir tais documentos. Assim, nossa própria incredulidade nos impedirá de ver nos *relatos* destas regiões, que classificamos como *lenda*, o equivalente aos autos que procuramos e que não podemos encontrar noutro lugar, senão entre esses povos que ignoram a escrita? Pois na China, país que a possui há muito tempo, existem numerosas *relações manuscritas* acerca deste assunto. Serão obras de imaginação ou relatos reais, mais ou menos enfeitados pelos escrivães chineses?

O que nos diz a lenda?

1 - É um estado intermédio entre a vida e a morte, durante o qual o corpo físico se conserva miraculosamente, isento de corrupção. A carne continua macia, morna, o rosto vermelho, com renovação anormal do sangue, certa circulação sanguínea e, às vezes, uma respiração longínqua mas perceptível. O excedente sanguíneo é rejeitado pelo pseudo-cadáver e mancha o lençol ou a roupa. Ora, os capítulos precedentes provaram a realidade de coisas espantosas. A raridade dos exemplos conhecidos provém unicamente da falta de pesquisa e de observação

feitas nesse domínio.

2 - O vampiro é capaz de sair do túmulo, no estado de duplo sutil, de se condensar e de se materializar o suficiente pra se tornar aparente e perceptível ao contacto, aos olhos dos que são atacados na noite durante o sono. As páginas anteriores provam a realidade e a possibilidade de tais ações.

3 - O vampiro nem sempre se materializa sob a forma humana. Às vezes o duplo, sob um impulso inconsciente devido a uma certa animalidade latente, condensa-se sob uma forma animal. É então a licantropia (lobisomem). No início do capítulo 2 há exemplo da possibilidade deste fenômeno.

4 - O vampiro é capaz de transpor, no estado de duplo sutil, muros e portas fechadas e, depois, se materializar suficientemente pra surgir perceptível aos sentidos superiores do homem, ou a certos écrãs utilizados em metafísica. Os capítulos 3 e 4 demonstram essa possibilidade.

5 - O vampiro é capaz de retirar o fluido vital que existe no sangue da vítima, com a ajuda duma sucção que provoca ruptura capilar da rede sanguínea (origem das famosas marcas azuladas que aparecem nas vítimas) ou por uma picada ou ligeira mordedura do tipo vulgar. O capítulo 10, acerca da estigmatização, dos místicos cristãos, também demonstra essa possibilidade.

6 - O vampiro é reconhecido por um desenvolvimento anormal dos caninos, desenvolvimento que aparece e se manifesta desde suas primeiras atividades. O fato é possível. Foram vistos dentes de leite voltar a crescer em velhos. Mas não há auto ou relato com caráter autêntico que fale neste fenômeno! Contudo, não é impossível. O instinto cria função, a função cria o órgão.

7 - O vampiro parece, no início de sua atividade, manifestar atração particular por seus parentes imediatos ou descendentes. O princípio dos grupos sanguíneos e o que dali deriva, ou seja, o perigo mortal duma transfusão de sangue diferente do dum grupo do indivíduo, pode levar a considerar esta atração instintiva uma manifestação subconsciente ou inteligente de seu absoluto e egoísta instinto de conservação. O início do capítulo 8, permite compreender melhor esse fenômeno.

8 - O comportamento do vampiro parece, acabamos de dizer, monstruosamente egoísta. Só um *instinto de conservação inconsciente*, e por isso totalmente amoral, pode justificar os ataques dos quais é autor. É preciso assimilar sua atividade à dum sonâmbulo que só tinha uma idéia fixa: *subsistir*. Assim o vampiro foi em vida um indivíduo dotado de faculdades psíquicas, mediúnicas, habitualmente encontradas em indivíduos autores de manifestações supranormais. E sabemos, através do início do capítulo 2, que o duplo manifesta somente os impulsos secretos e mais inferiores.

9 - A atividade do vampiro é puramente noturna. Dorme durante o dia integrado em seu corpo físico. Efetivamente, vimos que é necessária uma luz muito fraca pra realização das manifestações psíquicas e que a claridade muito intensa lhe é adversa. Ver início do capítulo 3.

10 - As vítimas do vampiro se tornavam vampiros. O fenômeno da *transmissão da alma*, comum nos ritos do vudu, sobretudo africanos, mostra que um duplo pode ser substituído por outro duplo. É essa a explicação dos fenômenos de possessão que a Igreja afirma verídicos. Nos ritos do vudu moderno, na África como no Haiti, não se pode sacrificar uma vítima

humana: Sacrifica-se uma vítima animal. Mas antes se tem o cuidado de desdobrar um e outro. Reações estranhas acompanham essa *transmissão da alma*. A criança ou a moça que irá ser sacrificada ficará após essa troca de duplo estuprificada até sempre. Nunca mais voltará a falar ou a andar de pé. Em muitas cidades da África há *idiotas* que não tiveram outra origem. Ao contrário, o animal sacrificado fica com um comportamento e um olhar estranhamente humanos assim que incorporam o duplo da outra vítima.

Assim, o princípio da *transmissão da alma* explica que aqueles que já se comunicaram com vampiros através do sangue (fricções corporais, absorção de pão) se tornarão vampiro. Como por uma espécie de osmose psíquica, seu próprio sangue, misturado ao outro, estabelecerá uma comunicação idêntica, levando à mesma loucura criminosa. Se se tratar simplesmente dum esgotamento do fluido vital, será a mesma coisa, porquanto o fluido vital é a alma existente no sangue e haverá mistura dos dois, o da vítima e o do vampiro.

Finalmente, o vampiro será a inteligência motora de sua vítima. E será seu cego e insensato instinto de conservação que substituirá o instinto normal de conservação dela. Desde logo a cadeia se constituirá e aumentará sem cessar.

11 - É impossível admitir que é o Sol, com suas radiações telúricas, que conserva os corpos. Por que só alguns e não todos os que foram enterrados no mesmo sítio? Pôr essa questão é, certamente, resolvê-la, e vimos que, perante essa hipótese, os inquiridores do século 18 mandaram abrir quarenta túmulos num só lugar, pra no fim encontrarem apenas dezessete em bom estado de conservação, os *mesmos que eram suspeitos de vampirismo*.

Por outro lado, não é impossível que as influências telúricas ajam, por uma espécie de *geopsiquismo*, sobre certos indivíduos particularmente sensíveis a essas radiações mas esse processo efetua-se ao longo de toda a vida. Elas podem ser, então, suficientemente poderosas pra modificar, no decurso da existência, a orientação das características mediúnicas de certos indivíduos. Em resumo, o Sol não influenciaria certos *corpos*, mas certas *psiques* (almas), e, às vezes, o faria dum modo infernal, no caso de indivíduos de baixa ou imoral mentalidade, ou dum modo elevado quando se tratasse dos santos, etc.

12 - A destruição do vampiro só pode ser efetivada pela perfuração do coração com um pedaço de madeira, pela decapitação e, depois, pela incineração de todo o corpo. Viu-se, com efeito, (início do capítulo 9) que a cal viva tinha se mostrado ineficaz. Em certos casos, seu emprego no século 18, na Europa Central, foi um erro que talvez tenha sido a causa da perpetuação do vampirismo nessa região.

O coração é a grande central distribuidora do sangue ao organismo. Perfurando-o, ao fazer-se uma ferida considerável, se destrui sem remissão essa central. Sua função e mesmo a circulação sanguínea eram ignoradas até o século 17. Entretanto já se conhecia a necessidade da perfuração do coração.

Por outro lado o funcionamento do pensamento está ligado ao do cérebro, e a atividade cerebral está ligada à oxigenação do referido cérebro, oxigênio que é trazido pelo sangue que vem irrigar a massa cerebral. Decapitando o vampiro, se destrui qualquer possibilidade dessa atividade, já que não mais existe relação como o coração, ele próprio perfurado e fora de funcionamento. Verifica-se que, *intuitivamente*, os antepassados imaginaram um processo, de modo nenhum desprovido de eficácia, pra destruir os vampiros.

13 - Os ritos religiosos são susceptíveis de suscitar *proteção de ordem superior*, e são essas últimas que, de fato, podem ser destruidoras dos vampiros, e não os objetos (cruzes, hóstias, água benta, etc.) e os próprios ritos, que sem isso não seriam mais que testemunhos da superstição.

Enfim, última conclusão, se deve admitir a existência de vampiros na época da física nuclear e dos primeiros ensaios das viagens interestelares?

Em nossa opinião não é mais do que uma maneira lógica e prudente de tratar o problema.

Devemos lembrar simplesmente que:

1 - Pessoas de boa-fé, na seqüência dum ou mais pesadelo noturno, afirmaram ter sofrido ataque de pessoa morta há algum tempo, de seis semanas a muitos anos. Alguns desses *agredidos* morreram no fim dalguns dias. A auto-sugestão não é pra ser afastada *a priori*;

2 - Os inquiridores oficiais e ajuramentados, médicos, cirurgiões, oficiais militares ou de justiça, mandaram abrir os túmulos dos suspeitos e, pra evitar a possibilidade duma conservação corporal atribuída à terra ou às influências telúricas, mandaram igualmente abrir os túmulos contíguos, muitas vezes em grande número. Ora, nunca foram encontrados cadáveres tão perfeitamente conservados e que apresentassem as características do vampirismo como os dos que tinham sido apontados pelas pessoas atacadas em sonho.

Essas duas evidências parecem marcar os limites duma conclusão desprovida de qualquer romantismo ou imaginação desregrada, infelizmente...

Índice

<i>Introdução</i>	1
1 Os vampiros e sua lenda.....	3
2 O desdobramento dos vivos	13
3 A materialização do duplo	29
4 O duplo pode agir sobre a matéria	38
5 A ciência perante a morte.....	43
6 O mistério do sangue	48
7 Os mortos-vivos	52
8 Os vampiros da Hungria, Boêmia e Morávia.....	69
9 Os autos oficiais.....	83
10 A pseudo-mordedura do vampiro	91
11 A insensibilidade do duplo do vampiro	98
12 A vida possível dentro do túmulo	103
13 O vampirismo dos vivos	106
14 O vampirismo perante a astrologia	109
15 Os ritos de proteção	113
<i>Conclusão</i>	121

Obras do mesmo autor

Eléments d'astrologie scientifique: Etoiles fixes, comètes et eclipses. Beetmale, edit., Paris, 1936 (esgotado)

Traité d'astrologie esotérique, tomo 1 (Lales Cycles). Aydar, edit., 1937

Eléments d'Astrologie scientifique: Lilith, second satellite de la Terre. Niclaus, edit., 1938 (esgotado)

Traité d'astrologie esotérique, tomo 2 (L'Onomancie). Aydar, edit., 1938 (esgotado)

Dans t'ombre des cathédrales (estudo sobre o esoterismo arquitetural e decorativo de Notre-Dame de Paris). Aydar, edit., 1939 (esgotado)

La géomancie magique. Aydar, edit., 1940 (esgotado)

Adam, Dieu Rouge: La goose des ophites. Niclaus, edit., 1941 (esgotado).

Traité d'astrologie esotérique, tomo 3 (L'astrologie lunaire). Niclaus, edit., 1942 (esgotado)

Au pied des menhirs (ensaio sobre o Celtismo). Niclaus, edit., 1945 (esgotado)

La Franc-Maçonnerie occultiste et mystique: le Martinisme. Niclaus, edit., 1948

Le martinisme contemporain et ses origines. Niclaus, edit., 1948 (esgotado)

Les triades celtiques, 1948.

La talismanie pratique. Niclaus, edit., 1950 (esgotado)

Les Tarots, comment apprendre à les manier. Niclaus, edit., 1950 (esgotado)

La kabale pratique: Introduction à la théurgie. Niclaus, edit., 1951 (esgotado)

Les visions et les rêves. Niclaus, edit., 1953 (esgotado)

Templiers et Rosa+Croix (introdução ao iluminismo). Athar, edit., 1955 (esgotado)

Le Dragon d'Or (aspectos ocultos da pesquisa dos tesouros). Niclaus, edit., 1958 (esgotado)

La Notion gnostique do démiurge dans les écritures. Adyar, edit., 1959 (esgotado)

La magie sacrée d'Abramelin le Mage (segundo o manuscrito do Arsenal). Niclaus, edit., 1959

L'alchimie spirituelle, tomo 1 (Technique de la Voie intérieure). La Diffusion Scientifique, edit., 1961

Le cristal magique ou la magie de Jehan Trithème. Niclaus, edit., 1962

L'abbe Julio, sa vie, son oeuvre, sa doctrine. La Diffusion Scientifique, edit., 1962

Sacramentaire du Rosa+Croix. La Diffusion Scientifique, edit., 1964

Traits des interrogations célestes, tomo 1 (L'Astrologie horaire). Niclaus, edit., 1964

Céremnies et rituels de la maçonnerie symbolique, Niclaus, edit., 1957

Jésus ou le mortel secret des templiers. Roberto Laffont, edit., 1971

La vie secrète de saint Paulo. Roberto Laffont, edit., 1971

Les lourds secrets du Golgotha. Roberto Laffont, edit., 1974

Scala philosophorum, ou la symbolique des outils dans l'art royal. Prisma, edit., Paris, 1975

Berénice ou le sortilège de Béryte (romance). Roberto Laffont, edit., 1976